

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

RAPHAEL BERNARDES

**TEMPOS ONÍRICOS: ARTICULAÇÕES ENTRE SONHOS, POLÍTICA E SAÚDE
MENTAL**

SÃO PAULO

2022

RAPHAEL BERNARDES

**TEMPOS ONÍRICOS: ARTICULAÇÕES ENTRE SONHOS, POLÍTICA E SAÚDE
MENTAL**
(Versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Paulo Antônio de Campos Beer

SÃO PAULO

2022

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Bernardes, Raphael

Tempos oníricos: articulações entre sonhos, política e saúde mental / Raphael Bernardes;
orientador Paulo Antonio de Campos Beer. -- São Paulo, 2022.

155 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) - Instituto
de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Sonhos. 2. Política. 3. Psicologia Social. 4. Saúde Mental. 5. Psicanálise. I.
Antonio de Campos Beer, Paulo, orient. II. Título.

*Para Eva,
quem me ensinou sobre a importância de sonhar e compartilhar.*

Agradecimentos

Ao Paulo Beer, que ao assumir um papel de orientador se fez presente com todo o carinho, cuidado e rigor necessário ao andamento da pesquisa.

Aos membros do grupo de pesquisa: Lívia, Jéssica, Fábio, Vinicius e Beatriz, pelas leituras atentas e pela parceria desenvolvida. A Júlia Ferry, pela jornada compartilhada ao longo da pesquisa.

A banca, Jaquelina Imbrizi e Gilson Iannini, pelas contribuições e apontamentos, os quais escutei com muito carinho desde a qualificação até a defesa.

A minha mãe, Eva. A minha irmã Fernanda e ao meu irmão Eduardo. Minha base afetiva. Pessoas que me ensinaram sobre o amor e sobre a troca de afeto.

A todos os meus amigos e amigas leitores da pesquisa, em especial para: Marcela, Caru, Paloma, Bruno, Isa Chen, Ana Elisa, Alba, Fran Rocha, Ju Rezende.

Aos companheiros e companheiras de trocas cotidianas, afetivas, acadêmicas e de sonhos: Luick Cardoso, Vandressa Veline, Gabriella Fares, Raissa Moraes, Gustavo Nunes, Bru Diogo, Bartira, Júlia Conceição, Cica Moura, Carol Dias, Beatriz Barros, Rafael Parigi, Isabella Santilli, Cezar Augusto, Natália Cunha, Júlio Alves, Isa Longui, dentre outras pessoas.

Aos meus professores da graduação, Patricia Porchat, Edson Oliveira, Christiane Carrijo, Érico Viana, Lúcia Leite.

Ao Bruno Pinho (*in memoriam*).

Aos funcionários e funcionárias do Instituto de Psicologia (IP) e da Seção de Pós-Graduação do IP e do programa de Pós-Graduação em Psicologia Social.

Ao professor Wellington Zangari, pelo amparo em momentos cruciais.

Aos colegas do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo.

Aos professores e colegas do curso de formação em Acompanhamento Terapêutico do Instituto A Casa.

A Lígia Maciel, pelo cuidado com as palavras.

A Luciana, pela escuta.

Aos meus pacientes.

A todas as pessoas que de alguma forma compartilham seus sonhos comigo.

Sem o coletivo essa pesquisa não seria possível.

Resumo

BERNARDES, R. (2022). *Tempos oníricos: articulações entre sonhos, política e saúde mental*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Os sonhos têm um papel de fundamental importância em diversas culturas e organizações sociais, e sempre estiveram presentes ao longo da história da humanidade. Seu conteúdo e sua constituição podem ser excelentes balizadores sociais e uma forma de dizer não apenas de quem sonhou, mas também do contexto cultural e político no qual está imerso. Com isso, o objetivo dessa pesquisa é propor uma leitura que articule sonhos, política e questões que envolvem a saúde mental individual e coletiva, explorando tanto a constituição do conteúdo onírico quanto a potência de trabalhar com sonhos a partir da Psicologia Social. Para tal, não basta apenas atentar-se ao sonho: é necessário o tensionamento dialético de todo o processo de sono-vigília que o atravessa e do contexto cultural e social ao qual estão submetidos esses sonhos que são produzidos. Assim, a leitura que esta pesquisa se propõe a fazer se dá a partir da construção dos tempos lógicos do sonho, algo que será denominado como *tempos oníricos*. Ou seja: uma leitura de que a constituição dos seres falantes e de suas produções oníricas tem uma potência e pode ser um dizer, estruturado em camadas, que está intimamente ligado à dimensão sociopolítica. Portanto, os tempos oníricos são: (1) dormir; (2) sonhar; (3) despertar e (4) compartilhar, sendo que cada um dos tempos está relacionado dialeticamente com o outro. Para estruturar os tempos oníricos, os conceitos base e fundamentais que atravessam a pesquisa se dão a partir das noções de memória, elaboração, interpretação, implicação e tempo. Com isso, é proposto uma leitura que tome o sonho, e seus atravessamentos, como um material de trabalho para a Psicologia Social.

Palavras-chave: Sonhos; Política; Psicologia Social; Saúde Mental; Psicanálise

Abstract

BERNARDES, R. (2022). *Oniric times: articulations between dreams, politics and mental health*. Masters Dissertation, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Dreams play a fundamentally important role in different cultures and social organizations, and have always been present throughout human history. Its content and constitution can be excellent social beacons and a way of saying not only who dreamed of it, but also the cultural and political context in which it is immersed. With this, the objective of this research is to propose a reading that articulates dreams, politics and issues that involve individual and collective mental health, exploring both the constitution of dream content and the power of working with dreams from Social Psychology. For this, it is not enough just to pay attention only to the dream: it is necessary the dialectical tensioning of the entire sleep-wake process that crosses it and of the cultural and social context to which these dreams that are produced are submitted. Thus, the reading that this research proposes to do is based on the construction of the logical times of the dream, something that will be called oniric times. That is: a reading that the constitution of speaking beings and their dream productions has a power and can be a saying, structured in layers, which is closely linked to the sociopolitical dimension. Therefore, the oniric times are: (1) sleep; (2) dream; (3) waken and (4) sharing, each of which is dialectically related to the other. To structure the oniric times, the base and fundamental concepts that cross the research are based on the notions of memory, elaboration, interpretation, implication and time. With this, it is proposed a reading that takes the dream, and its crossings, as a working material for Social Psychology.

Keywords: Dreams; Politics; Social Psychology; Mental health; Psychoanalysis

Sumário

Introdução	10
Sonhos, a vida psíquica e o inconsciente	11
Os sonhos como um dizer que apontam para o presente	14
O oráculo da história: um dizer que aponta para o futuro	16
Os sonhos e a memória: um dizer que aponta ao passado	17
O sonho é a política	19
O sonho e o tempo	22
Tempos oníricos	25
A estrutura da dissertação	26
1 Tempo de Dormir	29
Se preparando para dormir	29
1.1 Encruzilhadas epistemológicas do sono	29
1.2 Dos saberes ancestrais	31
1.2.1 O rompimento com os saberes ancestrais	37
1.3 A vida precisa de pequenas mortes	39
1.4 Vinte e quatro por sete	42
1.5 A arquitetura social do sono e a importância coletiva da memória	46
1.6 A política do sono	49
1.7 Tempo de dormir	53
2 Tempo de Sonhar	60
Introdução à cartografia onírica	60
2.1 O mapa da elaboração onírica	61
2.1.1 Uma viagem pelo cosmos	63
2.1.2 Sonhos, morte e luto	64
2.1.3 Um simulador de trajetos	66
2.1.4 A dimensão sociopolítica dos sonhos	68
2.1.5 Sonhos e trauma: quando o passado se faz presente	70
2.2 Questões epistemológicas sobre o trabalho com sonhos	74
2.2.1 Sonho como bússola	76
2.3 Uma via de acesso à interpretação estrutural	78
2.3.1 O trabalho do sonho e a distorção onírica	80
2.3.2 A estrutura da cena onírica e a disposição de seus elementos	83
2.4 Uma interpretação compartilhada	87
2.5 Tempo de sonhar	90
3 Tempo de despertar	96
A hora do pesadelo	96
3.1 Quando o sono acaba: distinções entre o acordar e o despertar	96
3.2 Os requisitos a um despertar	99
3.2.1 A implicação	99
3.2.2 Elementos oníricos em vigília	102

3.3 As camadas de um despertar	104
3.3.1 Um despertar possível em Freud e Lacan	105
3.3.2 O impossível do despertar	106
3.3.3 Um despertar político	107
3.4 O pesadelo à luz do dia	109
3.4.1 A hora do pesadelo social	112
3.5 O despertar como um operador em face ao pesadelo social e à dimensão sociopolítica do sofrimento	114
3.6 Um horizonte pintado com futuros sonhados	117
3.7 Tempo de despertar	120
4 Tempo de Compartilhar	123
Introdução ao campo da partilha	124
4.1 O perigo de uma narrativa única	124
4.2 O sonho como uma narrativa	126
4.3 Quem escuta os sonhos? Sobre a construção de uma rede de troca e afeto	128
4.3.1 Por uma escuta em rede	128
4.4 Recordar, compartilhar e elaborar	129
4.4.1 O infamiliar do sonho	130
4.5 Sonhos, grupos e processo grupal	131
4.6 O trabalho de elaboração coletiva e compartilhada	136
4.7 Tempo de compartilhar	139
Conclusão	142
Referências bibliográficas	148

Introdução

Os saberes que circulam o campo onírico são tão antigos quanto as próprias organizações sociais e comunitárias dos seres humanos. Dentro desse escopo estão os mais diversos discursos, uma vez que os sonhos sempre tiveram um forte valor no imaginário social, em todos os continentes e nas mais diversas épocas (Costa, 2006; Ribeiro, 2019; Freud, 1900/2019). É nesse cenário que está inserida essa pesquisa, cujo objetivo principal é propor uma leitura que articule sonhos, política e questões que envolvem a saúde mental individual e coletiva, explorando tanto a constituição do conteúdo onírico quanto a potência de trabalhar com sonhos a partir da Psicologia Social.

As áreas que passam pelo campo dos sonhos vão desde as ciências humanas às biológicas. Das religiões ocidentais às orientais. Dos egípcios aos neurocientistas. Dos povos indígenas aos religiosos contemporâneos. Da psicologia à antropologia. Astrologia, saberes holísticos e místicos também se debruçam sobre o universo dos sonhos. Ao fazer uma breve retomada pela história dos sonhos é possível encontrar construções culturais importantes, como a crença para a população da Grécia antiga dos sonhos representarem as intenções dos seres divinos. Nix, a deusa da noite, teve muitos filhos, dentre os quais destacamos: Hipnos, o deus do sono; seu irmão gêmeo Tânato, a personificação da morte e também Lissa, representando a loucura. Já Morfeu, o deus do sonho, é filho de Hipnos. O sono é filho da noite, irmão da morte e da loucura, além de ter o sonho como filho¹ (Ribeiro, 2019).

Essas representações mitológicas e culturais, bem como suas correlações, apontam para uma outra representação: a discursiva, que opera com esses conceitos na linguagem. O sono na Grécia antiga era associado, com um grau de parentesco, à morte. E para os gregos não há só uma familiaridade mitológica, mas também uma possível articulação discursiva entre loucura, sonhos e morte.

Para alguns dos povos indígenas, o sonho assume um papel de interlocução com o mundo espiritual, visto que sonhar com pessoas falecidas é algo comum e frequente (Limulja, 2022; Gonçalves, 2019). Para muitos dos povos nativos do continente americano, o sonho é um meio de comunicação com os mortos, compondo um momento fundamental para a compreensão do luto e também da ancestralidade, uma vez que são nos sonhos que ocorrem revelações, conselhos, previsões e trabalhos espirituais (Kopenawa & Albert, 2015; Krenak,

¹ Há algumas variações dessa configuração familiar mitológica na qual Hipnos e Morfeu são irmãos, e não pai e filho.

2022a; Ong, 1981). Esse momento é de extrema importância, de modo que em muitos dos rituais realizados pelos povos indígenas são utilizadas substâncias que induzem os indivíduos a um estado similar ao estado onírico para acessar conteúdos e elucidações fundamentais para a condução da vida². Ou seja, a crença de que em estado onírico é possível abrir margem para trabalhos é acompanhada por muitas gerações (Ribeiro, 2019; Limulja, 2022; Costa, 2006).

O pesquisador Sidarta Ribeiro produz um trabalho, publicado em 2019, intitulado “*O Oráculo da Noite: a história e a ciência do sonho*” no qual é feito um apanhado histórico e um passeio pelas diversas representações possíveis que foram feitas ao longo da humanidade:

A obtenção em sonho de autorização divina para justificar atos na realidade perpassa todo o nosso passado histórico. O caráter divinatório do sonho está presente nos principais textos remanescentes da Idade do Bronze (entre 5 mil e 3 mil anos atrás), como o Livro dos mortos egípcio e a Epopeia de Gilgamesh suméria. Além disso, está fartamente presente na *Ilíada*, na *Odisseia*, na *Bíblia* e no *Corão*. Reza a tradição que Maya, mãe do mais conhecido de todos os Budas, engravidou dele após sonhar que um elefante branco com seis presas de marfim descia dos céus e a penetrava [...] Da mesma forma, reza a lenda que a concepção do filósofo chinês Confúcio ocorreu após sua mãe sonhar com um deus guerreiro e ser por ele fecundada. (Ribeiro, 2019, p. 22).

Esse campo se mostra como uma espécie de caleidoscópio em que convergem diversas vias, evidenciando a construção de um tipo de saber. Seja este saber empírico positivista, místico, das ciências humanas ou biológicas, o importante não é destacar qual tem mais embasamento ou está próximo de uma “verdade”, mas sim apontar justamente às representações culturais, filosóficas e éticas que entram em cena. A partir de uma relação dialética entre a oscilação de saber e não saber sobre um determinado objeto, há uma investida de discursos, linguagens e demais tentativas de circunscrever e desvendar os mistérios provocados pelo objeto em questão. O sonho e o saber que se cria ao seu redor, na tentativa de compreendê-lo, juntamente com alguns outros temas, acaba se mostrando como um reflexo da cosmovisão da estrutura social. As modalidades de representação estão relacionadas com a cultura (Costa, 2006), e com os sonhos isso ganha um percurso desafiador justamente por ser alvo de tanta investida, por vias tão diversas.

Sonhos, a vida psíquica e o inconsciente

Há diversos pensadores, de longa tradição, que se propõem a tecer uma formalização teórica e a se debruçar sobre o mundo de Morfeu³. Mas das teorias formalizadas, há uma que

² Alguns dos povos da região amazônica fazem o uso da Ayahuasca em rituais de cura, purificação e busca por conhecimento.

³ Teóricos que passam por Aristóteles, Artemedouros, Santo Agostinho, Platão, dentre outros.

nasce justamente nesse bojo. A psicanálise nasceu com *A Interpretação dos Sonhos* em 1900, sendo neste livro que Sigmund Freud postula alguns princípios norteadores sobre a importância dos sonhos e a sua relação com a vida psíquica. É nessa obra que são apresentados alguns dos principais pressupostos psicanalíticos, como a noção de inconsciente e também o funcionamento da vida onírica, em termos teóricos/conceituais e metodológicos. Um dos pilares psicanalíticos e principal fundamentação teórica na qual essa pesquisa se sustenta é do funcionamento do sonho como homólogo ao aparelho psíquico (Freud, 1900/2019).

Dada essa importância, não é à toa que a teoria dos sonhos não só acompanha as reformulações na teoria psicanalítica, como também impulsiona tais transformações (uma vez que Freud mudou a lógica de funcionamento do aparelho psíquico e também revisitou a concepção do funcionamento da vida onírica). Ao todo foram feitas oito revisões, pelo próprio autor, neste livro inaugural; e nos momentos mais críticos de reformulação de sua teoria, os sonhos estavam presentes. Freud fez alterações importantes na sua concepção de aparelho psíquico, fundamentando assim a segunda tópica, evidenciando, então, a relação entre trauma, sonho e aparelho psíquico na concepção psicanalítica - partindo dos relatos de veteranos de guerra e os seus respectivos sonhos repetitivos⁴.

O surgimento desta nova teoria ocidental do século XX representa um importante marco, pois levanta questões centrais para o estudo dos sonhos, das quais há que ser destacado: (1) o sonho é a tentativa alucinatória de realização do desejo recalado; (2) o funcionamento do trabalho dos sonhos é homólogo ao funcionamento psíquico, operado pelos seguintes processos: condensação, deslocamento, representabilidade e inteligibilidade, sendo que este último processo tem fortes relações com a vigília; (3) o sonho é a via régia de acesso ao inconsciente; (4) o sonho é o guardião do sono, e por último; (5) há relação entre os sonhos e os restos diurnos (Kaes, 2004). Assim, se faz necessário explorar cada um desses pontos.

Provavelmente a proposta mais difundida e clássica da psicanálise é do sonho como uma tentativa - alucinatória - de realização do desejo. Apesar de não ser uma ideia exclusivamente freudiana, a originalidade está justamente na concepção de desejo e na noção de inconsciente que está articulado. Na linguagem popular é possível ver representações que exemplificam o tema, uma vez que é muito comum propagandas dizendo “realizamos seus sonhos”. Na frase, a palavra sonho está como sinônimo da palavra desejo. Não é diferente

⁴ Em seu trabalho *Além do princípio do prazer*, Freud parte do relato dos veteranos de guerra que tinham sonhos repetitivos em relação às cenas vividas na primeira guerra mundial (1916-1919), o que coloca em xeque o princípio do sonho apenas como realização do desejo. Assim, se debruça mais sobre a temática do trauma e suas elaborações.

quando alguém diz “eu tenho o sonho da casa própria”. Assim, é através do trabalho dos sonhos que o inconsciente se manifesta na tentativa alucinatória de realização do desejo. Essa é a proposta central dos sonhos nesse momento da obra freudiana. A palavra “alucinatória” é de extrema importância, pois marca a propriedade de deformar, projetar e aglutinar que entra em jogo.

Ao propor uma teorização sobre os sonhos, Freud coloca que há quatro mecanismos básicos e fundamentais para o trabalho dos sonhos: condensação, deslocamento, representabilidade e inteligibilidade (ou elaboração secundária). No primeiro mecanismo (condensação), há um aglutinado de representações de imagem e de linguagem em uma mesma figura (Freud, 1900/2019). Duas ou mais representações que tenham um traço em comum são unificadas em uma mesma imagem, algo que pode aparecer como a clássica sensação da casa amarela no sonho ser sua própria casa, mas também ser a casa dos avós. Já o deslocamento funciona quase que por uma lógica inversa. Uma representação de imagem unificada para o sonhador é quebrada e fragmentada, e seus estilhaços aparecem de maneira isolada no sonho (Freud, 1900/2019). Esse mecanismo está relacionado ao deslizamento das representações que são feitas ao apresentar um objeto, que durante as produções noturnas muitas vezes aparecem com uma presença aleatória de um objeto desconexo com o contexto que está sendo sonhado: durante uma perseguição policial, surge uma bola de vôlei em cima do capô do carro.

O mecanismo de representabilidade (ou figurabilidade) é apresentado também como um dos operadores da elaboração primária dos sonhos e, por mais que Freud tenha se detido pouco em explorar esse mecanismo, esse operador se mostra um dos principais pontos-chaves para essa pesquisa. A representabilidade é aquilo que Freud (1900/2019; 1901/2021) aponta como a forma como os elementos são construídos na cena do sonho. É a perspectiva, a montagem da cena em si. Onde está cada um dos elementos, e mais importante, onde está o sonhador em relação a eles. Não é só dizer “havia um prédio enorme”, mas apontar para a questão: onde estava esse prédio? Em cima? Em baixo? longe? perto? A pessoa estava dentro? Tal mecanismo é crucial para abordar o estudo dos sonhos em sua dimensão compartilhada.⁵ Já a inteligibilidade (ou elaboração secundária) diz respeito à construção de uma cadência narrativa para o sonho. Esse mecanismo cumpre uma função de tentar tapar os buracos do sonho, criando uma espécie de fachada. Porém, essa fachada está a serviço de

⁵ Esse mecanismo de representabilidade é relido e retraduzido por Christian Dunker et al., (2021) como "apresentação perspectiva" de tal forma que abre margem para seguir com o estudo desta pesquisa.

manter o sonho disfarçado. Tal mecanismo também é de muita importância para essa pesquisa e será abordado ao longo dos próximos capítulos.

É justamente nesse ponto que se elucida a proposta do sonho como via régia de acesso ao inconsciente (Freud, 1900/2019). Dentre as representações e manifestações do inconsciente (sonho, chiste e ato falho), por que o sonho seria essa via tão crucial? Pois é nos sonhos que há uma gama de possibilidades de acesso aos conteúdos deformados/disfarçados e a suas relações com algo da ordem do desejo; as associações livres de palavras que se criam ao narrar o ato noturno só poderiam conduzir às representações do inconsciente. Assim, a associação livre se consolida como um método não apenas de acesso a interpretação dos sonhos, mas um método da própria psicanálise. Um pressuposto de que o indivíduo, sem pensar, possa percorrer com palavras em cima dos elementos que surgem nos sonhos, resgatando memórias ou estabelecendo relações entre os elementos sonhados. Apostando, assim, que tal associação conduz às representações inconscientes (Freud, 1900/2019; 1901/2021).

O sonho como guardião do sono também é fundamental para se estabelecer qual o embasamento teórico e metodológico que será abordado nesta pesquisa. Nesse ponto aborda-se a separação entre o sono e o sonho, sendo eles processos distintos, mas que estão imbricados. Um é guardião do outro - são dois em uma mesma cena. Não se trata apenas de dormir, mas também de sonhar, tendo este segundo uma importância ímpar para a vida psíquica (Cheniaux, 2006). Assim, há a necessidade de compreender uma leitura entre dormir e sonhar como processos distintos, mas que sustentam uma mesma lógica da vida psíquica.

Os sonhos como um dizer que apontam para o presente

A proposta de que os sonhos se apresentam, dentre os outros elementos, com restos diurnos pode parecer banal na atualidade por já ser uma constatação difundida, mas foi e é de fundamental importância, pois é justamente nesse ponto em que se mostra que há uma relação intrínseca entre a vigília e o sono. Um não pode ser pensado sem o outro. Sendo essa contribuição freudiana retomada e utilizada como base de muitas pesquisas na área das neurociências contemporâneas, após uma onda de recusa na importância dos sonhos nas áreas biomédicas⁶.

Por isso, neste ponto ancora-se a concepção de que há um ciclo entre os processos de sono e vigília. Sonha-se com uma vasta gama de combinações de elementos, dentre os quais

⁶ Para mais detalhes, acessar a referência (Cheniaux, 2006).

estes podem ser figuras, ideias e imagens das quais atravessam a vida dos sonhantes. Provavelmente os homens das cavernas não sonhavam com o Cebolinha (da Turma da Mônica) dançando macarena em cima de um jet ski, mas sim com questões que os atravessavam naquele momento, provavelmente relacionadas a caça, fuga de predadores, vínculos e laços sociais que eram feitos e desfeitos naquele momento. Sonha-se com representações que povoam a cultura e o próprio inconsciente. Sonha-se, dentre outras coisas, com um fim de tentar (alucinatoriamente) realizar de maneira disfarçada um desejo inconsciente, com representações e questões que estão presentes na vida em vigília. Mas os sonhos não dizem apenas do sonhador e de seus desejos e fantasias. Os sonhos também podem dizer do entorno. Do cultural e social (Dunker, 2017; Santos, 2019; Rosa et al., 2021). Assim, vemos:

Com isso, percebemos que as formas de representá-los [sonhos] resultam de diferentes construções culturais. Nos desdobramentos da cultura ocidental a “intimidade” ganha relevo, perdendo-se grande parte do sentido trágico e social que a suposição de um destino trazia. Por essa razão, o sonho passou a ter uma significação individual. Nesse contexto, a psicanálise surge como um campo singular de abordagem. O trabalho analítico deu outro estatuto aos sonhos, resgatando-os da aparente dicotomia que a contraposição destino versus indivíduo lhes deu ao longo de séculos. (Costa, 2006, p. 07)

Em diálogos com a psicanálise, Fanon, em seu livro *Pele negra, máscaras brancas* (2008), se utiliza dos sonhos de indivíduos para sustentar uma discussão sobre a opressão colonial e discriminação racial, bem como seus efeitos na subjetividade e no psiquismo das pessoas em questão. O autor parte dos sonhos para argumentar a respeito do impacto das políticas históricas e estruturais na vida psíquica, colocando as produções oníricas como uma espécie de balizadores de como há um atravessamento político nas subjetividades.

Fanon destaca que havia civilizações antigas que tinham o hábito de contar seus sonhos em espaços públicos para as demais pessoas presentes e, dependendo do conteúdo dos seus sonhos, serem punidas pelos conteúdos sonhados (como se estivessem em vigília), tamanha a importância que era dada aos sonhos e ao inconsciente (Fanon, 1968; Fanon, 2008). Assim, abrem-se diversos caminhos que podem sustentar um trabalho com os sonhos. Mais uma vez os conteúdos oníricos são usados para sustentar uma discussão que não é só individual, mas também calcada em conteúdos que dizem respeito ao contexto sociopolítico em que foi sonhado. O sonho não aponta apenas para quem o sonhou, mas também para o entorno. Sonhar é um dizer do tempo presente. Este ponto será retomado.

O oráculo da história: um dizer que aponta para o futuro

Durante seis anos (1933 a 1939) a jornalista Charlotte Beradt fez um trabalho de recolher material relacionado ao contexto político da época em que vivia, o terceiro Reich em ascensão. Seu objetivo era trazer à tona questões sobre a ideologia disseminada pelo governo, bem como a forma com a qual a população sentia o clima político. A coleta do material aconteceu do momento em que Adolf Hitler assumiu o cargo de chanceler do Reich no Estado alemão (1933) até o início da segunda guerra mundial (1939), pois a jornalista, de origem judia, precisou se exilar do país devido ao início da perseguição aos judeus e por estar ligada ao Partido Comunista. O fato é que durante seu trabalho Beradt coletou, dentre outras coisas, cerca de 300 sonhos. Esse trabalho só foi revisitado pela autora anos depois e divulgado em 1966, no livro “Sonhos no Terceiro Reich: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler”.

O livro se consagra como um material histórico importante sobre a tensão sentida pela população no início de uma Alemanha pós Primeira Guerra, prestes a adentrar em outra, não só mundial, mas uma guerra ideológica e ética. Nos trezentos sonhos que coletou, havia uma série de materiais de suma importância a respeito do cenário de horror instaurado na época, sendo que há alguns elementos marcantes e dignos de desenvolver mais desdobramentos. As marcas presentes em muitos desses sonhos angustiantes traziam à tona elementos do contexto alemão que ainda não estavam postos como políticas de governo na sociedade. Era como se nos sonhos já houvesse uma prévia do horror que estaria por vir (Dunker, 2017; Beradt, 2017).

Em relatos de sonhos em primeira pessoa, é possível encontrar diversos conteúdos que diziam sobre o contexto em questão. Sonhos de vigilância, violência, despedidas, mortes, desconfiança, medo e questões raciais puderam ser escutados. Evidenciando que os sonhos apresentam materiais dos discursos da cultura, mesmo que estes ainda não sejam captados de forma consciente. Uma das questões intrigantes a respeito desses conteúdos, que por muitas vezes se fazem explícitos, é que eles precedem o momento auge da ascensão e ideologia nazista, e também antecedem a própria guerra que teria seu início em 1939, e fim em 1945. É possível fazer uma leitura na qual muitos desses sonhos apresentam elementos típicos e mundialmente conhecidos da Alemanha fascista como, por exemplo, os campos de concentração, mesmo antes desses conteúdos se tornarem escrachados socialmente:

Fritz, que tem cabelos e olhos negros, luta com um louro. Apesar de eu saber que é idiotice, pois ele tem que perder, apesar de eu saber que ele me dá pena, observo a cena com alegria

e prazer. Pelo menos ele tentou defender os morenos. No final, ele está morto. Sonho frequentemente com isso, com pequenas alterações. (Beradt, 2017, p. 102)

Meu namorado é atacado e eu não o ajudo. Ele é levado em uma maca e tem o mesmo rosto pálido e comovente da aula sobre raças. Mas seu corpo é um esqueleto – e apenas no lugar do pescoço resta, dependurado, um pedaço de carne que sangra. Digo para mim mesma, tentando me consolar: ‘Mas isso é propaganda, é um cartaz antigo contra Hitler.’” [em 1932 existiu em um cartaz assim, contra Hitler, em que se mostrava um esqueleto.] (Beradt, 2017, p. 90)

Estou em um campo de concentração, mas todos os prisioneiros passam muito bem, participando de jantares e assistindo a peças teatrais. Penso que é muito exagerado o que se ouve falar sobre os campos e então me olho no espelho: uso o uniforme de um médico de campo de concentração e botas altas especiais, que cintilam de tão brilhantes. Encosto-me no arame farpado e começo a chorar de novo. (Beradt, 2017, p. 79)

Na obra, a autora expõe e cria uma série de categorias de análises sociais para tecer relações com o contexto da época. É justamente neste ponto que há um tensionamento importante: a partir de uma perspectiva contemporânea, essas categorias podem ser lidas como uma espécie de um termômetro do que circulava no imaginário social. Sonhavam com aquilo que sentiam do mal-estar.

Muitos desses elementos do mal-estar podem ser lidos sob a perspectiva de que nessa tradução onírica há um funcionamento probabilístico nos sonhos, em uma tentativa de elaboração desses conteúdos. É como se houvesse, intencionalmente, a tentativa de antecipar questões que estão no devir. As explicações e leituras para tal fenômeno são diversas. Há cientistas que dizem que o sonho funciona como uma espécie de análise probabilista com a finalidade de se precaver e se preparar para situações adversas (Ribeiro, 2003). Religiões dizem que é um presságio divino (Leite, 2013). Povos indígenas dizem que é um alerta do mundo espiritual (Limulja, 2022). Há claramente uma relação entre os sonhos e a interpretação do que está por vir. Sonhar também é um dizer do tempo futuro. Este ponto será retomado.

Os sonhos e a memória: um dizer que aponta ao passado

O trabalho com os sonhos deve ser tomado não somente em um plano individual, mas também como um objeto de estudo dentro do campo da Psicologia Social e Comunitária:

Sonhos são fenômenos que revelam elementos oníricos do mundo do sonhador, mas também podem revelar um material que diz respeito a um campo compartilhado, por exemplo, uma comunidade. Sonhos são invisíveis e imateriais, mas ganham imagens e concretude quando narrados e partilhados. (Gonçalves, 2019, p. 15)

Os saberes sobre os sonhos sempre estiveram em alta, mas com uma certa popularização a respeito dos estudos oníricos no campo científico e o surgimento de novas tecnologias médicas, o ciclo de sono-vigília-sono se tornou objeto de pesquisas de maneira mais delineada, empírica e replicada. Não tardou para a neurociência compor este campo com algumas contribuições que podem ser interessantes de destacar. Mesmo dentro desse campo científico há diversas linhas teóricas, sendo que nesta pesquisa o interesse prevalece em estudos que apontam uma correlação do ciclo vigília-sono e o processo de sonhar como um material rico da vida psíquica e neurológica dos indivíduos⁷. Importante pontuar que muitos são os estudos contemporâneos que retomam pressupostos psicanalíticos e os sustentam dentro do campo da neurociência, tal como a noção dos restos diurnos e também a relação dos sonhos com a memória (Cheniaux, 2006; Ribeiro, 2019).

Pesquisas recentes apontam que há relações entre os sonhos e a memória. O neurocientista Sidarta Ribeiro (2019) diz que “o sonho é um simulacro da realidade feito de fragmentos de memórias” (p. 14). Neste ponto, parte da neurociência contemporânea está de acordo com as produções psicanalíticas, uma vez que Freud sustenta o ponto de que as memórias são como o esqueleto dos sonhos (Freud, 1900/2019). Durante o sono, o cérebro produz hormônios e ativa neurotransmissores responsáveis não apenas pelo descanso, mas também vitais para o processo de consolidação e descarte de memórias de curto e de longo prazo. Além de reorganiza-las, produz novas conexões e insights, afinal “o sono REM é vital para quem precisa aprender muito” (Ribeiro, 2019, p. 130), dado que este próprio autor conduz diversos estudos apontando que o sono regenerativo está intimamente relacionado ao aumento de aprendizado e desempenho escolar. Para a neurociência, o ciclo do sono pode ser dividido em duas grandes fases: sono REM (Rapid Eye Movement) e sono non-REM - ou nREM -, sendo este último subdividido em outras fases. Em uma tentativa de mapeamento das funções neurológicas durante o descanso noturno, há diversos experimentos importantes que apontam que o sonho acontece em dois momentos: no primeiro sono leve (início da noite) e durante o sono REM, a mais intensa da produção onírica (Fernandes, 2006). É justamente nesse momento de intensidade em que o cérebro ganha uma atividade neuronal forte, marcada pela forte repetição dos movimentos dos olhos, diversas sinapses e reorganização cerebral das memórias.

⁷ Há uma corrente de pesquisadores na neurociência, segundo Ribeiro (2019), que questionavam a importância onírica para o psiquismo e tentavam derrubar os pressupostos dos estudos que destacam os sonhos como fundamental para o aparelho psíquico, tal como Robert Vertes e Jerome Siegel.

Cientistas das áreas biológicas defendem que a função evolutiva do sonhar também está relacionada com a via das memórias. Os primeiros seres (bactérias) não dormiam, e com a evolução das espécies em algum momento passaram a dormir, mas não necessariamente a sonhar - visto que anfíbios, répteis e aves não apresentam marcadores significantes de sono REM. O sono e o sonho entram como uma função de sobrevivência com força nos mamíferos e assumem um forte papel coletivo para essas espécies, uma vez que esses animais passam a ter a necessidade de reorganizar as memórias por viverem sob a lógica da caça, mas também por viverem com a necessidade de obter novos aprendizados.⁸ Assim, o dormir e o sonhar assumem um papel coletivo: reorganizar as memórias para então transmiti-las (Ribeiro, 2019). Há um processo coletivo de construção da memória. Há uma relação entre a transmissão de cultura, linguagem, medos e desejos com a crescente do sonhar, de tal modo em que não é possível dizer se avançamos enquanto civilização porque sonhamos mais, ou se sonhamos mais porque tentamos avançar coletivamente (Ribeiro, 2019). Quando é narrado um sonho, é também dito sobre as representações de memórias que estão presentes para o sonhador. Sonhar é reorganizar e consolidar memórias. Sonhar é um dizer do tempo passado. Este ponto será retomado.

O sonho é a política

Com a disseminação da teoria psicanalítica pelo mundo e as suas perspectivas, interpretações e métodos de trabalho com os sonhos, não tardou para que fossem feitas novas articulações, avanços e discussões com outras áreas do saber. Para esta pesquisa, uma das releituras que será utilizada é a da psicanálise lacaniana. Lacan faz uma releitura da psicanálise freudiana e coloca como central o papel da linguagem para a teoria, pois trabalha com a noção do sujeito que se constitui na relação com o Outro (o representante da linguagem). No campo onírico, os conceitos de condensação e deslocamento são relidos como metáfora e metonímia, respectivamente. Isso implica dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, tal como aponta Jakobson (1982).⁹

A grande importância e avanço que há na concepção do pensamento lacaniano é justamente a magnitude de como o sujeito se constitui no social - na linguagem. O espaço do ser falante, do psiquismo e do inconsciente se constitui em íntima relação com o social, atravessado e materializado no Outro da linguagem. Para Lacan, o inconsciente é a política.

⁸ Ribeiro (2019) aponta que animais caçadores entram menos em sono REM (momento que ocorre o sonho). Já animais que são presas e necessitam escapar de situações mortíferas entram mais no estado de sono REM, pois precisam simular e aprender com possíveis cenários futuros que os colocam em risco.

⁹ Lacan não faz grandes apontamentos sobre o terceiro e quarto operadores do trabalho dos sonhos.

Isso tem uma implicação muito importante, pois “o inconsciente ‘é a política’, porque guarda (também) os restos não escritos/não elaborados dos traumas históricos. Ou: inconsciente capta e guarda o não dito e o interdito, tanto na esfera familiar quanto na esfera pública” (Kehl, 2018, p. 08). Partir dessa noção e deste entrelaçamento que há entre inconsciente e política é fundamental para seguir.

Ao retomar a concepção freudiana do sonho homólogo ao psiquismo, há um grande salto na teoria dos sonhos, quando relido pelos pressupostos lacanianos. Se há uma íntima relação entre sonhos e inconsciente, e esse último é a política, como fica o primeiro? O espaço onírico também é constituído socialmente, atravessado pela linguagem. A homologia entre sonhos e psiquismo é o ponto de partida para argumentarmos a favor de que há uma dimensão de ordem social e comunitária nos sonhos. Bem colocado isso, a frase “passamos nosso tempo a sonhar, não sonhamos apenas quando dormimos” (Lacan, 1977, p. 05) ganha novos tons.

Dos pressupostos epistemológicos que essa pesquisa lança mão, um se calca na noção do ser falante constituído na relação com o Outro - na linguagem e também em relação aos demais registros (imaginário e real). Os sujeitos se constituem nos discursos linguísticos, se alienam e se separam em relação à linguagem (Lacan, 1992). Isso faz fincar o pressuposto da materialidade linguística do inconsciente. A linguagem se torna um pilar central para que os humanos possam simbolizar, elaborar, interpretar, significar, alienar e desalienar-se em si e nos outros. A linguagem assume esse estatuto de constituinte da própria consolidação dos humanos em seres falantes, e também assume um papel de ponte e de traslado entre o inconsciente e a materialidade das relações. Assim, é através da linguagem que podemos pensar um trabalho com os sonhos e a Psicologia Social.

Não há acesso ao inconsciente em si, apenas às suas manifestações. Não há acesso ao sonho em si, apenas ao seu relato (já transformado pela inteligibilidade). Isso se mostra fundamental para estabelecer a espinha dorsal que seguirá como norte neste trabalho. O que está sendo trabalhado não é o sonho em si, mas a narrativa que se faz dele. Isso implica em um resgate de memórias e verbalização da experiência noturna. Não é possível tomar como objeto o sonho em si - isso seria impossível... por enquanto¹⁰ - mas sim no banho que lhe é dado com os mais diversos recursos, linguísticos ou não. Entretanto, apontar para o resgate de memórias e construção da cena onírica exige abordar alguns outros pontos. A memória é porosa, falha e sob constantes reformulações e elaborações a partir das experiências vividas. Estabelecer a íntima relação entre sonhos e memória é abordar, também, os sonhos e a

¹⁰ Há estudos preliminares que apontam para um possível mapeamento das sinapses neurológicas dos sonhos. Ver em Mota (2017).

repetição, colocando em xeque pontos cruciais em evidência: o trauma, o mal-estar social e o sofrimento de dimensão sociopolítica.

O trauma é alvo de estudo de diversos autores, principalmente dentro das áreas psicológicas e psicanalíticas. Freud (1920/2010), em *Além do Princípio do prazer*, trabalha a partir das neuroses de guerra, sendo o seguinte cenário: soldados que estavam presentes na primeira guerra mundial apresentavam sintomas que hoje seriam conhecidos pelo quadro de Transtorno do Estresse Pós-traumáticos. Dentre os sintomas, destaca-se os sonhos repetitivos revivendo as cenas da guerra, sendo os conteúdos desses sonhos imagens de membros que foram amputados, explosões e outras situações que eram revividas e (re)experimentadas. Neste contexto, a repetição assume um papel sintomático, apontando que a experiência não foi elaborada. A cena se repete para que seja lembrada e ganhe um outro destino. Se há algo a ser elaborado, é porque a situação ainda não tem uma série de representações linguísticas, emocionais e sociais ao qual se pode remeter a ela sem que ela seja (re)vivida de maneira crua - tal como foi. Sem anteparos (Endo, 2008). Quando há o trauma, falar é, de uma certa forma, remontar a cena. Elaborar.

É evidente que há diversas formas de abordar o trauma, ou um evento traumático - aquele que não tem representação. Assim, esse trabalho de escuta do traumático também se dá em um campo de cunho sociopolítico; para exemplificar será tomado como referência a Ditadura Militar brasileira (1964-1985). Com o fim desses regimes na América Latina, os países com o passar dos anos foram criando suas comissões da verdade, que é um recurso institucional de apuração dos fatos no qual eram escutadas pessoas que foram torturadas e perseguidas (bem como seus familiares). O objetivo dessas comissões é a reparação histórica e deixar uma marca na memória comunitária através de registros oficiais, para que eventos similares não se repitam. Para que seja elaborado. Desta forma, salienta-se que o trauma não se instaura somente nos indivíduos, mas também no coletivo.

Portanto, a memória passa a ser fundamental para os estudos do coletivo, do trauma e dos sonhos. Quando se aborda o traumático, fala-se de indivíduos que não conseguem avançar na elaboração da situação vivida e compartilhar sua experiência é uma tentativa de fazê-lo. É nesse ponto que podemos localizar e trabalhar com alguns sonhos: em um hiato que há entre o traumático, o mal-estar social e o sofrimento de dimensão sociopolítica. No sonho, o inconsciente convoca seu sujeito para ser testemunha da reconstrução da cena fantasmática do trauma; do mal-estar social; do sofrimento de ordem sociopolítica e, depois de acordar, possibilita que haja um tecer narrativo sobre o conteúdo onírico (com fins de elaboração).

Assim, toma-se como base que “(...) um acontecimento traumático desorganiza nossas relações com o espaço e com o tempo. Os sonhos nos mostram isso com especial clareza” (Iannini et al., 2021, p. 71). Há uma possível relação de que haja uma intensidade de produção de sonhos justamente quando há uma cena traumática, seja ela individual ou social (Iannini et al., 2021). O que aponta novamente para a relação que há entre o sonho e sua capacidade elaborativa.

O trauma rompe com a representação da memória no tempo. Uma experiência do passado é vivida e representada como se fosse no presente - sem futuro. Não é possível situar o que seria uma representação de tempo diante do evento traumático e isso também ocorre em um plano sociopolítico. Há que ser destacado que o tempo em psicanálise não se trata de um conceito cronológico, mas sim lógico. Para essa pesquisa, ler os sonhos a partir da sua dimensão compartilhada será uma das formas de lidar com o traumático, e com o mal-estar social.

O sonho e o tempo

Retomando os pontos já citados: sonhar é um dizer do passado, uma vez que está associado ao trabalho de consolidação de memórias. Um dizer do presente, ao evidenciar elementos dos restos diurnos que estão presentes no cotidiano ao qual o sonhador está imerso. É também um dizer do futuro, uma vez que cumpre uma função de tentativa de antecipação de possíveis conflitos e preocupações, com fins de elaboração para essas questões que ainda não ocorreram.

Sonhar é um dizer do passado, do presente e do futuro. Sonhar é um dizer do tempo.

É uma tentativa de se localizar no tempo - se localizar nessa ficção temporal. Mais precisamente, o sonho é um dizer dessa tentativa de localização que inclui as questões que atravessam a vida e que demandam alguma elaboração (disfarçada), tal como os desejos, medos, lutos, amores, fantasias, violências, sexualidade, discriminações, sintomas, neuroses dentre outras questões. Chegou-se em um ponto do texto que é necessário estabelecer qual o princípio epistemológico que será usado para a questão do tempo.

O primeiro ponto resgatado é a concepção freudiana do inconsciente atemporal. Em Freud, dizer que o inconsciente é atemporal não é trabalhar com premonições futurísticas ou adivinhatórias, muito menos dizer que o passado não faz a sua marca pois o inconsciente está “fora” do tempo. A questão que se destaca nesse momento é que o inconsciente - o desejo inconsciente - não é precívél ao tempo. Ele não envelhece. Não perde força. Sua representação não perde importância com o passar dos anos e décadas. Está lá, sempre esteve

e precisa de escuta para seguir (Freud, 1917/2010). Nas palavras do próprio autor, “os processos do sistema Ics são atemporais, isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo, não têm relação nenhuma com o tempo.” (Freud, 1917/2010, pp. 93-94).

Por muito tempo nas tradições filosóficas o tempo foi trabalhado em conjunto com a noção de espaço através de uma representação gráfica. É comum que essa combinação seja representada com uma linha reta, estabelecendo o passado no começo da linha, o presente no meio e o futuro por último. Quando há um tensionamento crítico nessa apresentação, essa representação gráfica não é mais uma linha reta, mas sim uma espiral, porém ainda se mantém uma mesma compreensão progressiva da representação do tempo. Os estudos psicanalíticos colocam essas duas compreensões em xeque.

Ainda que Freud flerte em compactuar com essa compreensão linear de tempo, quando diz “sempre que possível, o trabalho do sonho converte relações temporais em espaciais e as apresenta assim” (Freud, 1932/2010, p. 152), isso se dá ao achatamento das representações oníricas quando elas são compartilhadas. Em contrapartida a esse flerte, o autor trabalha com o conceito de *a posteriori*, o que de certo modo é um dos pontos que sustenta uma outra proposta para o tempo. Um tempo que é construído constantemente - até mesmo o passado (que não é estático). Ou seja, o passado se faz presente; há uma tentativa de se lançar no futuro através de uma antecipação e o agora é intocável.

O tempo para a psicanálise é lógico. É lógica de estruturação. Uma ética. É a abertura para o trabalho de escuta do sujeito, uma vez que o tempo cronológico é algo do consciente (Freud, 1917/2010), e a proposta é fazer uma escuta de um outro lugar. Por isso uma outra concepção de tempo. O tempo ético. O tempo lógico.

O tempo lógico é apresentado por Lacan (1998) e se sustenta em um sofisma no qual três prisioneiros precisam descobrir a cor da placa que seguram, baseados em observar as placas de seus companheiros (sabendo que havia disponível um total de três placas brancas e duas placas pretas). O ponto central dessa proposta é a impossibilidade de ser preciso sobre a cor que se segura, e é necessário antecipar uma certeza baseada no movimento e na hesitação dos outros prisioneiros - do coletivo.

Assim, há três tempos para pensar a resolução deste sofisma. O primeiro tempo seria o instante de ver, sendo que esse é o tempo no qual a questão central, o problema no qual o indivíduo está, é apresentada. É neste momento que os prisioneiros se deparam com o enigma. O segundo tempo seria o tempo de compreender, no qual se constata quais são as possibilidades existentes, bem como a movimentação e hesitação própria e do outro. É nesse

jogo de se movimentar, ou não, que o indivíduo pode inferir algo de si e faz uma passagem (antecipada) ao momento de concluir, que é o terceiro tempo - que culmina em uma ação, um ato¹¹. É importante destacar que a passagem para o momento de concluir é sempre antecipada. Não é possível ter uma garantia concreta de acertar a cor, mas também essa antecipação não é sem a passagem pelos outros tempos. É assumir um risco, porém não sem indícios. É uma certeza antecipada (Lacan, 1998).

É justamente essa relação lógica de tempo que nos interessa. O passado, o presente e o futuro não estão associados de forma progressiva e marcada com essa temporalidade linear. Quando se aborda os estudos sobre os sonhos não podemos olhar somente para um momento, uma vez que há todo um ciclo temporal - lógico - que sustenta essa escuta. É preciso dormir, sonhar, despertar, lembrar dentre outras coisas. Esses processos não podem ser recortados e deslocados de seu momento histórico, político, individual e temporal. Assim, essa pesquisa se propõe a fazer uma leitura que articule questões sobre os sonhos, política e saúde mental partindo de uma compreensão lógica sobre o tempo que aponta para um possível enlaçamento que há nos sonhos e a dimensão histórica, estrutural e cultural da sociedade.

Nos últimos anos, pesquisadores brasileiros¹² vêm trabalhando com o termo *oniropolítica*, que é justamente um trabalho de articulação entre psicanálise, sonhos e política. A oniropolítica não se dispõe a estudar apenas a dimensão terapêutica ou analítica do sonho, mas foca na função coletiva do sonho e do sonhar, sendo a oniropolítica uma construção de um campo de saber fundamental e com uma ampla abertura de articulações sobre o tema. É com base neste campo de pesquisa e investigação que este trabalho se situa, na tentativa de fazer uma leitura sobre o campo da oniropolítica. Engrandecer o sonho como objeto de estudo para Psicologia Social é compreender a necessidade de revisitar a fundamentação conceitual e da teoria dos sonhos, e também marcar quais rompimentos e avanços são necessários para adentrar neste campo¹³.

Este trabalho se propõe a fazer - reitero - uma leitura, e não A leitura, de como os sonhos podem ser objeto de estudos das áreas que se propõe a discutir a constituição social dos sujeitos, bem como a política da singularidade e seus desdobramentos em subjetividades. A leitura proposta está ancorada nos pressupostos da Psicologia Social, articulando com a

¹¹ Para mais detalhes, ver em Lacan (1998).

¹² Miriam Debieux (USP), Christian Dunker (USP), Rose Gurski (UFRGS), Gilson Iannini (UFMG), Jaquelina Imbrizi (UNIFESP), Cláudia Perrone (UFRGS), dentre outros.

¹³ Propor o sonho como expressão da singularidade e material de análise da dimensão sociopolítica é, em alguma medida, romper com alguns pontos de certas tradições teóricas; mas também, dialeticamente, compreender que ali há elementos que embasam e sustentam a argumentação desta pesquisa, como é o caso da psicanálise freudiana. Tais questões serão abordadas no Capítulo 2.

ética psicanalítica e priorizando saberes e estudos que dialoguem com a realidade sociopolítica brasileira. Ou seja, trabalhar com a potência onírica é marcar como ela pode servir como um operador que norteia frente às questões que envolvem a estruturação social, que passam por como o poder se constrói e se perpetua para alguns grupos de modo que subjulga e segrega outras populações através de marcadores sociais centrais, tais como: questões etnico-raciais; desigualdade social em divisões de classes econômicas e políticas; herança patriarcal e misógena; discriminação de identidade de gênero e de orientação sexual; destruição ambiental; capacitismo, dentre outros.

Tempos oníricos

Não basta atentar-se ao sonho, apenas. É necessário um tensionamento dialético de todo o processo de sono-vigília que o atravessa, incorporando o contexto cultural e social ao qual estão submetidos esses sonhos que são produzidos. Para isso a leitura se dá a partir da construção dos tempos lógicos do sonho, algo que aqui será denominado como *tempos oníricos*. Ou seja, uma leitura de que a constituição dos seres falantes e de suas produções oníricas tem uma potência e podem ser um dizer, estruturado em camadas, que estão intimamente ligadas à dimensão sociopolítica.

Assim, os tempos oníricos são: (1) dormir; (2) sonhar; (3) despertar e (4) compartilhar. Cada um dos tempos está relacionado dialeticamente com o outro, amarrados em uma espécie de nó borromeano¹⁴. Não são tempos para serem lidos apenas separadamente, mas sim na sua relação um com o outro, do mesmo modo que é para ser lido na relação de um indivíduo com um grupo e uma comunidade. Cada um desses tempos é uma forma de ler a constituição da singularidade sociopolítica pela ótica do sonho e também uma proposta de leitura que articule a própria noção de singularidade com as produções oníricas.

Em um primeiro momento, tais tempos podem ser pensados como metáforas e balizadores da compreensão na relação dialética que estabelece sobre a política da singularidade (a tensão entre individual e coletivo), bem como o impacto do sonho na vigília, e vice-versa. Porém, em um segundo momento, a compreensão é de que os tempos oníricos podem ser lidos como operadores de resistência e enfrentamento das questões políticas e coletivas que atravessam tanto o indivíduo, quanto o comunitário. Com isso, o destaque é

¹⁴ O nó borromeano é um tipo de enlaçamento entre três ou mais argolas, de tal que forma que se uma das argolas se solta, todas se soltam. Tal propriedade é utilizada por Lacan a partir do seminário 20 para delimitar o espaço do fala-ser, usando os registros de real, simbólico e imaginário como alusões às argolas. Para esta pesquisa, será utilizado essa propriedade borromeana para pensar elucidar a dialética e enlaçamento que há entre os tempos oníricos.

sustentar uma proposta que aponte para os tempos oníricos como uma espécie de operador de leitura social, ao costurar uma possível relação que há entre os conteúdos sonhados, a política e as modalidades de elaboração individual/coletiva.

Ao longo da dissertação, serão trabalhados aspectos da materialidade de cada tempo, questões que atravessam os indivíduos, bem como uma leitura metafórica e homóloga dos fenômenos sociais. Para tal, os pontos principais que serão trabalhados em cada capítulo (em cada tempo) se fundamentam a partir de algumas noções que são a base conceitual da pesquisa, sendo elas: (I) memória; (II) elaboração; (III) interpretação; (IV) implicação e (V) tempo¹⁵. Esses cinco pilares dos tempos oníricos estão presentes em todos os capítulos, em maior ou menor grau, e são os conceitos norteadores que sustentam a proposta de leitura dessa pesquisa. Com isso, uma última consideração precisa ser feita.

Para trabalhar com uma articulação entre sonhos, política e saúde mental, o tratamento dado aos sonhos não é o “clássico” psicanalítico. A proposta de associação livre e investigação dos elementos da biografia do sonhador, a partir do sonho, tem a sua consolidação e importância clínica e vasta prática nos consultórios. Isso está dado. Não é nesse campo que estamos adentrando. Por se tratar de uma pesquisa que busca uma articulação entre sonhos, política e saúde mental, é necessário buscar uma fundamentação e uma certa noção de memória, interpretação, elaboração, implicação e tempo que traga o sonho para a Psicologia Social. Como pensar a construção de uma memória e elaboração coletiva? Qual é a interpretação dos sonhos possível nesse campo, uma vez que o foco não é a centralidade da biografia da pessoa que sonha? Essas questões não serão perdidas de vista.

A estrutura da dissertação

Cada um dos capítulos seguintes desta pesquisa será dedicado à compreensão de um dos tempos desse ciclo sono-vigília, o qual o leremos como um ciclo da constituição sociopolítica da singularidade e como operadores de resistência e enfrentando da estruturação social, trazendo a Psicologia Social para o debate dos sonhos.

No **Capítulo Um** há um tempo de dormir. Será abordado o ato de dormir como uma premissa básica para sonhar, bem como a relação existente entre essa experiência, que é de descanso e produção, com a saúde mental. Ao explorar os aspectos da política que atravessa o dormir, a noção de memória (um dos pilares dos tempos oníricos) fica em evidência. Serão explorados os efeitos de privação de sono e a construção social das categorias

¹⁵ Durante a introdução foram apresentados os conceitos de memória e de tempo. Os demais conceitos base (interpretação, elaboração e implicação) serão apresentados durante a pesquisa.

psicopatológicas neste campo, bem como quando há uma política em curso que opera com projeto na produção dessas categorias. É necessário compreender este tempo como uma premissa de partida para a constituição do psiquismo e da própria singularidade. Como homologia e operador, é explorada a questão de um dormir simbólico que é necessário, como uma forma de recolhimento e repouso, também sendo uma premissa para que não só o sujeito avance para se lançar no laço social munido de seus sonhos, mas que assim também o faça toda uma comunidade.

Seguindo para o **Capítulo Dois**, teremos o tempo de sonhar. Neste capítulo, os pilares trabalhados serão a noção de interpretação e elaboração. A partir de tentativa de mensurar a potência onírica e os possíveis desdobramentos do uso dos sonhos em diversos contextos e situações, a proposta de elaboração ganha materialidade. Seguindo, trabalhar com a interpretação sobre os sonhos nos tempos oníricos não se restringe apenas à associação livre do sonhador, mas sim trazendo a interpretação em uso no campo social e comunitário. Além de trabalhar com sonhos em seu conteúdo, o giro para essa pesquisa está em apontar outro foco: a estrutura de como elementos culturais são apresentados. Homologamente, sonhar é abordado como uma forma de produção, reorganização e simulação de tentativas de elaborar eventos políticos que dizem da inscrição no laço social.

O tempo de despertar será o foco do **Capítulo Três**, no qual se discute a necessidade de separação frente a um pesadelo que se vive acordado, cujo funcionamento está ancorado em uma política de morte e violência, para então propor a construção de um outro futuro. É um capítulo que aborda questões da violência, das contradições, das possibilidades e impossibilidades de separação e transformação, e também da busca por transformação coletiva. Assim, o despertar é tomado como um operador de enfrentamento às formas violentas de fazer laço, pautado na implicação que opera a partir de uma ética (onírica). Uma vez que há uma porosidade, ao incluir os demais tempos e as noções de memória, elaboração e interpretação, despertar é assumir uma posição frente aos sonhos e pesadelos.

Para finalizar esse ciclo, e como último capítulo dessa dissertação, é tempo de compartilhar no **Capítulo Quatro**. Ao se propor falar sobre os sonhos, é evocado uma narrativa porosa que envolve a alteridade que escuta. É nesse campo, de troca com o coletivo, que os pilares dos tempos oníricos são evocados novamente. Memória, implicação, interpretação e elaboração em uma amarração que dá contorno. Como uma forma de experienciar um momento de concluir (sempre antecipado, pois esses elementos estão sendo construídos ao mesmo tempo que são enunciados por quem sonhou e ecoados pelos demais

ouvintes). Assim, esse tempo faz apontar para a importância de fazer circular um discurso poroso, que permita a troca de um conteúdo do qual nem quem sonhou tem plena apropriação.

Qual a extensão da potência onírica? É possível fazer laço a partir do compartilhamento de um sonho? Há uma aposta que sim. Veremos. Sendo assim, daremos início ao trabalho.

1 | Tempo de Dormir

Tentou refugiar-se no sono. O sono rejeitou-o de si. Então fumou, desceu à chácara, fatigou o corpo para melhor adormecer o espírito.¹⁶

Se preparando para dormir

As questões que envolvem o dormir estão estruturadas em diversos níveis, passando pelos mitos às ciências biológicas e humanas. Além de ser uma condição fundamental e básica para descansar, sua relevância também passa pela liberação de diversos hormônios e atuação de neurotransmissores, sendo responsável pela seleção e consolidação de memórias. Avançando nos desdobramentos, o dormir também tem o seu efeito político e social, propondo uma leitura que levanta questões sobre a sua privação, e seus efeitos - abordando também as más condições de sono e a implicação disso no âmbito individual e no comunitário, o que abre margem para as questões serem trabalhadas em um aspecto político. O dormir se apresenta como um tempo onírico na medida em que sua leitura aponta para questões de saúde mental, da construção individual e coletiva da memória, além de ser a premissa básica e fundamental para sonhar e se articular com os demais tempos propostos.

1.1 | Encruzilhadas epistemológicas do sono

Há diversos e infinitos caminhos para seguir com a história do sono. O principal, em qualquer um dos caminhos possíveis, é fundamentar epistemologicamente o percurso. De início será feito uma retomada histórica e, assim, seguindo para construir um campo relacionado aos saberes ancestrais, mitológicos e filosóficos, cruzando com saberes atuais e contemporâneos que tecem esse momento crucial para a vida: o dormir. Tais saberes serão lidos como formas discursivas e têm o seu impacto e importância para a construção do argumento desta pesquisa.

Ao longo do processo histórico da humanidade houve alguns marcos de genocídio e tentativa de dominação cultural de uma cultura sobre a outra. Tal processo se desenvolveu em múltiplas vertentes: investidas para que ocorresse a dominação linguística, de costumes, de corpos, de saberes. Tal fenomeno é apontado por Grosfoguel (2016) como fruto de uma

¹⁶ (Assis, 1878, p. 258)

política de hegemonia do privilégio epistêmico ocidental, que se consolida através dos séculos com o genocídio/epistemicídio dos povos colonizados. Ou seja, não ocorreu apenas uma invasão territorial, houve um extermínio de população e houve um extermínio de saberes dessa população. Os saberes que sobreviviam eram desacreditados e invalidados. Para o autor, existem quatro genocídios da história recente, por parte do continente europeu, que são a marca da consolidação dessa hegemonia: o primeiro seria contra os muçulmanos e judeus, no processo de conquistar Al-Andalus; o segundo genocídio é contra os povos nativos na conquista das Américas; o terceiro é contra povos africanos tanto na invasão e tentativa de dominação da África quanto a escravização destes no continente americano, e por quarto e último é a caça às mulheres na europa, que após serem acusadas de bruxaria, foram queimadas vivas (Grosfoguel, 2016).

A proposta de fazer uma breve retomada histórica de alguns saberes (frutos de investidas de apagamento) é colocar em cena outros discursos que não apenas os hegemônicos, pois essas leituras historicamente apagadas se mostram como um furo na hegemonia da ciência ocidentalizada. Assim, esses saberes ancestrais se mostram como aquilo que escapa da dominação epistemológica. É apontado por alguns autores (Ribeiro, 2022; Krenak, 2020a, 2020b; Kopenawa & Albert, 2015; Limulja, 2022, Gonçalves, 2019) a importância de retomar partes de saberes ancestrais, de um campo no qual não é marcado pela dominação cultural, pela lógica da produtividade ou pela privatização de hábitos e conhecimento. Mas sim por uma outra forma de se conectar uns com os outros, com a natureza ou com fenômenos vividos, tal como o dormir e os sonhos. Ou seja, não se trata de fazer apenas uma retomada histórica, trazendo elementos das crenças populares ou religiosas. Muito menos sobrepor um saber ao outro, apontando o conhecimento antigo como mais valioso do que o novo ou vice-versa. Trata-se de situar a construção da encruzilhada de possibilidades que se atravessam e se acumulam ao longo do tempo quando o tema é dormir (e sonhar), marcando algumas repetições que atravessam essas concepções escolhidas - e como essa construção de saberes se deu pautada sobre o poder.

Parte-se do pressuposto que “uma discussão sobre o conhecimento científico que não leva em consideração a questão do poder é uma discussão limitada, pois deixa de fora um elemento indispensável à decidibilidade do valor do saber produzido” (Beer, 2020, p. 248). Ou seja, ainda que esta pesquisa esteja situada no campo científico, em articulação com diversos saberes dentro dessa esfera (humanidades, neurociências, etc), não será feita uma exclusão compulsória de alguma epistemologia, principalmente àquelas que sistematicamente foram excluídas. Elas devem entrar em cena, porém não de qualquer modo. Não como

representantes de uma verdade absoluta, ou cristalizada. Ainda que alguns desses saberes atribuam respostas e interpretações simbólicas fechadas às questões dos sonhos, eles entram em cena com uma função discursiva. Entram na composição da pesquisa sob a ótica de uma leitura delineada: entram como discursos linguísticos que atravessam a construção individual, social e política na compreensão de como é construído um imaginário social a respeito dos sonhos e de quais articulações uma cultura faz para responder as dúvidas oníricas, evidenciando, assim, elementos centrais para a própria cultura. Ou seja, escutar e estudar esses elementos de saberes não traz a necessidade de compactuar com as respostas que foram dadas para a função e funcionamento dos sonhos; mas se torna material de extrema importância para apontar como os sonhos, enquanto elementos transculturais e transgeracionais, podem apontar para algo da lógica de um funcionamento social, cultural e comunitário - evidenciando a centralidade de alguns elementos. Afinal, são esses discursos sociais que atravessam a constituição dos sujeitos, sejam eles mitológicos, científicos, religiosos, familiares ou algum outro. Esses são discursos, saberes, verdades e narrativas que compõem o campo onírico.

Com isso, retomar alguns desses conhecimentos é uma forma de fazer um furo na dominação epistemológica. A história mostra como os conhecimentos a respeito do sono e do sonho foram se modificando. Dentre as principais modificações, Krenak (2020a, 2020b) aponta para o distanciamento da humanidade em relação a essas experiências.

Mas por que fazer furo? Pois um discurso poroso nos interessa mais.

1.2 | Dos saberes ancestrais

A diferença entre dormir e sonhar é uma concepção relativamente recente comparada à história da humanidade. Em muitas das concepções ancestrais o dormir e o sonhar estavam intimamente ligados, sendo em muitas culturas sinônimos ou até mesmo causais - dorme-se para sonhar e/ou sonha-se porque dorme. Inclusive linguisticamente é possível apontar para uma relação entre dormir e sonhar, como no espanhol em que sonho e sono são a mesma palavra: sueño¹⁷. Assim, é necessário compreender os processos desse momento noturno e fazer uma distinção entre as aproximações e distanciamentos entre tais momentos. Mas se há um fato importante a ser destacado é a relação que era estabelecida entre o momento de

¹⁷ Assim, há expressões na língua espanhola como: trastornos del sueño; tengo sueño; interpretación del sueño.

dormir com aspectos da espiritualidade, com os deuses e com os mortos (Lincoln, 2003; Tedlock, 1991; Ong, 1981).

No Egito antigo, mesmo em diferentes épocas, havia uma tradição extremamente consolidada: a relação com a morte. Diversas são as técnicas e crenças que envolvem a passagem para o mundo dos mortos. Além das mumificações, haviam as crenças em deuses e isso implica em influências políticas à população como, por exemplo, crer na figura do faraó como um deus vivo. Muito da cultura egípcia era afetada por tais crenças, algumas de forma mais direta, outras mais indiretas. As pirâmides não serviam apenas como tumbas, mas também eram verdadeiras espécies de templos sagrados que marcavam a passagem da vida para a morte (Tedlock, 1991).

Assim, os trabalhos espirituais tinham um forte valor na cultura dessa civilização do norte da África. Com o dormir, a situação era similar. O momento de dormir era lido como o instante no qual a alma se desprendia do corpo e acessava um campo de saber ancestral. Ao dormir, os indivíduos encontravam com os entes queridos, recebiam mensagens dos deuses, eram enganados por entidades malignas e viam profecias (Lincoln, 2003). Porém, desvendar os mistérios das imagens e experiências vividas ao dormir não era para qualquer pessoa. Havia aqueles capacitados para tal. Assim, na antiguidade havia um campo de práticas e estudos atravessados por religiosidade, filosofia e misticismo, sendo que para interpretar os sonhos eram necessários os oráculos. Essa função - de intérprete - é algo que se repete ao longo de muitas civilizações (Ribeiro, 2019).

A importância da morte e do momento após a morte era tamanha, que dentro das construções da nobreza destinadas a guardar os corpos egípcios, haviam inúmeros itens de importância para a época, como roupas, comidas, armas, tesouros, banheiros, dentre outras coisas. O morrer levava ao sagrado, assim, era um momento fundamental para ser zelado e respeitado. O dormir, então, era visto como uma espécie de ensaio, com um caráter de passagem transitória e temporária da alma para esse mundo tão importante que estava sendo aguardado após a vida (Tedlock, 1991).

É apontado por Ong (1981) que no Egito antigo Serapis, o deus dos sonhos, tinha muitos templos em sua homenagem, espalhados por toda a região do território. Nesses templos haviam intérpretes dos sonhos popularmente conhecidos como homens de profunda erudição da biblioteca mágica. Neste local sagrado era praticada uma técnica denominada como incubação dos sonhos, que também era praticada em outros locais como a Grécia e a China, que consistia em rezar, realizar o jejum e dormir no templo. Isso com a finalidade de induzir sonhos que pudessem trazer alguma revelação. Era possível que este trabalho fosse

realizado por outrem, caso a pessoa que desejava a revelação não pudesse realizar por conta própria essa jornada espiritual (Ong, 1981). Mas o destaque, neste ponto, é para o momento de dormir que precisava ser realizado em um templo sagrado. Ele precisava acontecer precedido por um desejo de entrar em contato com algo revelador. Havia uma preparação para tal. Uma aposta ativa de que ali, naquele campo do adormecimento, poderia haver algo interessante.

No candomblé, uma religião de matrizes africanas, o momento de dormir também pode representar uma forte conexão com o mundo espiritual, tendo a sua extensão de poder ser uma mensagem dos orixás. Porém, há que ser feita uma distinção importante. Como apontado por Leite (2008), há no candomblé uma compreensão que o momento de dormir abre margem para se conectar com outro estado de consciência, e portanto ter acesso a dois tipos de conteúdos: os sonhos verdadeiros, e os sonhos falsos. No primeiro caso, o dormir revela um conteúdo manifesto dos orixás e das entidades guias que acompanham o indivíduo. Já no segundo, as cenas oníricas são produto da própria pessoa sonhadora. Não é possível afirmar com precisão, em um primeiro momento, a diferença entre os dois tipos de sonhos apresentados, pois há um papel importante que entra em jogo. Como em muitas das religiões, é necessário uma pessoa apta a fazer a distinção entre a natureza dos conteúdos manifestados, e sobre os conteúdos manifestados durante o sono não é diferente. Assim, é apontado que cabe ao Babalorixá ou à Iyalorixá o papel de compreender e interpretar o processo (Leite, 2013). Esse papel é de extrema importância, pois é desempenhado por pessoas espiritualizadas e que se utilizam de outros recursos que podem auxiliar na interpretação dos sonhos, tais como os búzios. Assim:

(...) para interpretar um sonho é necessário tomar conhecimento de um corpus mítico e simbólico da religião, conhecer o cotidiano de uma casa de santo, conhecer a liturgia, o orô, a natureza dos orixás e, às vezes, o contexto do sonhador, o que está ocorrendo com ele no momento atual de sua vida. (Leite, 2013, p. 77)

Um ponto crucial com extrema importância para ser destacado não é sobre a compreensão de existir sonhos falsos ou verdadeiros. O destaque fica por conta da compreensão que esta religião tem sobre todo o processo de ciclo vigília-sono. Há diversos elementos que entram em cena para quem dorme e sonha. Esses elementos precisam receber um tratamento adequado, precisam ser escutados. Não há um entendimento recortado (interpretar apenas o conteúdo sonhado), mas sim a marca do atravessamento religioso, do cotidiano, das entidades, do ritual e outros elementos com os quais se trabalha no candomblé.

Aquela que lê o sonho traz para o jogo de significações elementos complexos que somam e ajudam a compor a interpretação onírica.

Roberto Keh Ong publicou em 1981 o seu trabalho *The Interpretation of Dreams in Ancient China*, no qual aborda a pluralidade com a qual os sonhos eram e são tratados nesta cultura do continente asiático. Não é possível unificar uma cultura tão rica e tão antiga em uma única vertente de interpretação, mas há um caminho possível de mapeamento de como era tratado esse momento de conexão que existia para os seres humanos ao dormir. São apontados cinco grandes caminhos para a interpretação dos sonhos na China Antiga, segundo Ong (1981) eles são: I) o dormir evidencia e produz conteúdo de sonhos como um prenúncio de eventos futuros; II) o dormir como um momento de receber mensagens do mundo dos espíritos; III) sonho como resposta a estímulos físicos; IV) dormir e sonhar como projeção do estado mental e, por último, V) as relações entre sonhos com a filosofia no tratamento da realidade, abordando questões filosóficas e religiosas.

São inúmeras as técnicas, crenças e filosofias que atravessam o saber chinês sobre o dormir e os sonhos. Desde as técnicas de incubação de sonhos, já citadas neste texto, até a concepção que existe na relação entre o mundo onírico e a realidade em si. A intimidade do universo noturno com a realidade compartilhada é extremamente consolidada dentro do budismo, inclusive há a concepção filosófica de a vida ser um sonho dentro de um sonho (assim como a possibilidade da existência da realidade ocorrer dentro do sonho de um ser divino), e as possibilidades de, através da meditação, realizar uma jornada guiada pelo tecido da realidade, do espaço e do tempo, recebendo imagens oníricas em estado lúcido (Ong, 1981). Dentre os pontos destacados há especificidades, mas também há uma repetição, em relação às demais culturas, que começa a ganhar um tom mais substancial justamente por marcar a importância do tratamento onírico nas culturas. As tradições chinesas podem mostrar que há um dormir intencional, precedido de um desejo, uma vez que é nesse campo que se busca inspirações e outras formas de se relacionar com o mundo acordado. Assim, há uma prática dirigida para acessar um outro lugar marcado pelo desconhecido racional, ou seja, o próprio mundo dos sonhos. Outra repetição que ocorre no campo onírico é a presença da interpretação, uma vez que seus conteúdos demandam uma leitura que envolva a compreensão de um contexto mais complexo e que se mostra atravessado nos sonhos (ainda que muitas dessas interpretações tenham um cunho profético, literais ou políticos).

Para muitos dos povos indígenas e civilizações nativas na terra do continente americano, o dormir é um processo de cura tanto física quanto espiritual (Lincoln, 2003). O primeiro processo de cura (física) ocorre pela necessidade do descanso do corpo, dos

músculos e também do estado mental. Já o segundo momento de cura (espiritual) acontece quando a alma viaja pelo mundo dos espíritos e busca a sabedoria com os seres ancestrais. E há inúmeros relatos, em alguns povos ameríndios, que apontam que essa viagem da alma pelo mundo dos espíritos não se restringe aos seres humanos, já que animais e plantas também têm acesso ao outro plano (Kopenawa & Albert, 1981).

Seguindo Gonçalves (2019), após realizar uma pesquisa sobre os atravessamentos que envolvem o universo dos sonhos para um dos povos indígenas (os Kamaiurá que vivem no Parque Indígena do Xingu), alguns pontos interessantes são levantados pela autora, e serão utilizados para continuar o debate do que há em comum a respeito da compreensão dos sonhos nas diversas culturas, bem como esses elementos se fazem presente contemporaneamente. O destaque e proposta de trazer a concepção desta cultura é a relação que é feita do dormir com a cura, e como tal evento é compreendido dentro de um complexo sistema de relações entre o adoecimento e a saúde.

Para os Kamaiurá, os processos de adoecimentos e saúde são da ordem dos espíritos e dos feitiços, e é justamente durante o momento de dormir que majoritariamente há um contato maior com esse universo. Mesmo em uma sociedade na qual o valor onírico é tão fundamental e valorizado, e seus habitantes têm o hábito de compartilhar pela manhã os seus sonhos, há aqueles que não querem sonhar, pois não querem sonhar “ruim”, uma vez que os sonhos têm uma forte relação com o processo de cura, mas também de adoecimento. Como é o caso do filho do pajé, apontado no trabalho de pesquisa de Gonçalves (2019):

“Eu não quero sonhar, para não sonhar mal”, foi o que escutei de um dos filhos do cacique quando conversávamos sobre os sonhos dele. Essa resposta, numa cultura em que o sonho é tão valorizado, me chamou atenção. Sei que esse moço vem se preparando, talvez seja o futuro chefe e ele próprio me disse que, quando pequeno, sonhava muito. Não quis mais sonhar, pediu para a mãe uma planta para esfregar nos olhos: ela preparou folhas verdes de pequi, ele não sonhou mais. (Gonçalves, 2019, p. 106)

Muitos dos conteúdos mitológicos se perderam ao longo da história, e também há variações nas versões de cada mito. Em uma das versões sobre Hipnos, o deus do sono para a Grécia antiga, o mesmo vive em um palácio com seu irmão gêmeo Thanatos, personificação da morte, no reino de Hades, na borda com o mundo dos mortos. Seu palácio é construído em uma caverna, próximo ao Rio Lete, o rio do esquecimento (Pereira, 2020). Algumas de suas representações artísticas, como pinturas e esculturas, eram marcadas por um homem nu e alado ou um homem deitado ao lado de seu irmão gêmeo, usando roupas douradas e seu irmão usando roupas prateadas ou até mesmo representado voando e se vestindo como sua mãe Nix,

a deusa da noite. É a partir do nome de Hipnos que vem o termo hipnose, devido ao seu estado alterado de consciência que, por muitas vezes, era associado a um estado de sonolência.

O importante de ser destacado ao trazer esse mito para a pesquisa é a íntima relação que há entre o sono, a morte e a loucura. Há diversos elementos um tanto quanto metafóricos e simbólicos que atravessam e povoam o imaginário de uma cultura, tal como a compreensão do sono ser uma espécie de pequena morte (Pereira, 2020). Eles são gêmeos. Mas como toda relação, mesmo entre gêmeos, apesar de muitas semelhanças há que se tomar o cuidado para não colar a imagem de um no outro, pois também há suas diferenças. O importante desses personagens mitológicos é o grau de parentesco entre eles. Há uma familiaridade entre os temas que cada mito aponta e representa. Morte, loucura e sono são todos filhos de uma única mãe: a noite, representada pela deusa Nix. O local que Hipnos mora também tem o seu valor simbólico, pois é no reino dos mortos de Hades, próximo ao rio do esquecimento.

Ao sublinhar o caráter contingencial do mito, o antropólogo acentua também a similaridade das estórias ao redor do mundo e em tempos variados da história — há algo que se repete, que é similarmente insistente na linguagem mítica, em meio a suas particularidades históricas ou culturais. (Azevedo, 2004, p. 15)

Quanto ao resto da família, seu filho Morfeu (o deus dos sonhos) era quem guardava o local no qual estava adormecido, assegurando que ninguém ou nenhum barulho acordasse seu pai. Morfeu tinha a habilidade de se transformar em qualquer forma e também viajava com suas asas a uma velocidade alta, o que o permitia chegar aos lugares de maneira muito rápida. Adentrava os sonhos para passar mensagens e, por conta disso, era mal visto por muitos deuses, justamente por se comunicar demais com os humanos (Pereira, 2020). Seu nome diz respeito à forma, uma referência a sua plasticidade e capacidade de transfigurar-se em diversos seres, com mensagens ocultas e explícitas. Em uma referência aos desdobramentos linguísticos na história, seu nome deu origem à palavra morfina - aquela que é a responsável por induzir um organismo ao estado de anestesiamento, ou até mesmo à palavra morfologia, que significa o estudo das formas.

Em cada uma das culturas citadas neste trabalho haveria uma gama infinita de possibilidades para se percorrer quando se discute as especificidades do tratamento que é dado ao sono e ao sonho em cada um desses contextos. Assim, o objetivo de trazer esses elementos à cena é, além de marcar o caráter transcultural e fundamental que os sonhos e o sono tem para diversas culturas, é também marcar textualmente as diversas possibilidades de saberes

que circulam o campo onírico. Evidenciar que ainda que, em diversas culturas, as respostas e as perguntas sobre um mesmo campo divergem. Há diferenças. Com isso, aposta-se em uma estratégia de fazer furo em um discurso hegemônico e apreensão única sobre esse fenômeno. Fazer furo. Abrir os poros. Ressaltar que há, para muitos povos, a compreensão de que esses elementos, em torno do dormir e do sonho, estão associados a um tempo de descanso, um tempo de cura, de conexões espirituais, de transe, de metáfora com a realidade e de profecias. Dormir é um espaço de formação, e os sonhos são uma escola (Krenak, 2020a). Historicamente o sono e o dormir são marcados, até de maneira ritualística, com uma certa proposição e possibilidade de imersão em um outro contexto. Mas também como um momento no qual podemos ser enganados, pegos de surpresa, suscetíveis a adoecimentos neste mesmo mundo desconhecido.

Assim, há alguns pontos centrais que valem o destaque: a centralidade de elementos que envolvem o campo onírico que passam pelas noções de I) Interpretação e II) Elaboração (que não por acaso são alguns dos eixos centrais apresentados para essa pesquisa). Para essas culturas citadas, a interpretação estava presente. A noção de elaboração, em suas facetas de cura, luto e predições sobre o futuro também estavam presentes. A importância da vida onírica para esses povos era de extrema magnitude visto a concentração de elementos ali presentes. Era nos sonhos que falavam os deuses, viam seus entes queridos que estavam falecidos, recebiam profecias, tinham vislumbres de possibilidades de futuros, dentre outras coisas. Por isso esses elementos (interpretação e elaboração) eram tão importantes: eles eram instrumentos e ferramentas que possibilitavam a costura dos sonhos em suas vidas cotidianas - o que difere da forma como os sonhos e o dormir estão presentes na vida cotidiana da sociedade atual.

Tanto a importância dos sonhos (e do dormir), quanto essas noções apresentadas se diferem da forma como são apresentadas atualmente, uma vez que estão sob a influência da cultura moderna. A possibilidade de trabalhar com os sonhos é também resgatar e ressaltar a centralidade desses elementos.

Mas o que houve para que essa conexão tão profunda com os sonhos se perdesse?

1.2.1 | *O rompimento com os saberes ancestrais*

Com o passar do tempo houve uma alteração na relação que as civilizações tiveram com os deuses. Algo que foi denominado como colapso da idade do bronze (Ribeiro, 2019), e foi marcado por uma ausência/redução das mensagens divinas em todas as manifestações que elas costumavam ocorrer, inclusive nos sonhos. Tal evento tem como hipótese o fato do

surgimento da escrita enquanto uma prática ativa, e muitas das tradições orais perderem espaço para essa outra forma de registro. Essa mudança de paradigma traz uma série de debates sobre os avanços que foram possíveis com a escrita, tal como a centralidade com que a ciência e os avanços tecnológicos ocorreram, uma vez que a transmissão e os registros passam a operar de outra forma. Outro ponto a ser evidenciado diz respeito às formas de organizações sociais que vão se modificando conforme os deuses se silenciam e a escrita humana ganha mais espaço. Dada uma reflexão no *a posteriori*, é notório o poder da escrita no papel atual da construção da sociedade. Do que representa ter o domínio da escrita e como isso tem um efeito nas organizações sociais.

Porém, outros elementos ficaram para trás: as culturas que mantiveram suas tradições orais passaram a ser ameaçadas de extinção pela falta de registros, ou por eles estarem centrados na oralidade e na transmissão pela ancestralidade. Não se falavam e cantavam histórias a fim de marcar a transmissão cultural. Isso passa a ser feito pela escrita. Apesar de abrir espaço para uma série de avanços no campo político, o recorte feito sobre essa virada histórica se pauta em destacar sobre a importância dos sonhos na vida cotidiana. É com isso que a pesquisa seguirá:

(...) a escrita foi o começo do fim para o culto aos deuses e ancestrais, o início do ocaso dos sonhos. Já não era necessário entrar em transe para ouvir as vozes alucinatórias dos deuses, propiciadas por estátuas, rezas, jejuns, sacrifícios e substâncias. Agora era possível ler — ou ouvir, como registrado nos textos mais antigos — as palavras dos deuses e de seus representantes diretos. Gravadas em pedra para durar milênios, as palavras de autoridade podiam ser ouvidas com exatidão em múltiplas localidades distribuídas pelo império. (Ribeiro, 2019, p. 67)

Provavelmente isso impactou na forma como as elaborações psíquicas ocorriam, e também no funcionamento dos sonhos. Houve uma espécie de silenciamento dos deuses (Ribeiro, 2019). Tradições orais foram perdendo cada vez mais espaço, e isso também tem impacto nas formas de organizações sociais. Se era nos sonhos que havia uma busca ativa por conhecimento e inspirações para a vida cotidiana, com a crescente da escrita e dos registros físicos das histórias, a tradição oral e a vida onírica passam a figurar em segundo plano. Esse foi o início da transformação da importância da vida onírica. Após um salto cronológico milenar, complexo e rico em possibilidade de debates, certamente com o advento das dominações europeias e da crescente onda do positivismo científico houve mais uma ressignificação dos sonhos, e com a estruturação social a partir do capitalismo mais um fator nessa conta de enfraquecimento dos sonhos como importante fonte de inspiração dos assuntos cotidianos individuais e coletivos.

Ou seja, diante das transformações sociais houve um impacto na forma como era visto o momento de dormir. Essas novas modalidades de se organizar socialmente não entraram naquele cenário de forma a corroborar e coexistir com outros saberes. A dominação de povos e culturas por muitas vezes aconteceu, dentre outras coisas, sob a falsa faceta de ser em nome de saberes que sejam científicos (positivistas) e também religiosos (da cultura judaico-cristã) e invalidando práticas ancestrais (ao invés de escutá-las dentro de seu próprio sistema de crenças e significações que compõe o imaginário social de um povo, tendo impacto na constituição da cultura e das próprias subjetividades ali produzidas, assim como na forma como as visões sobre ética, crenças e respostas ao mistérios da humanidade se apresentavam).

O dormir sai de um campo no qual era atravessado por uma busca de inspirações e passa a adentrar um campo maquiado de necessidade. É claro que a necessidade está posta; ela é a base. Mas a complexidade do dormir se dá a partir da costura entre a necessidade e uma certa aposta de que outra coisa opera nesse campo. Aposta essa que estava presente nos saberes ancestrais. Não à toa, Freud também se interessa por este campo, ao dizer que “para minha grande surpresa, um dia descobri que não é a concepção médica dos sonhos, mas sim a dos leigos, ainda um tanto prisioneira da superstição, que se acha mais próxima da verdade” (Freud, 1901/2021, p. 380). Essa noção de “verdade” que o autor aponta é questionável, mas sua colocação aponta para outra coisa. Há elementos, ali nesses saberes, que nos interessam. Isso não significa que seus tratamentos serão os mesmos, mas que tem algo na dinâmica de como os elementos aparecem, como os saberes e as verdades são produzidas que vale a atenção. Dito isso, nos atentemos brevemente ao desenrolar do dormir durante a história.

1.3 | A vida precisa de pequenas mortes

Certamente os primeiros seres vivos do planeta terra, que eram seres unicelulares, não tinham necessidade de sono ou de dormir. Mas então em que momento isso ocorre, com qual motivo e por que isso é importante para darmos continuidade no argumento para chegar ao objetivo desta pesquisa? Se traçarmos um percurso compreendendo a história do dormir, percebemos que não se trata da evolução de um único indivíduo ou espécie, trata-se de algo maior: da evolução da vida em si e do aumento da complexidade desses organismos. Trata-se da construção de uma nova forma de existência, que não se restringe apenas a uma característica adaptativa pontual.

Por bilhões de anos o sol nasce e se põe. Por bilhões de anos, a temperatura da terra aumenta durante mais ou menos doze horas e depois cai novamente, sendo que nessas temperaturas mais frias as reações químicas se tornam mais lentas. Por bilhões de anos houve a marcação temporal e rítmica de alternância entre um ambiente claro e um ambiente escuro - salvo exceções de locais muito profundos no planeta Terra. Essa marcação rítmica de alteração de temperatura e claridade favoreceu o surgimento de organismos também constituídos por essas marcações, também com funcionamento alternado (Bueno & Wey, 2012).

Por ser muito antigo, o sono evoluiu com uma grande variedade de funções psicobiológicas diferentes, sendo a geração de sonhos apenas uma delas. As propriedades do sono se desenvolveram em momentos muito diferentes, sob pressões de seleção completamente distintas. Determinar o ponto de partida do sono exige voltar bilhões de anos e imaginar as condições sob as quais surgiram as primeiras moléculas autorreplicantes. O planeta era vulcânico, com bastante água e atmosfera ainda sem oxigênio. Os primeiros organismos unicelulares, datados entre 4,28 bilhões a 3,77 bilhões de anos atrás, eram parecidos com bactérias de fossas hidrotermais, que se alimentam da oxidação do ferro. (Ribeiro, 2019, p. 119)

Conforme há a evolução das espécies, há também uma nova gama de comportamentos e funções biológicas para sustentar e alavancar esse novo status de complexidade. Na esteira dessas adaptações, o sono também se adapta e se modifica (Bueno & Wey, 2012). Apesar de pesquisas apontarem que o sono é um estado que precede o cérebro e pode ser encontrado em seres de baixa complexidade biológica que não dispõem do aparato cerebral. Isso é fundamental para se seguir; o sono não pode e não deve ser colado e reduzido apenas ao aparato biológico, uma vez que essa leitura reducionista se sustenta no apagamento de saberes ancestrais que pensavam o dormir de maneira mais complexa, abordando conexões com o entorno. Esse estado, de dormir, é atravessado por uma marcação temporal, bem como tem relações com o ambiente, com o biológico, psicológico, etc. O sono e o dormir se mostram como um desdobramento da marcação rítmica de ausência e presença de luz e calor mesmo em seres de pouca complexidade biológica. Conforme o avanço da complexidade da vida, e a partir dessa oferta plural, a vida passa a demandar algo que acompanhe a cena.

Se por bilhões de anos houve em todo o planeta alteração de climas, iluminações e formas diferentes de prevalecer reações químicas, a vida passa a demandar um estado que corresponda a essas variações. Passa a demandar um estado de existência específico ao período de escuridão e frio. Assim, passa a demandar um estado de maior inibição física - dormir. Essa adaptação à escuridão e ao frio traz um estado de pouca atividade vital. De preservação. De uma espécie de inibição, o que pode remeter proximidades com uma

fenomenologia a respeito da morte. Poderia o dormir ser um estado análogo à morte? Não à toa, dormir é visto como uma espécie de pequena morte para os Yanomami (Limulja, 2022), e é com essa associação que essa pesquisa segue. Essas associações e aproximações da vida e da morte, e mais ainda: da morte em vida, que também pode ser trabalhada em outros campos. Freud aponta para a relação que há entre a morte e a própria vida, e tece colocações sobre o desejo e a presença da morte (ainda que em forma de desejo) ao apontar que "a meta de toda a vida é a morte (...)" (Freud, 1920/2010, p. 38). Poderia o dormir compor essa equação?

A forma como os seres humanos dormiam e dormem até hoje foi se alterando ao longo dos séculos, e todas as grandes alterações estão relacionadas a um mesmo fator: ao drible que é dado nesse contraste entre claro e escuro, se utilizando de tecnologias para manipular a luz (rompendo com uma marcação temporal dada pelo sol). Ao todo podemos pensar que há três grandes marcos. O primeiro desses momentos foi com a dominação do fogo, que se mostra como um avanço tecnológico imenso em diversos aspectos para a época. Agora era possível dormir com uma espécie de proteção em relação aos predadores e terrores que poderiam vir de animais com a vida noturna, "o primeiro centro social foi provavelmente a fogueira, um lugar seguro em meio à perigosa escuridão" (Alvarez, 1996, p. 22). O fogo aquecia e também prolongava um pouco a noite, e ainda fornecia proteção para o descanso.

Um segundo momento foi a invenção e disseminação da luz elétrica, o que para alguns pensadores, tornou a ser "da maior revolução ambiental na história da humanidade desde a domesticação do fogo" (Alvarez, 1996, p. 30). Certamente nossos antepassados de três ou quatro gerações se deitavam poucas horas após o pôr do sol. Com uma espécie de extensão artificial do dia, através da luz, o dia passa a se encerrar algumas horas mais tarde. Mas, essa luz artificial, assim como das tecnologias recém chegadas, não se destinava a todos, "era preciso ter muito dinheiro para esbanjar um artigo de luxo como a luz artificial: gozar a noite era um símbolo de privilégio social, uma forma de consumo conspícuo" (Alvarez, 1996, p. 26). Ou seja, a maioria da população ainda estava ritmada pelo contraste claro e escuro que provinha da luz solar, com as pequenas variações da manipulação do fogo. Pesquisadores¹⁸ apontam que na primeira década do século XX, a duração média de sono era de nove horas, sendo esse tempo reduzido para sete horas e meia a partir da segunda metade da década de setenta, ainda no século XX. É possível articular que há um terceiro marco na forma como ocorre o sono, tanto em duração quanto em qualidade, sendo que tal marco vem do advento da tecnologia da internet nos aparelhos de celular, operando a partir da lógica do algoritmo.

¹⁸ Ver em Webb & Agnew (1975).

Por diversos motivos, que vão desde a luz artificial que é emitida pelos dispositivos eletrônicos, até a lógica de funcionamento de algoritmo que apresenta vídeos e conteúdos mapeados a partir das interações prévias desses conteúdos com as pessoas nas redes sociais, para manter os “usuários” conectados. Um bombardeio de informações, luzes e seduções para manter o dispositivo ligado certamente geram um impacto na qualidade do sono, infiltrando conteúdos - pelo excesso - nos processos que ocorrem durante a noite. Processos esses que são vitais e essenciais para a vida em sociedade; afinal, quando se aborda a necessidade de dormir, aborda-se também questões de extrema valia para a saúde mental, pois é justamente durante a noite que não há apenas um descanso, mas também há uma produção e um trabalho de elaboração.

Se até então os dois marcos tecnológicos (fogo e luz elétrica) esticavam um pouco a noção de dia, com esse terceiro marco (internet na palma da mão, estruturada por uma lógica de algoritmos), somando ao modelo de organização social pautada no capitalismo, há uma indistinção maior entre as alternâncias de dia e noite. O dia dura mais; ou pelo menos as atividades que eram realizadas durante o dia duram mais. Nesse terceiro momento há uma investida intensa, sob os pretextos de produtividade, que rompe com uma alternância entre dia e noite (não enquanto fenômenos naturais, apenas, mas como momentos de descanso e de produtividade) - isso se acentua e se aprofunda ainda mais para a classe trabalhadora, que passa a viver em um esquema de disponibilidade quase que constante para o trabalho (Crary, 2016).

1.4 | Vinte e quatro por sete

Diante do avanço do capitalismo e do funcionamento da lógica neoliberal, cada vez mais é dada importância ao trabalho e à produtividade dos indivíduos. Trabalhar, o que até então era feito majoritariamente durante o dia, passa a ser extrapolado para outros períodos. Nessa forma de organização, o sono aparece como grande empecilho, uma vez que está associado a uma perda de tempo ou de um tempo não produtivo, ao invés de um momento de repouso, descanso, inspiração e elaboração. Apesar do funcionamento do dormir ser relativamente mutável ao longo da história, nunca houve uma sistemática em curso de maneira tão delineada como a qual está submetida a sociedade atual que visa cada vez menos importância desse momento, marcando a necessidade de sua redução, extinção ou controle -

algo que começa a se consolidar em meados do século XVII e se estende até o XXI (Crary, 2016).

Segundo Crary (2016), houve uma alteração em horas dormidas das últimas três gerações da população estadunidense, uma vez que caíram consideravelmente. De uma geração para a outra, a queda foi de cerca de 10 para 8 horas dormidas, e depois novamente uma queda de 8 para 6 horas e meia na atual geração. Mas a questão não é apenas a quantidade de horas dormidas. As ponderações feitas a partir dessas informações são sobre a importância que é dada para esse momento, a fim de abrir espaço, cada vez mais, para o estado de vigília. Essa ideia se fundamenta em um princípio de que não há uma produtividade material e relevante para o capital durante o sono, uma lógica totalmente inversa aos que foi apresentado em relação aos saberes ancestrais que valorizaram esse momento. O que existe, de fato, é um trabalho e uma produção de outra ordem - de manifestação da singularidade política do inconsciente. De elaboração; inspiração; descanso; reparação (química, biológica e psíquica), dentre outros elementos.

O avanço dessa lógica produtivista selvagem se torna tão agressivo que a necessidade de produção não faz mais distinção entre dia e noite. Guerras, espionagens, conflitos armados, transportes de mercadorias não só passam a acontecer à noite, como preferencialmente são estipulados à madrugada. Não distante da vida cotidiana, a implementação de sistemas de comércio, entretenimento (programação televisiva, e a popularização da internet) ou outros serviços que funcionem 24 horas por dia opera com força total nos grandes centros urbanos, onde mesmo sob a luz do luar, a população circula e - principalmente - consome. No livro *“24/7: capitalismo tardio e os fins do sono”*, de Jonathan Crary (2016), é traçado um percurso histórico e político de como a sociedade globalizada opera a partir de uma lógica da extrema produtividade, marcando o 24/7 como um tempo a serviço do capital.

Crary (2016) aponta que vivemos em uma lógica do 24/7, que representa 24 horas do dia, por 7 dias da semana, em um movimento quase que imparável. A necessidade de dormir se torna um obstáculo à produtividade e é constantemente minada e alvo de sistemáticas práticas de redução. A extração compulsória do tempo de sono é uma das marcas mais evidentes de um processo de desumanização, visto que não é necessário muito para ver os efeitos psicológicos e fisiológicos da privação de sono, vide as inúmeras práticas de torturas que a envolvem. Como aponta o autor estadunidense, “a negação do sono é uma desapropriação do eu por forças externas, é o aniquilamento calculado de um indivíduo” (Crary, 2016, p. 16).

Dormir se faz tamanho obstáculo que há estudos e pesquisas de guerra visando reduzir a sua necessidade, principalmente buscando resultados que não obtenham os efeitos colaterais da privação¹⁹. Humanos cobrados e estudados para serem como máquinas, em termos de produtividade. Mas o sono, ainda que sob muitos ataques, se faz presente e necessário. Resiste às investidas e se faz presente como uma tentativa de criar uma pausa. Como ele não pode ser vencido por completo, é ideologicamente atacado. Diante disso, a necessidade de estar em vigília para acompanhar a produtividade da lógica neoliberal imposta no sistema capitalista se apresenta praticamente como um slogan da sociedade capitalista atual. A frase “trabalhe enquanto eles dormem”, muito comum dentro de ambientes corporativos, ganha tons mais nefastos e densos. Somado a esse campo, o filósofo e autor sul-coreano Byung-Chul Han aponta para uma sociedade do cansaço, na qual os indivíduos são regidos por um imperativo de produtividade e multitarefas de modo a experienciar um constante cansaço, uma atenção rasa e quadros psicológicos relacionados à ansiedade devido ao impossível de corresponder à produtividade e a ausência do descanso (Han, 2017).

Essa constante lógica de se manter acordado, produzindo e consumindo altera a experiência da população com o sono - tentando evitá-lo. Pessoas acordadas consomem mais (Han, 2017; Crary, 2016). Nessa lógica, os recursos naturais são explorados ao limite e o ser humano também passa a ser um recurso a ser explorado. Em uma organização social na qual dormir não é lido como um momento vital, mas sim como dispensável e até mesmo de fragilidade, a insônia é uma produção sintomática compulsória. Os indivíduos são fortemente estimulados a não dormir, vide o uso desenfreado da luz dos aparelhos celulares e das estratégias de manutenção das pessoas nas redes sociais através dos algoritmos. A insônia social marca um estado de produção, mas também um estado de atividade de consumo.

Crary (2016) afirma que “a relação entre a propriedade e o direito ou privilégio de um sono tranquilo tem suas origens no século XVII e permanece em vigor nas cidades do século XXI” (p. 36). A estruturação do Estado como responsável por assegurar uma espécie de proteção, durante a noite, àqueles que têm algo (acúmulo) a ser protegido também passa a se figurar em meados do século XVII e se sustenta nos dias atuais. Ou seja, dormir bem também está associado a uma certa sensação de proteção.

¹⁹ Crary (2016) traz exemplos do exército estadunidense que estuda os pardais de coroa branca como forma de criar um super soldado, baseado na proposta de diminuir a necessidade do sono no corpo e se manter dias acordado, tendo em vista que tais pássaros podem passar cerca de sete dias acordados durante seu período de migração durante a troca de estações. Outro exemplo levantado diz respeito a um consórcio espacial russo-americano no final dos anos 90, cuja proposta era colocar satélites em órbita da Terra que pudessem, ao acompanhar o sol, refletir a luz solar a qualquer período do dia, eliminando qualquer alternância de ciclo claro-escuro; dia-noite; sono-vigília.

Mas o Estado não protege todos. Inclusive, muitas vezes alguns grupos precisam se proteger do próprio Estado. Se traçarmos um paralelo com o contexto brasileiro, a nível de grupos sociais, quem são os alvos de violência constante e não podem/querem dormir? Em um país em que a cada 26 minutos morre uma pessoa negra, no país do mundo que mais mata a população LGBTQIA+, onde o número de violência contra a mulher apresenta números alarmantes, como aponta o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2020), devemos nos perguntar: como dormem essas pessoas? Será que dormem com a tranquila sensação de que estão protegidas pelo Estado enquanto descansam?

Em outras camadas, a insônia também pode se apresentar como um estado no qual há uma certa sensação de necessidade de estar acordado, em alerta, se protegendo contra um perigo. A diferença é que há grupos que têm sua insônia como sintoma de suas preocupações voltada à proteção de seus acúmulos materiais (ainda que amparadas pelo sistema), e há grupos em que a insônia aparece como um sintoma compulsório de tentativa de proteger a própria vida e a vida de sua comunidade. Ou seja, atualmente dormir bem, sem preocupações ou riscos, se configura como um privilégio. Há uma intersecção entre uma insônia social compulsória enquanto produto de lógica capitalista e colonial e a sensação de necessidade de se manter em vigília como uma forma de proteção social. Isso pois “o sono - estado mais privado e vulnerável de todos - depende crucialmente da sociedade para se sustentar” (Crary, 2016, p. 34)

Mas ainda assim, diante desse cenário um tanto quanto caótico e desanimador, há algo que resiste. O sono, apesar de diversas investidas de colonização, aniquilamento ou contenção, se apresenta como aquilo que marca que há a necessidade tanto de espaço, quanto de um tempo. Por mais que haja uma sensação de precisar estar acordado para se proteger, dormir bem e prezar pelo dormir comunitário é uma excelente estratégia e necessidade de cuidado individual e também de proteção comunitária. Uma das razões para que o sono seja tão temido a quem interessa a exploração dos humanos e a manutenção da desigualdade social possa ser pelo fato de que o sono não se mostrou completamente capturável, ainda que muito atingido (Crary, 2016). Ao se afirmar como uma forma de resistência a essa lógica produtivista e aniquiladora, o sono faz sua marca como algo do íntimo que não pode ser colonizado por completo. Dormir vai se construindo como um tempo necessário no que diz respeito ao funcionamento social.

O 24/7 é a representação de uma espécie de tempo sem tempo que celebra a alucinação de uma presença constante (Crary, 2016). Nessa linha, esse tempo-ausência se constitui como uma oposição a um tempo que visa espaço, que visa descanso, que visa entrar

em contato com algo que escapa a experiência da consciência e se submeter a uma outra lógica que não a da vigília. O 24/7 é a avesso de um tempo de dormir. Afinal, a importância de dormir está posta não apenas para o indivíduo, mas também para o coletivo. Além do descanso, do espaço e da não dominação, dormir tem a sua importância individual e transgeracional pois tem íntimas relações com os processos de consolidação da memória. E só podemos falar em transmissão de conhecimento, hábitos e cultura, pois há memória - um dos eixos centrais para esta pesquisa. Ou seja, mesmo a memória, algo essencial para o funcionamento da vida humana, não se reduz a esfera meramente biológica (em consonância com o que o sono se tornou), mas tem camadas mais densas e complexas.

1.5 | A arquitetura social do sono e a importância coletiva da memória

É durante o sono que ocorrem diversos processos de suma importância para a vida, tais como a liberação e reposição hormonal, como a melatonina, e de neurotransmissores, entre outros. Mas talvez um dos mais importantes e significativos processos que ocorrem durante o sono (além dos sonhos) é a de consolidação das memórias. Ao longo do sono REM as memórias passam por uma espécie de seleção e estruturação em formas de longo prazo (Fernandes, 2006). O sono é um processo crucial e fundamental para a consolidação das memórias, sendo que “o sono está para as novas memórias como a digestão está para a comida” (Ribeiro, 2003, p. 60).

E qual a importância da memória? Por se tratar de um campo polissêmico, há várias respostas, tal qual o campo dos sonhos. Diversas áreas das ciências contemporâneas apontam para uma concepção de memória que transpassa o plano apenas individual. Com isso, a Filosofia, a História, a Psicologia e diversos outros campos apontam para a importância coletiva e histórica da memória. Ou seja, a memória não é algo que diz apenas de uma pessoa, ou das conexões neurológicas feitas por ela, mas diz a todo um campo de estudo das ciências humanas, sociais e biológicas. Por isso, é necessário tensionar dialeticamente a relação que há intrinsecamente em uma certa concepção de memória. A memória é política por abarcar tanto uma dimensão individual, quanto uma dimensão coletiva e histórica.

A ideia de que há toda uma estrutura cerebral para processar, armazenar, fixar e evocar as memórias não é uma ideia tão distante de uma concepção do senso comum, visto a popularização desse conhecimento nas últimas décadas. A memória é a base para processos de aprendizagem (Fernandes, 2006; Ribeiro, 2019). Memória é o que permite o acúmulo de

conhecimento. É o que garante a sobrevivência. É o que sustenta uma fantasia, e se mistura com ela. Não importa de qual área que venha a resposta, há um pressuposto base da memória e sua relação com o sono. Os processos que envolvem a consolidação e registro das memórias têm suas raízes durante o dormir. Mas o interessante a respeito dos estudos atuais não é apenas sobre esse funcionamento neuronal da memória, mas sim como há um elemento social que está atrelado a ela. A discussão sobre memória pode atingir diversos níveis - desde a aprendizagem dos indivíduos, até um plano comunitário e político, pois é a partir da consolidação de experiências passadas que é possível pensar em uma transmissão de conhecimento para a alteridade e para a construção de uma cultura.

Assim como os estudos da memórias são antigos, as perguntas que os acompanham também. Como saber se é memória ou se é fantasia? Como saber se é memória ou se é a reprodução de uma história que foi escutada diversas vezes? Parte do processo de criação e consolidação da memória tem relação com o compartilhar, o que envolve outras questões. Falar, escutar, repetir, desejar e fantasiar compõem a criação e fixação da memória, criando uma costura entre esses elementos. Um dos pontos elementares para abarcar esse assunto é considerar o fato de que a memória não é exata. Sólida. Fixa. A memória é dinâmica. Viva. É porosa, assim como o sonho. Inclusive, mesmo nas neurociências, é abordado que aquilo a percepção de eventos passados está passível de ser mudada, uma vez que as memórias se rearranjam espontaneamente; sendo que o sonho tem um papel importante nisso.

Parte dos processos que envolvem a memória é a relação dos seres falantes com a alteridade. Registrar e transmitir consolidam e ressignificam a própria memória. Bom, se a memória é a base da transmissão de conhecimento, histórias, hábitos, aprendizados e cultura, não é um exagero dizer que a memória é a base da construção de qualquer organização coletiva dos seres humanos (Ribeiro, 2019).

Milton Santos diz que “a memória coletiva é apontada como um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro”. (Santos, 2017, p. 329). Ou seja, a memória é um elemento central para construção da sociedade, e o sono é a base da memória. Isso nos aponta que há uma espécie de arquitetura social do sono, se tomarmos a importância da memória como ponte entre esses campos, da sustentação de uma organização cultural e social baseada nestes elementos.

Não à toa, são diversos os estudos que apontam para a relação entre memória e a sociedade. Ruggiero (2022) aponta para a relação que há entre a precarização da memória (isso implica nas formas de relação social) frente às novas formas de consumo excessivo de

conteúdos digitais. Esse funcionamento está em constante expansão, visto a quantidade crescente, nas últimas décadas, de informações que devemos armazenar devido ao marco tecnológico. Ainda no campo que diz respeito ao social, a memória tem a sua importância coletiva também para que seja possível pensar o futuro a partir do passado. Há um campo de estudos políticos sobre a memória, que se baseia em princípios de que é necessário a evocação de uma cena para que haja uma memória.

A proposta da construção de monumentos históricos, museus, documentários e outros tipos de registros entra justamente nesse campo, de acordo com a mesma visão que é necessário um investimento - uma implicação, uma nova montagem da cena evocada pela memória, para que a história possa sair da repetição em looping, e enfim achar um caminho da ordem do possível para ser elaborada. Tal noção está em Freud, quando se aponta que há um recordar, repetir e elaborar²⁰. Se há uma relação entre sono e memória, isso também pode ser lido à luz do inconsciente. O que implica trazer à tona que o sono é o momento no qual não apenas há uma seleção biológica de memórias ou de construção de elementos culturais, mas também um estado no qual o inconsciente trabalha, exaustivamente, nessa seleção, de maneira a fazer um investimento em algumas lembranças, e em outras não.

Para a psicanálise, quando se debate a questão da memória é necessário compreender que há uma outra instância em operação - o inconsciente (Freud, 1914/2014). O trabalho com a memória consiste em assumir que para a existência delas, de forma que possamos evocá-las, é necessário que tenha existido um certo investimento afetivo e libidinal em uma cena (algo que Freud chama de traços mnêmicos), e assim se constrói uma memória - trançada com a fantasia. Assim, “a memória é uma coleção de cicatrizes de choques no eu” (Ferenczi, 1932/1990, p. 150). É necessário que haja algum tipo de investimento, visitar e revisitar a lembrança, o que seria justamente a relação entre a pulsão e os traços mnêmicos (Cheniaux, 2006; Freud, 1914/2014). Assim, a memória opera junto ao aparelho psíquico do sujeito, tal como nos processos referentes à construção das fantasias, da subjetividade e da relação com o outro. Mas isso não ocorre somente na ordem do individual e do privado. Uma comunidade também deve recordar, repetir e elaborar a fim de não ficar fadada à uma repetição mortificada. Neste âmbito social, é possível tomar como exemplo a quantidade de registros que foram feitos na Alemanha logo após a Segunda Guerra Mundial, como uma forma de não esquecer que aqueles eventos e ideologias fascistas fizeram parte da sua história e que não devem ser repetidos.

²⁰ Para mais detalhes ver em (Freud, 1914/2014)

Em contrapartida, ao longo da história brasileira, diversos movimentos de lutas emancipatórias e lideranças de resistência são propositalmente jogados ao esquecimento, seja em relação a injustiças de classes sociais, discriminações raciais ou de gênero e sexualidade. É necessário ter uma marca libidinal, ter um investimento e que a lembrança ganhe um espaço, assim, consolidando a memória. Porém, há que ser feita uma consideração: essa memória não é exata, mas sim porosa e atravessada pelas fantasias - e isso não a torna menos potente; muito pelo contrário, a porosidade é o que permite a construção da memória, ainda que em um momento futuro. É o que permite a elaboração. Uma entrada em outro tempo, *a posteriori*.

Ou seja, dormir bem (enquanto comunidade) traz a possibilidade de construção e transmissão coletiva da memória. Isso, para alguns grupos que foram e são alvos constantes de processos de colonização, é de extrema importância e uma excelente estratégia de resistência cultural. Prezar pelo dormir é prezar pela resistência individual e cultural. Talvez aí esteja alocada outras camadas do 24/7: desmobilizar uma comunidade através da falta de sono, que se fundamenta em ser uma das estratégias de dominação e manutenção de poder. Se as pessoas pouco dormem, pouco descansam, pouco se recordam, pouco transmitem, pouco sonham com outra possibilidade de futuro, pouco elaboram e mais tempo trabalham e consomem. Fica evidente que há uma política em jogo.

1.6 | A política do sono

O sono se mostra importante por diversos motivos e a sua escassez, falta ou má qualidade podem ter um efeito extremamente destrutivo. Em uma abordagem mais direta, essa escassez pode estar relacionada com dificuldades nas atividades psíquicas como um todo: atenção, coordenação motora, humor, dentre outros (Santos-Coelho, 2020) e até mesmo desencadear delírios e alucinações, como se o sonho invadisse a vigília. Também há um aspecto longitudinal, no qual as más condições de sono podem estar associadas com o desenvolvimento de transtornos mentais crônicos e até mesmo com o agravamento de alguns quadros psicopatológicos (como ansiedade e depressão). Em outros casos, a falta de sono pode causar episódios específicos com sintomas de crises psicóticas (Mota, 2011) ou até mesmo ser confundida ou desencadear uma.

É evidente a relação que há entre a saúde mental e o sono (Lucchesi et al., 2005). Se por um lado, é extremamente comum a alteração do sono como um dos primeiros sintomas

quando há um adoecimento, e isso deve ser visto com muita atenção e cautela, por outro há uma política em curso na gestão de como dorme a sociedade. Uma vez que o sono se apresenta como resistência e limitação à produtividade, impossibilitando o avanço desenfreado do rendimento do trabalho, ele também vira alvo de possibilidade de exploração.

A construção de categorias psicopatológicas, como um todo, vem em uma crescente global. Cada vez mais há transtornos em manuais de psiquiatria, cada vez há mais remédios ofertados para essas categorias até então inexistentes (Pereira, 2002). O cenário sociopolítico leva a uma condução sistemática que opera com o uso de categorias psicopatológicas ganhando com a criação de cada vez mais transtornos e aumentando a variedade e a produção dos remédios, os quais envolvem muitos tipos e subdivisões, mas principalmente o dormir²¹.

Por um lado, cada vez mais as pessoas estão de fato adoecidas e submetidas a lógicas exploratórias de trabalho e condições precárias de vida, sendo que em muitos desses cenários um dos principais sintomas e campos que são afetados é o sono - seja para mais ou para menos. Por outro, há quem lucre do adoecimento alheio. Pereira (2002) aponta que o sono se tornou mais um elemento na equação entre a produção e o consumo. Diante de uma nação que dorme mal e mal dorme, é ofertado um remédio. Mas será que a saída deve ser “induzir” um sono? Que lugar foi esse que o dormir ganhou, sendo que um dia já foi o momento mais importante de conexão espiritual, busca por revelações e saídas alternativas para o futuro? Ao que tudo indica, há uma política em curso. Há uma política do sono. Em uma sociedade em que tempo é dinheiro, dormir é um fardo a ser carregado e não um estado importante de ser vivenciado.

O sono, a noite e o repouso noturno tornam-se assim cada vez mais objeto de ciência e de manipulação pragmática, perdendo progressivamente seu caráter sagrado, atávico, misterioso. Contudo, o sono e a noite são dimensões antropológicas matriciais da experiência humana, irredutíveis, portanto – por sua própria obscuridade imanente –, às objetivações do espírito das Luzes. (Pereira, 2002, p. 130).

Há uma série de recomendações a respeito de como deve-se dormir. As recomendações vão desde a quantidade de horas, o silêncio e a claridade do ambiente, o espaço da cama, a temperatura do ambiente, a qualidade do colchão, o travesseiro, dormir com poucas pessoas no quarto, dentre muitas outras. Mas talvez a questão a ser levantada em conta seria: é possível seguir essas recomendações nas realidades brasileiras? Tais

²¹ Pesquisas da agência brasileira de sono apontam que 73 milhões de brasileiros sofrem com sintomas de “insônia”. Em relação às vendas de zolpidem, um medicamento utilizado para dormir, tiveram um aumento de 560% entre os anos 2011 e 2018 no Brasil. Ver em <https://noticias.r7.com/saude/uso-de-remedio-para-dormir-cresce-560-em-oito-anos-03072019>

recomendações podem de fato se fazer valer, e realmente ter seus efeitos benéficos, mas não correspondem às condições materiais de muitas famílias.

Uma discussão que está em curso no plano da saúde mental e saúde coletiva se baseia justamente em como diversos aspectos, dentre os quais o fator sócio econômico, impactam na qualidade de vida da população²². Um grupo de pesquisadores (Pereira et al., 2011) apontam para uma série de fatores que elucidam as diferenças na qualidade de sono entre adolescentes de diferentes classes sociais. O primeiro fator importante a ser destacado é em relação aos adolescentes de grandes centros urbanos terem uma duração de horas muito aquém das reais necessidades²³, e tais fatores podem estar associados a alimentação, pouca atividade física e muita exposição à luz do computador e celular. Dentre esses fatores, há um que alcança a alcunha como o cerne da questão: o trabalho, sendo que “foi identificada uma média de duração do sono de 7,1h para jovens trabalhadores ao passo que os não trabalhadores apresentaram uma média de 8,6h” (Pereira et al., 2011, p. 976).

Para a maior parcela da população, que corresponde à classe trabalhadora, e em grandes centros urbanos, o cotidiano mina o sono por diversas frentes. Trabalha-se longe, o que exige horas de locomoção tanto para ir, quanto para voltar - horas essas que são tiradas do descanso. Ainda em casa há mais trabalho doméstico e, ao se deitar, o indivíduo não dorme, mas sucumbe, uma vez que não há a possibilidade de criar um espaço e tempo dedicados para o dormir - entrando em contato com a intimidade do momento e dos conteúdos que são revelados durante o sono. Não há o hábito e a força de solicitar inspirações aos sonhos (Ribeiro, 2019).

É levantado, inclusive, que “por isso é frequente que os trabalhadores braçais de hoje sonhem com uma mescla de rascunhos mentais, que descrevem mais o movimento presente do que as possibilidades futuras” (Ribeiro, 2019, p. 99). Dentro dessa lógica social, o repouso soa como um luxo inatingível e destinado somente aos com tempo de sobra, tornando o sono um agente em um cabo de guerra, que inevitavelmente irá ganhar pela exaustão²⁴, mas não sem ter um contra investimento daquele que insiste em permanecer acordado - produtivo - e puxar a corda para o outro lado, provocando noites de insônia. Pouco dorme. Pouco descansa. Pouco se destina ao inconsciente o trabalho de elaborar seu passado, seu presente e seu futuro, pois ao dormir além de consolidar memórias, há a tentativa de criação, através dos sonhos,

²² A discussão proposta agora está no plano da saúde coletiva, e não individual.

²³ Há uma margem de duas horas na duração do sono para as pessoas (de 7h a 9h por noite). Com isso, há variações individuais que podem extrapolar tais números, uns dormem mais e outros menos. Mas a questão não é individualizar os casos, mas propor uma leitura no plano coletivo.

²⁴ Os indivíduos adormecem porque são vencidos pelo cansaço, não porque há a concepção da importância desse momento.

com um futuro, com uma saída (Ribeiro, 2019). Está posta em curso a política sono: descanse o bastante para levantar, trabalhar e consumir, mas não o bastante para sonhar, elaborar, vislumbrar um futuro ou sair de um estado de extenso cansaço e enfraquecimento.

O dormir está situado nessa encruzilhada. Múltiplas vias de acesso a essa mesma experiência. De um lado há essa política que induz ao excesso da vigília, mas de outro lado há mais um fator crucial - e interligado com esse primeiro: a singularidade. A singularidade diz respeito às saídas subjetivas em um contexto político, histórico e cultural. Ou seja, às respostas dadas pelo sujeito. Isso pode passar por como são constituídas as fantasias, as neuroses, os sintomas, e até mesmo a implicação de cada um em romper ou não com discursos hegemônicos sociais. A constituição da singularidade é política e, em última instância, abre a discussão de intersecção entre o individual e o coletivo. Ainda que haja uma política do sono em curso, seus efeitos em cada um dizem respeito à singularidade. E no que tange a esse campo, há que ser analisado o momento de dormir sob a ótica da multiplicidade de vias.

Mesmo que houvesse a possibilidade de criar um ambiente controlado, falsamente, em relação aos fatores externos que possam dar uma boa noite de descanso, ainda não há uma garantia de ter uma boa viagem ao mundo de Morfeu. O sono e o dormir, apesar de sua tentativa de captura e comercialização, ainda são experiências com dimensões subjetivas, e com o dormir entram em cenas outras questões que atravessam os sujeitos. O que faz uma pessoa adormecer rapidamente, lentamente ou não adormecer, pode dizer respeito à singularidade (ou seja, às saídas subjetivas frente a política).

Assim, é necessário explorar as camadas do sono considerando a dimensão subjetiva desse diálogo em múltiplos campos. O que nos faz dormir bem? Quais elementos entram em cena quando há a necessidade de se despedir do mundo em vigília e adentrar um outro mundo? Certamente há uma grande influência nesse campo marcada pelo rompimento existente na compreensão do que é o sono: para a sociedade contemporânea, uma necessidade química e neurobiológica; ou até mesmo um momento a ser evitado (para quem está mais imerso na lógica 24/7). Muito diferente de uma certa noção de sono através de uma aposta ativa, tal como era (e ainda é) para muitos campos de saberes ancestrais. Veremos mais sobre esse embate. Com isso, a proposta é abrir caminho para que haja uma outra forma de relação com o dormir, compreendendo e ressaltando a importância desse tempo.

1.7 | Tempo de dormir

Ao longo do capítulo a discussão contorna duas balizas ligadas à função do dormir. Na primeira, o dormir está associado ao campo da necessidade; já na segunda, o dormir se costura como uma instância de aposta ativa na qual, talvez, haja algo que possa atravessar o sujeito por uma via até então não acessada com tamanha intensidade - associado ao campo do desejo. Ambas valem uma reflexão direcionada.

Há inúmeros problemas em abordar o dormir apenas pela via da necessidade (ainda que ela seja evidente e fundamental), pois assim perde-se de vista a potência e a magnitude da extensão do dormir. Isso passa desde a importância comunitária da memória, quanto às formas pelas quais as políticas do sono são internalizadas e produzem uma série de sintomas, como a falta de interesse em dormir (insônia), a pouca produtividade onírica (ou a pouca recordação deste), dentre outras funções. Além disso, abordar apenas pela via da necessidade, implica em uma perpetuação de uma lógica que exclui os pontos relevantes referentes ao segundo ponto balizador, presente nos saberes ancestrais (mas não apenas restrito a eles). No tangente ao segundo ponto, dessa aposta ativa de que ali algo pode (ou não) surgir, vindo uma outra instância (para essa pesquisa entendemos que essa outra instância é o inconsciente), ainda que seja um campo mais complexo e interessante por incorporar (em algum nível) o sonho na gestão das questões cotidianas ao escancarar sua força no processo de elaboração, o que demanda uma espécie de interpretação; ainda assim há que se tomar um certo cuidado para que essa aposta em dormir não caia em um mero reducionismo instrumental ou até mesmo negacionista da vigília e de seus atravessamentos. Há que se costurar esses elementos. Eles podem e devem dialogar e se entrelaçar.

O sono, apesar de ser um assunto relativamente pouco explorado pelas ciências humanas atuais, abre margem para um mundo de interpretações e metáforas. Anteriormente, neste capítulo, foi abordado e marcado as repetições de como na antiguidade muitas crenças firmaram um compromisso com o dormir e que, ao longo da história e com o avanço das civilizações, esse momento de conexão espiritual sucumbe a uma política marcada por um excesso de presença da vigília. Somando a essa questão, Freud atribui ao sono tamanha importância que é necessário protegê-lo - cabendo aos sonhos ter a função de guardião do sono para manter-lo intacto e operante em sua função reparadora e restaurativa no aparelho psíquico (Freud, 1900/2019). O sono é uma instância que o inconsciente se faz anunciar e denunciar, seja produzindo sonhos, seja por uma resistência e recusa dos sonhadores em adentrar no mundo de Morfeu.

A política do sono está intimamente relacionada com uma política do gozo, pois ambas são marcadas por um excesso. No caso da primeira, que é um dos objetos de estudo dessa pesquisa, é o excesso de permanecer acordado, excesso de consciência, de tentativa de controle, de consumo, de vigília e fluxo de pensamentos. Esse excesso pode estar associado tanto ao dormir demais, quanto ao dormir de menos - que aponta para a insônia.

Permanecer tempo demais acordado e estar em estado constante de vigília é, invariavelmente, ser vencido pelo cansaço e presenciar um desligamento forçado do corpo, com a possibilidades de alucinações visuais e auditivas. A pessoa é literalmente vencida pelo esgotamento. Pode, esse lugar de ser vencido pelo sono, ter alguma relação com a posição que o sujeito toma frente ao Outro - com o social? Se há uma espécie de perversidade que entra em jogo neste campo, é a oferta contraditória de dormir menos e produzir mais, pois assim o sujeito abre mão²⁵ de um prazer próprio - de dormir, em sua mais completa satisfação - para estar inserido na cultura (24/7). Essa relação entre o conflito de um indivíduo e seus desejos, frente ao campo social, é muito explorado por Freud em seu texto *O Mal-estar na Civilização*. O mal-estar expressa-se de muitas formas (Freud, 1930/2011). Poderia então o mal-estar também se manifestar no sono, dado o tamanho da força que o inconsciente exerce neste campo dormente? Uma vez que “(...) o mal-estar na contemporaneidade expressa-se, entre outros, através da incapacidade de dormir e de repousar” (Pereira, 2003, p. 129), seria a insônia uma forma de dizer que denuncia esse mal-estar?

A fim de explorar as camadas e a polissemia de alguns operadores conceituais, podemos pensar em tipos de insônia, ou múltiplas frentes para abordá-las. Uma primeira, já descrita, como um sintoma compulsório de estratégias políticas de excesso de vigília. Ou seja, nesse primeiro tipo de insônia os indivíduos são coagidos a não se deitar. É como se o foco e o esforço principal estivesse centralizado na tentativa de impedir que cheguem a se deitar. Um segundo tipo de insônia é sobre um outro momento: a pessoa quer deitar. E muitas vezes deitada, quer dormir, mas não consegue.

Nessa cena, na qual há uma pessoa deitada e há uma tentativa de dormir, alguns elementos entram em jogo. Freud (1917/2010) apresenta que é necessário se despir de estímulos físicos e psíquicos para evocar o sono:

Não costumamos pensar muito sobre o fato de que toda noite o ser humano tira os panos que cobriam sua pele, e talvez ainda as peças complementares de seus órgãos, na medida em que logrou compensar-lhes as deficiências com próteses como óculos, perucas, dentes etc. Podemos acrescentar que ao adormecer ele realiza um desnudamento análogo na

²⁵ Não por escolha própria, muito menos consciente.

psique, renuncia à maior parte de suas aquisições psíquicas e efetua assim uma extraordinária aproximação, dos dois lados, à situação que foi o ponto de partida de seu desenvolvimento vital. Somaticamente, dormir é uma reativação da estadia no ventre materno, preenchendo-se as condições de repouso, calor e ausência de estímulos; e muitas pessoas retomam, dormindo, a posição fetal. O estado psíquico de quem dorme se caracteriza pela retração quase total do mundo que o cerca e cessação de todo interesse por ele (Freud, 1917/2010, p. 253).

Esse desnudamento pode ser lido como uma forma de suspender, brevemente, as funções psíquicas de um modo geral: atenção aos estímulos sonoros, visuais, olfativos e quaisquer outros que possam se fazer presente, dentre os quais, os pensamentos. E Freud marca esse movimento de despir-se, ao se preparar para dormir, também a respeito dos elementos psíquicos. Poderia esse momento, de se despir, ter algo relacionado a um atravessamento pela experiência do desamparo, e retorno a um outro lugar?

Os pensamentos se apresentam como uma tentativa de controlar as fantasias, tentando criar uma lógica para ela, uma ordem, um encadeamento. Para a psicanálise, pensar demais é afastar a possibilidade de entrar em contato com algo da fantasia, uma vez que ela vai ganhando vestimentas e mais vestimentas. O interessante é que nesse instante de preparação para dormir, o pensamento vai sendo suspenso pouco a pouco e, com isso, outra coisa vai ganhando espaço - uma fantasia, meio sonho, meio devaneio, que nos envia rumo ao mundo onírico. Ou seja, o momento do sono está atrelado a uma quebra de posição narcísica (Freud, 1917/2010). É necessário sair de uma fixação ou enamoramento pelos próprios pensamentos, por si, para se lançar (velejando nesse barco misterioso e fantasioso) ao mundo noturno banhado em desconhecimento, ainda que visitado todos os dias. Mundo esse submerso em leis completamente desconhecidas para os acordados. Adormecer é, de um certo modo, se deixar ser conduzido, ao invés de conduzir:

Poucos sintomas interpelam tão radicalmente o sujeito em relação à verdade de seus desejos e de suas paixões quanto a insônia. A dificuldade de adormecer, o despertar sobressaltado no meio da noite ou simplesmente o sono inquieto e agitado impõem a ele uma interrogação sobre a porção oculta de si mesmo que insiste em se fazer reconhecer pela via dessas inquietações noturnas. (Pereira, 2003, p. 127)

Essa concepção e sensação do mundo onírico representar um mundo enigmático ainda acompanha a humanidade até a atualidade. E navegar por águas desconhecidas requer um certo nível de entrega de algo que não se sabe bem o que é, mas que tem traços de intimidade. Dormir bem, além de ser benéfico, é bom e prazeroso. E ainda que haja pesadelos (o que pode ser o motivo de muitas pessoas não quererem dormir), a possibilidade de sonhar, fantasiar e experienciar sensações, ver pessoas ou viver contextos diferentes, traz prazer. E esse prazer

não surge apenas quando já se está dormindo. Ele começa um pouco antes. Naquele desnudamento apontado acima.

Ao tomar como exemplo a cena de uma criança recém nascida, é notável o quanto ela dorme. Mas outro ponto notável na criança é o quanto ela chora. Acontece que a partir desse choro - incômodo - há uma leitura de que a criança precisa de algo (mamar, desconfortos físicos ou fisiológicos etc). Mas, por muitas vezes, a resposta que a criança obtém é a tentativa de ser colocada para dormir. Esse outro/adulto convoca a criança a dormir para cessar o choro com os diversos artificios que a cultura possa se dispor: cantando, balançando, falando manso, fazendo perguntas, brincadeiras, distrações ou qualquer outro tipo de manhas como formas de sanar o choro, de tampar uma falta. E ainda assim, o bebe precisa aprender a dormir. Como em casos que está em seu esgotamento, lutando contra o próprio sono. É justamente ali, no momento do embalsamar para o adormecimento, que vai sendo construído um prazer em dormir, que com a repetição dessa cena há uma marca na subjetividade. O sono faz isso.

Quando a criança dorme, ela entra em um estado similar ao de saciação, tanto para ela quanto para os demais. O psicanalista e médico psiquiatra Mário Eduardo Costa Pereira (2021) coloca que há uma erótica do sono, justamente por esse jogo de prazeres e manhas que seduzem embalam o indivíduo para enviá-lo à experienciar a pequena morte. Será possível propor que, a partir do sono, seja feita uma demanda endereçada ao Outro?

Essa cena do ninar tem uma marca: o prazer do sono. O prazer de saciar algo que grita no corpo. Dormir vai se construindo como o momento de evocar esses afetos e prazeres, a fim de amansar o corpo e o funcionamento psíquico. Por outra via, há o prazer de ser forçado a despir-se do Eu para encontrar uma outra instância de si, a do inconsciente. E este prazer pode se tornar um gozo. Esse conceito é trabalhado sob a perspectiva lacaniana, sendo o gozo o representante que marca a falta pelo excesso²⁶.

Dormir é um testemunho, sempre *a posteriori*, que há uma entrada no oculto - no inconsciente. *A posteriori*, pois nunca se capta exatamente o instante de dormir, só se sabe quando acorda. Apesar da resistência da sociedade contemporânea de fechar os olhos ao anoitecer, “é ainda à noite, no silêncio de seu repouso, que o homem tem um encontro marcado consigo mesmo, com o real erótico de seu corpo e com seus desejos ocultos” (Pereira, 2003, p. 132). Dormir é fazer uma aposta: que ao fazer uma entrega - sempre antecipada - sem saber se irá colher pesadelos ou sonhos, algo é trabalhado em um nível fora da consciência.

²⁶ Por exemplo: se há muita água caindo da jarra no copo, de modo que o recipiente transborda, o excesso de água também nos aponta para uma falta de copo (de espaço).

Dormir nesta pesquisa é lido como um operador social marcado pelo atravessamento do tempo lógico, justamente porque nessa marcação há uma mescla de diferentes referências temporais. Passado, presente e futuro interligados em um instante adormecido. Dormir é marcado por esse momento antecipado. E quem faz esse traslado sorrateiro e invisível é o sono. O sono, com suas artimanhas, seduz quem está em vigília e lhe conduz até o reino onírico. Se for possível fazer uma distinção entre o dormir e o sono, aqui está. O primeiro é um tempo. Um instante que permanece, sob uma constância determinada. O segundo é a vontade de dormir, a erótica, o desejo, a sedução e o trânsito. Sente-se sono para dormir e é justamente por isso que o sono é erotizado, pois ele precisa seduzir quem vai fazer a passagem de mundos. Precisa convencer que a passagem é interessante e pode ser prazerosa. Aqui está um ponto de atenção: o que te faz dormir? O que faz dormir um coletivo? Uma música? Uma voz? Um carinho? Uma luz acesa? A saciedade alimentar? Após uma descarga de prazer? Uma sensação de proteção? Esgotamento? Talvez seja importante escutar o que faz dormir.

Os tempos oníricos foram apresentados enquanto uma proposta de operadores de leitura que marcam uma posição de resistência e enfrentamento às políticas de poder que se sustentam na violência. Tratar assim permite um caminhar em direção a uma dimensão comunitária e compartilhada que os sonhos podem ter, compreendendo todo um ciclo, e não apenas os relatos de sonhos recortados. Assim, um tempo de dormir se constrói como um tempo que abre espaço e alarga as margens do cuidado de si e do comunitário, visando não apenas a possibilidade de recuperação fisiológica ou da construção e consolidação de memórias; mas como um tempo que dá tempo. Como um tempo que resiste às investidas de 24/7, onde o acesso ao gozo é falsamente apresentado como ilimitado, minando os espaços ou dobrando as apostas para a construção da erótica do sono se apresentar. Dormir é resistir à invasão colonizadora dos corpos, pois é prezar pelo descanso e pela possibilidade de projetar um futuro, uma vez que dormir é a condição base para sonhar.

Uma vez que a proposta é apresentar que todos os quatro tempos estão amarrados um no outro, o dormir se amarra com o tempo de sonhar da maneira mais íntima que poderia ser, um depende diretamente do outro - cria espaço para o outro emergir. Se amarra ao despertar na medida em que é necessário um para saber da existência do outro: só se percebe que dormiu quando despertou. E por último, e não menos importante, se relaciona com o tempo de compartilhar quando é feita a leitura de que o sono é uma forma de endereçar uma demanda ao Outro, é uma forma de se inserir e fazer laço. Os tempos são a expressão, na radicalidade, da singularidade dos sujeitos. Ou seja, compreender que mesmo as subjetividades são da ordem da individualidade e únicas e, ao mesmo tempo, sociais, históricas e políticas.

Um tempo de dormir é evocar não só os saberes ancestrais, mas os conhecimentos atuais. Compreender a importância desse momento e olhar a convergência de discursos que o atravessam. É evocar o que há de desconhecido e inalcançável na experiência de consciência. É trazer à cena Hipnos, compreendendo de sua íntima e parentesca relação com Lissa, a loucura. É destinar aos cuidados dos deuses - aqueles que representam os mais profundos mistérios - para receber mensagens, cenas e dizeres. É compreender que, assim como em algumas das tradições chinesas, em que há uma preparação que pode ser feita, ainda acordado, para tal ato. Dormir é uma leitura que deve ser feita no plano comunitário e compartilhado, e não se restringe ao individual. É colocar em cena o papel central que deve-se ter ao dormir: fazê-lo atravessado por um desejo e uma aposta de há outra instância que pode ser acessada (em partes) enquanto dormimos; como faz quem busca inspirações, elaborações, e até mesmo uma aposta de que no desconhecido existe um navegar. É trazer à cena o inconsciente.

Assim, ao estruturar os tempos oníricos, o tempo de dormir se constitui como um operador de resistência e enfrentamento às políticas de dominação e ganha corpo nas seguintes instâncias: (1) É o começo dos tempos oníricos, mas também é o fim. É um tempo que abre tempo, abre espaço. Dormir, enquanto tempo onírico, é demandar se entregar ao desconhecido, e ao mesmo tempo sair de um enamoramento pelos próprios pensamentos, se adentrando e colocando algo da ordem do mistério - do inconsciente - para funcionar. É se desligar de uma determinada posição, muitas vezes para poder reassumi-la, mas de outra forma. É viver uma ausência, por um lado, mas assumir a presença em outro - no desconhecido. É experienciar uma pequena morte. É ensaiar o morrer, mas não o literal - é ensaiar um morrer simbólico de alguma parte de si. É deixar o dia acabar. É se lançar em um luto e testemunhar um fim, nem que seja o fim do dia - todos os dias;

(2) O sono marca uma espécie de batalha interna - a erótica do sono que entra em cena diz de um gozo no tempo dormir. Não dormir é dar potência para uma fantasia da incerteza da continuidade²⁷. Dormir a mais como uma marca de um excesso de gozo da pequena morte, ou até mesmo um enamoramento por um estado do qual tudo é possível, enganosamente. O dormir de menos (a insônia) como uma explicitação da intersecção entre política e individualidade, que se faz presente na singularidade, podendo tanto ser a insônia associada a uma recusa de se despir de si, a marca da falta de um luto próprio quanto à submersão dos indivíduos a um sistema de produtividade sem pausas. Há uma questão de saúde mental

²⁷ Como ocorre com muitas pessoas que têm algum compromisso importante no dia seguinte e relatam ter medo de dormir, não acordar e perder o compromisso.

envolvida. Dormir é fazer uma passagem antecipada, pois nunca se sabe quando dormiu, só o percebe quando acorda;

(3) Tempo de descanso, de recuar, de produzir sonhos e vislumbrar um futuro, se ocupar do presente e relembrar o passado. Dormir é abrir caminho para que nesse mundo misterioso as memórias se consolidem; algo irá aprender, algo irá cair, e algo irá sonhar. E assim como no luto, abrir espaço para um novo - os sonhos.

(4) Dormir é um tempo de prezar pela construção de memórias. Isso tem uma implicação tanto individual, quanto social e política. Dormir é cultivar um tempo e um espaço para que o passado seja reorganizado e transmitido, buscando um novo futuro. E por último, e não menos importante, (5) O sono se faz valer como parte da equação dos pactos sociais e há reflexo na forma se dão as organizações sociais e políticas com a forma com que dormimos, visto que estamos submetidos a um esquema de 24/7. Assim, podemos perguntar: enquanto cultura, enquanto população, como dormimos? Propor um tempo de dormir, é propor uma relação harmoniosamente caótica com as profundezas que nos habitam.

Dormir se constitui enquanto um tempo onírico, ou seja, um operador de resistência e enfrentamento às formas violentas de manutenção do poder através do laço social. Dormir, em um traslado que vai do individual, mas passa principalmente em um nível comunitário, em tempos sem tempo (com espaço apenas ao excesso de trabalho e consumo), é uma forma de fazer resistência. Dormir e prezar coletivamente por esse tempo, assim como prezar pelos efeitos possíveis que vêm dessa instância, é uma forma de fazer uma frente de resistência e enfrentamento. Dormir em uma sociedade capitalista, colonizadora e exploratória (que reproduz uma manutenção do poder através de discursos violentos) é uma forma de resistir e enfrentar esse sistema. Dormir é um tempo de resistência que marca as dimensões políticas dos sujeitos, do inconsciente e das formas discursivas de inserção no laço social.

Agora que dormimos, é tempo de sonhar.

2 | Tempo de Sonhar

Introdução à cartografia onírica

Talvez este seja o capítulo mais espinhoso da dissertação, pois vai tratar de um tempo onírico (sonhar) que é correspondente ao material principal da pesquisa: o sonho. É necessário um cuidado com a argumentação, uma vez que há um mar de saberes, conceitos e articulações possíveis entre esses elementos teóricos e culturais. Assim, o percurso a ser percorrido neste capítulo passa por um recorte, necessário a toda pesquisa. Por isso, a discussão será norteadada e se pautará nos eixos centrais que foram apresentados na introdução para a construção de uma leitura dos tempos oníricos. Ainda que os cinco eixos (memória, implicação, interpretação, elaboração e tempo) estejam presentes em todos os capítulos, há uma dedicação maior para alguns deles em cada momento da dissertação. Neste capítulo dois, os elementos centrais que serão trabalhados para trazer a leitura dos sonhos para o campo da Psicologia Social são: elaboração e interpretação.

Sendo assim, o capítulo começa apresentando os sonhos em diversos contextos, uma vez que a proposta é criar uma base para discutir uma noção de *elaboração*. A questão é que os sonhos, ainda que sejam um dizer do ser e dos seus atravessamentos, passam por um processo de deformação (por isso muitos são sem sentido ou trazem uma sensação de que não são materiais possíveis de serem usados para qualquer leitura).

Trabalhamos a partir dos sonhos, mas os próprios sonhos vieram de um trabalho. Freud (1901/2021) diz que “o processo de transformação de conteúdo onírico latente em manifesto eu denominarei trabalho do sonho. A contrapartida desse trabalho, que faz a transformação inversa, já conhecemos como trabalho da análise” (p. 389). Esse processo de transformação e elaboração de um conteúdo em outro tem uma função. A elaboração onírica trabalha de maneira a diluir o conteúdo que será elaborado, pois uma carga de afeto muito grande causa uma espécie de sobrecarga. Uma memória muito vívida e muito próxima da experiência seria apenas uma repetição do que já foi vivido. A elaboração busca encontrar outra via de destino para a experiência, e assim o faz através das propriedades alucinatórias e do disfarce. Assim, cria-se um trabalho que se utiliza de rotas alternativas, e não a via principal e congestionada. É um trabalho com tempo, apostando na ampliação de recursos simbólicos, comunitários e culturais.

É nesse ponto que será introduzida uma noção de *interpretação* que servirá de base para compor o objetivo da pesquisa. Interpretar é ler com os disfarces, distorções e camuflagem. E ler com esses elementos é necessário porque, a depender do trabalho do sonho, a diluição seria tamanha que qualquer acesso ao conteúdo que quer ser elaborado já estaria desfigurado. Interpretar é remontar o trajeto, respeitando os recursos e as vias que o próprio sonho montou. É entrar na lógica estrutural do sonho para, a partir dela, apontar - cuidadosamente - para uma leitura que inclua o caminho da distorção.

Interpretar é apontar para esse jogo de presença/ausência de sentido de tal maneira que abra margem para novos contornos. Para trabalhar com os sonhos, aos modos como esta pesquisa se propõe, é necessário uma interpretação que não se centre apenas na associação livre de quem sonhou, mas sim uma interpretação que seja possível no campo compartilhado. Uma interpretação que traz um dizer que abra possibilidade de circulação de fala, transmissão de afetos, podendo inclusive agir retroativamente na própria elaboração. Por isso é necessário apresentar, brevemente, como se dá o trabalho dos sonhos (que cria o disfarce), para então poder propor como pode operar uma interpretação que não vise achar e fechar uma solução para aquele sonho, mas sim uma interpretação que o abra. Que explore os poros. Que permita a construção de um laço através do que foi sonhado. Aqui está um ponto radical da pesquisa: o interesse não é focado apenas no conteúdo do indivíduo que está disfarçado, mas sim no conteúdo comunitário, que também pode estar deformado.

Ainda que o caminho possa ser um pouco trabalhoso e longo, a todo momento a preocupação deste capítulo é apresentar e consolidar uma noção de elaboração e de interpretação que componham como pilares a proposta dos tempos oníricos. Esse é o mapa da situação. O trajeto foi traçado.

2.1 | O mapa da elaboração onírica

Sonhar é uma capacidade de muitos seres vivos. Uma vez que os sonhos constroem cenas a partir de imagens que dizem respeito ao sonhador (mas não só), podemos evidenciar diferentes formas de sonhar, em diferentes formas de vida. A gigantesca diferença que há na forma humana de sonhar é que a linguagem está à disposição como um recurso para a construção do sonho. Isso por si só já eleva o estatuto dos sonhos em um outro patamar. Ainda que os cachorros sonhem, eles não têm a capacidade de criar cenários hipotéticos, representações de tempo e espaço, assim como abstrações imaginárias linguísticas. Sem a

aquisição de linguagem, os sonhos se limitam a ser uma reprodução praticamente literal das cenas vividas²⁸.

Com seres falantes, o sonho atinge uma potência fundamental. Possibilita a abstração, criação e localização de afetos e angústias enquanto dorme. Quando associados, esse par sonho e linguagem são uma combinação elementar para a vida humana. Um alimenta o outro. Sonhar é tentar criar uma referência de espaço e de tempo para os afetos e atravessamentos ao qual se está submetido. É tentar dar um contorno, com os recursos que o sonhador dispõe. Sonhar é uma tentativa de dizer da própria existência. Tanto em afetos quanto em mistérios. Tanto para aquilo que tem representação, quanto para aquilo que não tem - mas visa ter. Por isso, a linguagem é um recurso crucial para o sonhar humano mas, mesmo assim, ela não dá conta de tudo.

Ainda que muito potente, há dimensões na experiência humana que a linguagem não dá conta de contornar. Experiências como a morte, a vida, o tempo, o início e o fim são alguns exemplos. Elementos indecifráveis por escaparem a uma representação de imagem ou de palavra. Elementos esses que, apesar de não terem nome nem imagem, são alvos de investidas para ter essas representações, porém sem sucesso. Isso escapa. De alguma maneira, os sonhos também estão inseridos neste campo. Apontar que o sonho é uma tentativa de dizer, é explicitar uma das funções centrais do sonho: a *elaboração*. Mas o que há para ser elaborado? Se sonhar é uma tentativa de dar contornos, quais as margens da potência onírica?

O ponto central dessa etapa é apresentar e trabalhar com a materialidade dos sonhos e como eles estão entrelaçados com o contexto no qual são sonhados. Assim, explicitar e materializar a relação que existe entre os sonhos e o contexto sociopolítico e cultural de quem sonha. Essa relação é tomada como parâmetro para sustentar a função elaborativa do sonho. Afinal, os sonhos estão presentes para elaborar questões relacionadas ao contexto que foi sonhado. Ao materializar a potência onírica e explicitar a sua função elaborativa, abre-se o pressuposto de fundamentar sua importância para a vida psíquica individual e coletiva. Apontar que o sonho diz algo do social é escancarar que a função de elaboração que se faz presente como um alicerce fundamental da vida psíquica.

Vamos às paradas necessárias dessa viagem.

²⁸ Pesquisas sugerem que pessoas com nível de escolaridade mais baixa relatam sonhos mais imagéticos, e menos narrativos ou complexos, tamanha a importância da linguagem para o sonho. (Ribeiro, 2019)

2.1.1 | *Uma viagem pelo cosmos*

Em muitas das civilizações antigas o sonho representava um momento de experimentação e viagem para outros planos que não poderiam ser acessados estando em vigília. Para os Yanomamis, que vivem na fronteira do Brasil com a Venezuela, a compreensão sobre a construção onírica passa um tanto por esse percurso. Há uma complexa e importante construção a respeito do papel dos sonhos para a vida, segundo o povo Yanomami.

Limulja (2022) aponta que para essa comunidade, a experiência vivida em sonho é tão importante quanto a experiência acordada, ainda que afirmem a diferença entre esses dois campos. Essas duas formas de transitar se complementam. Nas palavras da autora “os Yanomamis não apenas pensam sobre seus sonhos, eles sonham aquilo que pensam” (Limulja, 2022, p. 174). A imagem usada pela autora para representar a concepção dos sonhos para esse povo é a da fita de Möbius. Um transitar contínuo que marca duas instâncias diferentes. A primeira (diurna), diz sobre o corpo e a matéria; enquanto que a segunda (noturna) diz sobre a imagem e o imaterial. Durante o dia o corpo se movimenta e a imagem repousa, à noite os papéis se invertem: o corpo descansa e as imagens transitam.

Para os Yanomamis, esse transitar diz respeito ao cosmos no qual estamos vivendo, que está estruturado em níveis diferentes. Acessa-se uma instância com diferente compreensão de tempo, na qual não há relevância na distinção entre passado, presente e futuro. Acessa-se um plano no qual se estende a conexão com a natureza e a importância dela para o mundo. Acessa-se um lugar no qual sabedorias podem ser transmitidas e alertas para a manutenção e a sobrevivência também estão presentes. O transitar da imagem é algo importante para a compreensão dos sonhos dentro desse campo de saber. O sonho é parte da vida. O sonho é o trânsito da imagem. Trânsito esse que acessa lugares distintos dos que são acessados enquanto o corpo trabalha (Limulja, 2022).

Dentro dessa compreensão, é durante a noite que de fato se sonha. É durante a noite que as imagens se encontram. Quando se sonha com alguém que está ausente, é porque houve um encontro com uma imagem dessa pessoa. O ponto interessante dessa leitura é que esse sonho não necessariamente reflete que há um desejo de quem sonhou em encontrar a pessoa ausente. Mas sim, um desejo da pessoa ausente em encontrar o sonhador. O desejo presente nos sonhos, para os Yanomamis, é do campo do outro. Diz não só do sonhador, mas também da alteridade (Limulja, 2022). Daí um dos pontos fundamentais para articular a relação que há entre o sonho, quem sonha e seu entorno.

Porém, há um ponto importante a ser colocado: para essa tradição nem todas as pessoas têm as mesmas condições de acesso aos diferentes planos de existência cósmica, e somado a esse ponto: os sonhos raramente são literais. Não à toa, as interpretações eram quase sempre requisitadas (Ribeiro, 2019). Assim, é feita uma distinção entre os membros da comunidade e a figura do xamã: esse último tem acesso aos diferentes planos cósmicos (através dos sonhos), e assim deve ser devido a sua importância de intersecção entre os mundos e planos. O sonho é crucial na formação de um xamã, que visa a compreensão da complexidade da vida e de seus ciclos. O sonho é uma escola (Kopenawa & Albert, 2015).

Além dessa diferença, há uma outra colocada. A diferença entre como se sonha quando se está conectado com a natureza e os cosmos, e quando não se está conectado com essas instâncias - como é o caso dos brancos colonizadores e da sociedade urbanizada, em geral. O sonho pode ser uma via de acesso à elaboração de questões relacionadas à espiritualidade e à natureza. A aposta ativa em buscar nos sonhos inspiração para uma vivência de formação é crucial e está presente em diversas culturas²⁹.

Davi Kopenawa diz, em *A queda do céu* (2015), que a civilização urbanizada precisa aprender a sonhar. Mais especificamente que o homem branco precisa aprender a sonhar. Além da falta da devida importância para questões da natureza, a individualização é um fato que afeta as sociedades urbanizadas. Bom, os sonhos não dizem apenas do sonhador, mas também do seu entorno. Isso favorece para que os sonhos urbanos e brancos digam apenas de si, enquanto que potencialmente podem dizer mais. Muitas vezes até dizem - esse é o princípio da pesquisa. Mas será que a escuta também já não está individualizada?

2.1.2 | *Sonhos, morte e luto*

Se dormir é uma pequena morte, o que seria o sonho? Uma vivência de passeio no mundo dos mortos? São inúmeras as culturas que relacionam sonho e morte. Talvez, a morte seja uma das relações mais antigas associadas ao sonho. Tanto a morte do outro, quanto a própria morte. O sonho tem íntimas relações com o luto, e não é raro seus conteúdos denunciarem os traços de elaboração de uma perda. O luto é um momento marcado diante da perda, da morte, do fim, da solidão, da finitude. Para vivenciar e elaborar o luto existem diversos rituais e práticas fúnebres. O importante desses rituais é que eles dispõem de recursos que auxiliam processar a perda. Muitos desses processos são históricos e coletivos. Nesses momentos são encenados vivências de despedida. Despedir-se do corpo. Dos objetos. Das

²⁹ A noção de implicação foi apresentada na introdução como um dos eixos para pesarmos os tempos oníricos e, como dito, está atravessada em todo o texto da dissertação. No próximo capítulo essa noção ganhará destaque.

roupas. Os sonhos estão presentes nesse campo, mas de uma forma única. Nos sonhos é possível uma despedida que preserve a memória. Uma despedida que acontece na intimidade.

Em muitas culturas os sonhos são vistos como uma espécie de portal entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos (Ribeiro, 2019), o que possibilita um encontro marcado pela nostalgia e pela saudade. Estar diante dos mortos - enquanto dorme - não é morrer, pois esse encontro foi feito através deste portal. Mas não é apenas em relação à morte do outro que se trata o sonho. É sobre a própria morte também.

Os monges do Tibete acreditam que cada adormecimento é uma espécie de preparação/ensaio para a morte e que os sonhos (assim como muitos elementos da vida acordada) não passam de criações e ilusões. Diante disso, praticam o *milam*, que é a yoga dos sonhos. Uma vez que os sonhos são produtos ilusórios criados nessa preparação para a morte, eles podem ser trabalhados e conduzidos por quem sonha como uma forma de expansão de consciência, controle sobre a ilusão e proximidade com Buda. Uma espécie de sonhos lúcidos. (Ribeiro, 2019). Há técnicas e preparações para essa prática. Há muito estudo. Inclusive, estudos sobre necromancia e oniromancia são velhos amigos ancestrais. Elucidar a relação que há entre os sonhos e os mortos é demarcar a importância que o onirismo tem para acessar o passado e as memórias³⁰.

Há quem diga que os sonhos são pequenos ensaios de como poderia ser uma experiência após a vida, uma experiência de morte. O que é uma visão interessante, pois é muito raro escutar um relato de sonho no qual a pessoa morre e continua sonhando. Normalmente os sonhos são interrompidos instantes antes da morte acontecer. Algumas histórias fictícias brincam com esse contraste. No filme *A hora do pesadelo* (1984), se uma pessoa é morta pelo terrível Freddy Krueger em seus sonhos, a morte em vigília também ocorre. O filme *A origem* (2010) também parte do mesmo princípio - não se deve morrer em sonho. Sonhos e vigília como duas faces de uma mesma fita - interligados.

Uma possível leitura dessa relação é que não há uma representação cerebral e neurológica ou mesmo simbólica sobre a própria morte (Ribeiro, 2019). Ela nunca foi experienciada. Não há registros de memória ou linguísticos do que é morrer. Isso torna a morte uma noção sem representação. É possível dizer que há inúmeras representações da morte, no entanto, não há representação em primeira pessoa. Mas é possível sonhar com situações nunca feitas antes (como voar), o sonho poderia “criar” uma noção do que é morrer, não é? Em partes. A criação desse algo novo, em sonho, é produzida a partir de um esqueleto

³⁰ Outro eixo central para esta pesquisa.

de memórias e alucinações de sensações já sentidas. Voar, por exemplo, seria representado por uma descarga de adrenalina - o que muitos já experimentaram.

Essa criação de algo novo através das memórias é a base da noção de elaboração. A interrupção dos sonhos frente à morte (pelo fato de ela não ter representação em primeira pessoa) nos dá fortes indícios sobre a função do sonho ser a elaboração das memórias, e uma possibilidade de projeção de um futuro a partir delas. A relação entre sonhos e morte faz caminhar pela noção de elaboração. Não é possível elaborar aquilo que não há representação. Por isso, cessa-se o sonho frente à própria morte. Mas, ainda assim, esses caminhos entre sonho e morte guardam muitos mistérios e permanecem em aberto às possibilidades de articulações teóricas.

O que está fundamentado é a conexão do sonho como um campo que possibilita o encontro com a perda, que contribui como um acontecimento importante para a reorganização das memórias e dos afetos. Os sonhos são muito poderosos em elaborações frente ao luto pois permitem essa reorganização. Permite a criação de uma nova cena, na qual há espaço para a ausência. Para viver a perda. O sonho projeta, a partir das memórias, uma tentativa de futuro. O sonho trabalha, em algum nível, a fim de fazer um luto - criando novos cenários.

2.1.3 | *Um simulador de trajetos*

Em uma certa perspectiva neurocientífica, o sonho cumpre uma função de simular o dia de amanhã baseado na vivência do sonhador, tomando como base as memórias, assim como eventos do passado e do cotidiano. A leitura é de que o sonho se consolida como um ambiente relativamente seguro de aprendizado, no qual é possível testar algumas situações hipotéticas, assim como possíveis respostas e projeções de cenários. Ou seja, o sonho tenta antecipar o amanhã para que quando (e se) ele ocorrer, haja recursos e repertórios dispostos para a sobrevivência. O sonho, para uma parte das neurociências, cumpre uma espécie de preparação pela antecipação; nessa esteira, o sonho trabalha como uma espécie de oráculo probabilístico que só tem esse efeito no *a posteriori* (Ribeiro, 2019).

Não à toa, os sonhos em muitas culturas ganham a alcunha de proféticos. Em uma gama de simulações, há acertos. Afinal, essa é justamente a função dele. Preparar. Antecipar. Projetar. Criar. Elaborar. Porém, essas funções apenas se apresentam no *a posteriori*, ou seja, em uma relação com o tempo.

Mais do que pressupor um determinismo, “as imagens oníricas não revelam, portanto, o destino do sonhador amanhã, mas apenas seu rumo aparente hoje” (Ribeiro, 2019, p. 300). A cena onírica seria uma espécie de retrato datado das possibilidades de trajetos que o

indivíduo vê como possível para si, a partir do que foi vivido e transmitido. Não seriam, então, esses retratos importantes para uma leitura dos caminhos traçados pelas subjetividades diante dos contextos históricos, políticos e sociais?

Sidarta Ribeiro (2019) traz alguns sonhos que explicitam essa tensão. No cenário de guerra e conflito entre povos indígenas contra os colonizadores brancos do território do norte do continente americano, havia um líder (lakota hunkpapa Touro Sentado), que liderava um grupo de resistência. Após participar de um ritual de purificação, Dança do Sol, no qual visa proteção e visões divinas, teve um sonho:

Viu cair uma chuva de soldados despencando do céu como gafanhotos sobre a relva verde, tombando com a cabeça para baixo e perdendo seus chapéus enquanto uma voz tonitruante repetia: “Dou-lhe esses porque não têm orelhas”. A interpretação do sonho era evidente. Quantas vezes já haviam avisado aos homens brancos que não tolerariam a invasão de seus territórios de caça? Definitivamente os homens brancos não ouviam: estavam “sem orelhas” e isso seria o seu fim. (Ribeiro, 2019, p. 297)

Esse sonho anteviu um ataque que seria feito pelos colonizadores contra um acampamento de uma comunidade dos povos indígenas que estavam naquela região. Nessa batalha a vitória ficou com os nativos do continente americano. Uma das figuras centrais nesse movimento de resistência, Cavalo Louco, relata que muitas das táticas e estratégias usadas em batalhas anteriores eram vistas em sonhos (Ribeiro, 2019).

Outra cena interessante de trazer sobre os sonhos que retratam um vislumbre do futuro é sobre a pesquisa realizada pela jornalista Charlotte Beradt. Como já apresentado na *Introdução*, a jornalista fez a coleta de trezentos sonhos em um período pré Segunda Guerra Mundial. Muitos desses sonhos apresentavam elementos que ainda estavam por vir.

É muito tentadora a leitura dos sonhos como uma predição do futuro. O problema nessa concepção é de que o futuro é dado como certo. Estático. Como se o futuro fosse um avanço linear no tempo. A partir de uma concepção lógica do tempo, o futuro é feito e desfeito no agora e no ontem. O futuro é dinâmico e essa divisão de tempo em cronologia é apenas uma tentativa de localizarmos a experiência de finitude:

Seria uma tautologia dizer que seus sonhos previram o futuro, pois provavelmente só os conhecemos porque o futuro lhes sorriu. Oráculos probabilísticos funcionam a posteriori e evidentemente tendem a ser mais lembrados quando calham de ‘dar certo’. (Ribeiro, 2019, p. 300)

Ou seja, os sonhos não são acesso a uma cena destinada que ainda não aconteceu. Mas sim, podem assumir uma tentativa de prever, antecipar, hipotetizar cenários e criar contextos

novos. Essa relação que há entre os sonhos como tentativa de elaboração e a sua relação com um futuro será retomada no capítulo três, que trata sobre o tempo de despertar.

No bojo de ser uma tentativa de antecipação, está uma das questões fundamentais para essa parte do capítulo: a elaboração. Traçar possibilidades de rotas, em um cenário probabilístico, é uma tentativa de dar lugar a um afeto. Criar uma rota de escoamento. Seja de uma memória, um futuro hipotético, um passado fantasmagórico ou de um presente caótico. Ou seja, os sonhos ao tentar dizer do futuro, acabam dizendo do passado e do presente. Ao dizer da subjetividade de quem sonha, dizem do coletivo que o compõe. Os sonhos dizem sobre os modos de subjetivação do contexto sociopolítico. Se atentar aos sonhos enquanto uma forma de escutar como os indivíduos estão processando informações sobre a vida pública e política de sua comunidade se mostra um campo extremamente vasto e rico para quem se lança a se ocupar de questões do seu tempo.

2.1.4 | *A dimensão sociopolítica dos sonhos*

Em 2019 uma série de pesquisadores cunharam o termo *oniropolítica* para propor uma articulação entre textos e conceitos de Walter Benjamin com a teoria psicanalítica de Freud e Lacan, tomando o sonho como foco e ponto de intersecção (Dunker; Gurski; Perrone; Rosa, 2019). Mais do que a proposta de um novo termo para pensar a abrangência do trabalho com sonhos, a oniropolítica se propõe a ser uma estratégia que se constitui entre o campo da narrativa singular e o campo da política. Assim, a oniropolítica (desta forma como se apresenta inicialmente) trabalha com os conceitos de narrativa, de real e da consolidação do sonho como a principal via de acesso aos conteúdos inconscientes (Perrone & Gurski, 2021). Com isso, o termo ganha corpo e se embasa em eventos históricos da humanidade e os sonhos correlatos de suas épocas, apontando que há nos elementos sonhados diversas questões do cenário político, a fim de demonstrar a riqueza e a abertura de possibilidade de trabalho com sonhos e não se restringindo ao trabalho individual.

Esses pesquisadores brasileiros publicam produções feitas em conjunto sobre essa articulação, que estão no livro “*Sonhos Confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*” (Dunker; Perrone; Iannini; Rosa; Gurski, 2021), há também no dossiê da revista Cult “*Sonhos aprisionados: com que sonharam os brasileiros em 2020*” (Iannini, 2021). Uma série de outras publicações individuais se somam sob essa mesma ótica, caminhando para a consolidação e construção de um conceito que pode ser tão importante para pensar métodos, estratégias, construções teóricas e éticas a respeito da articulação,

funcionamento e utilização dos conteúdos políticos dos sonhos (Dunker; Perrone; Iannini; Rosa; Gurski, 2021).

Na primeira obra citada no parágrafo acima, “*Sonhos Confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*” (Dunker; Perrone; Iannini; Rosa; Gurski, 2021), os capítulos apresentados no livro são articulações teóricas e discussões sociais realizadas a partir de sonhos coletados em 2020. A partir dessa coleta, são apresentadas algumas frentes de discussão cujas categorias são: mulheres; política; políticos; casa; presente; despertar e juventude. É a partir dos sonhos que surgem esses termos, uma vez que essas representações povoam o inconsciente, e discute-se a importância dos sonhos em sua dimensão sociopolítica, pois montam cenas com todos esses elementos. Segue o relato de um dos sonhos apresentados no livro:

Madrugada de sábado para domingo, acordo assustada com um sonho que parecia real: uma cobra imensa está pronta para dar o bote. O cenário é a sala da casa dos meus pais, eu ali havia acordado e me dirigido até a sacada, ao lado da sala. Ainda me espreguiçando, passo tranquilamente pela sala e vou até a sacada, ver como está o dia - cinzento, sem sol, mas agradável. Quando me viro em direção à sala, vejo a imensa cobra que está pronta para o bote, quase na posição vertical: ela é imensa e parece feroz. Ao mesmo tempo consigo pensar que ela está assustada e que passei ao lado dela (que deve ter vindo da sacada para dentro de casa) e ela nada fez comigo. Me acalmo um pouco (a cena é de uma carga de medo terrível, quase sufocante) e percebo a distância segura em que estamos (seriam os dois metros de afastamento solicitados por medida de segurança em tempos de coronavírus?) e então uma segunda preocupação aparece: fui a primeira da casa a acordar, se alguém entrar na sala agora, será envolvido pelo bote da cobra, penso rápido em como agir para avisar meus pais e meu marido, que se encontram nos quartos, próximos à sala. Escuto passos de alguém que se aproxima. Quero gritar, mas não posso: isso assustaria ainda mais as pessoas ou o animal. (Gurski & Perrone, 2021, pp. 109-110)

Esse sonho foi sonhado e coletado durante o ano de 2020, marcado pela pandemia de coronavírus. Toda a tensão da cena narrada traz elementos muito marcantes desse contexto. Esse sonho abre margem e tentação para interpretações diversas. Pode ser lido em tempos: (1) acordando e indo para a sacada; (2) o encontro com a cobra e a avaliação das possibilidades de sobrevivência e (3) a entrada da alteridade. Mas a proposta não é tecer grandes considerações sobre o sonho, apenas apontar para a sua porosidade. Dentre as muitas possibilidades de leitura, o destaque vai para a representação de “distância”. Tanto presente durante o período de pandemia quanto no sonho, o que garantiu a segurança da sonhadora (pelos dois metros) e a segurança dos outros (por estarem em outro cômodo).

Frantz Fanon, um importante psiquiatra, revolucionário e teórico sobre questões étnico-raciais, em seu livro *Pele negra, máscaras brancas* (2008), se utiliza de sonhos para argumentar a respeito da construção social do racismo e de seus efeitos nos indivíduos:

Quando um negro me conta o seguinte sonho: ‘Caminho por muito tempo, estou muito cansado, tenho a impressão de que algo me espera, atravesso barreiras e paredes, chego a um cômodo vazio e, detrás de uma porta, escuto um barulho, hesito antes de entrar, por fim me decido, entro, há brancos nesse segundo cômodo, percebo que eu também sou branco’ (...). (Fanon, 2008, p. 95)

O autor parte desse sonho para discutir um ponto sobre o impacto da questão racial na subjetividade, pois no sonho há a representação de como estão sendo processadas as questões que estão em um nível inconsciente, que muitas vezes ainda não podem ser ditas. O sonho escancara como está sendo elaborada uma questão. Fanon (2008) aponta que há um desejo desse sonhador em ser branco, e que isso diz do sonhador e de uma situação neurótica que está em cena, bem como ele elabora essa questão. Mas também diz, primordialmente, da sociedade na qual ele está inserido e da lógica de como as subjetividades, fantasias, desejos, neuroses e sintomas são atravessados pelo campo de relação com a sociedade e da alteridade:

Se ele se encontra a tal ponto imerso no desejo de ser branco, é porque vive em uma sociedade que torna possível seu complexo de inferioridade, uma sociedade que extrai sua consistência da preservação desse complexo, uma sociedade que afirma a superioridade de uma raça; é na exata medida em que essa sociedade lhe cria dificuldades que ele se vê colocado numa situação neurótica. (Fanon, 2008, p. 95)

Fanon parte desta cena onírica e a usa como um exemplo que demonstra precisamente a materialidade onírica, e sustenta uma compreensão de que os sonhos dizem mais do que apenas algo sobre a pessoa que o sonhou. Neste ponto, o sonho, como trabalha o autor, escancara em que pé a pessoa está em seu processo de elaboração; mas também diz do campo sociopolítico, cultural e histórico.

A noção de onirópolis se soma a construção de um percurso que pode permitir a leitura dos sonhos como um material de suma importância não apenas para a história individual das pessoas, mas também para as marcas coletivas e comunitárias, ainda que nesses dois contextos os atravessamentos sejam políticos. O caminho é buscar nos sonhos o que eles dizem do tempo em que estão sendo sonhados. O que eles dizem sobre a possibilidade do que está por vir e também daquilo que passou, mas ficou.

2.1.5 | *Sonhos e trauma: quando o passado se faz presente*

A extensão da potência onírica se faz presente ao sonhador de muitas formas. Satisfação de desejos, elaboração de perdas, contato com os outros lugares, formação espiritual e outras. O destaque para este capítulo, ainda que explore essas tantas extensões, é

trabalhar com a potência onírica a partir da perspectiva da elaboração. Elaborar é situar uma vivência em uma teia de representações de espaço e tempo de tal modo que um afeto possa ser experienciado com mais recursos e com menor intensidade. Ou seja, isso significa dar outros contornos para uma vivência. As relações que existem entre a memória e a elaboração são de extrema importância. Para que haja uma elaboração possível, é necessário acessar a memória. É aqui que o sonho começa a ganhar corpo e potência na proposta de elaboração: o esqueleto dos sonhos são as memórias³¹. Elaborar como a tentativa de redistribuição de afetos frente à uma memória.

Voltemos a atenção novamente para a citação: “(...) um acontecimento traumático desorganiza nossas relações com o espaço e com o tempo. Os sonhos nos mostram isso com especial clareza” (Iannini et al., 2021, p. 71). A relação entre sonhos e trauma é uma velha conhecida para quem tem alguma familiaridade com a psicanálise, mas também é uma relação que se lança em outros campos. O trauma se consolida como um grande evento na teoria dos sonhos freudiana, pois põe em xeque um pressuposto do qual Freud não abre mão: o sonho como realização de desejo vindo de fantasias sexuais infantis e recalçadas.

Para Freud, o sonho é o guardião do sono e o meio pelo qual realizamos nossos desejos sexuais inconscientes infantis, com exceção dos sonhos traumáticos que acordam o sujeito que dorme e parecem ter outra função: a elaboração de acontecimentos que produziram excesso de angústia no sujeito. Em 1920, Freud aborda os sonhos que repetem a cena do acontecimento traumático, principalmente os sonhos produzidos pelos soldados que sobreviveram à Primeira Guerra Mundial em que a situação que provocou o excesso de angústia era repetida à exaustão. Para o autor, o que dispara o sonho, muitas vezes, são restos diurnos que se referem aos acontecimentos que estabelecem liames com os desejos e os excessos de afetos pedindo por trabalho de elaboração psíquica. (Imbrizi & Domingues, 2021, p. 03).

Mesmo que diante do cenário de horror, sempre há a marca de uma resistência psíquica e da tentativa de construção de novos caminhos que não estejam associados à experiência de sofrimento, ainda que este último não seja completamente esquecido. A elaboração está a serviço de dar outro destino, que não apenas a dor, para aquilo que se mostra como insuportável. Alguns pesquisadores³² conduzem estudos sobre o trauma neste campo. O que é possível a partir de uma experiência traumática?

³¹ Questão trabalhada no primeiro capítulo - tempo de dormir.

³² O professor e pesquisador Paulo Cesar Endo do Instituto de Psicologia da USP se dedica ao estudo da temática da violência e suas diversas formas de representações e resistências à luz da psicanálise. Dentre as formas de abordar tal temática, o destaque fica para a interface que o mesmo faz do traumático e das experiências em face ao horror político, com os estudos dos testemunhos e dos sonhos, propondo uma relação de cruzamento dessas duas esferas - o trauma e os testemunhos (via sonhos).

Um dos caminhos que se apresentam é a partir dos estudos das narrativas testemunhais daquelas pessoas que estiveram submetidas a vivências de violência, que possam ter gerado uma marca traumática, e passam a transmitir o impacto dessas vivências históricas em suas vidas. Com isso, trazendo o que há de mais subjetivo na recordação e na vivência ao qual foi submetido, e remontando de maneira subjetiva o fato histórico uma vez que “a verdade aos fatos, que se ambiciona no testemunho não está em seu caráter objetivo, mas na capacidade de dizer o catastrófico rente à própria integridade do dizer, só por isso, tornado próprio” (Endo, 2008, p. 72). Com isso, narrar um sonho é uma excelente forma de fazer um testemunho, ainda que ambos contem com imperfeições e lapsos de memória. Inclusive, tais lapsos não são um problema, mas sim uma condição de trabalho com esses materiais, já que essas lacunas são lidas como constituintes do próprio dizer (Endo, 2008).

Não são isolados os casos em que os sonhos apontam a visceralidade de algumas experiências que se localizam no campo do traumático. No campo daquilo que insiste em retornar, ainda sem representação simbólica - desorganizado na representação temporal.

Antônio passou trinta e quatro anos preso no Colônia, um local que se dizia ser hospital psiquiátrico, em Barbacena-MG, mas era palco de verdadeiros horrores; sendo chamado de campo de concentração brasileiro (Arbex, 2019). Sua longa passagem por este local deixou marcas que o acompanharam, e mesmo após sua mudança do local para uma residência terapêutica, era à noite que se via mergulhado nesse passado tão presente. Antônio era acompanhado por um sonho repetitivo todas as noites - um pesadelo, para ser mais exato. Frente a tal cena que o remetia ao horror vivido dizia que “acordava com o suor umedecendo o pijama e sempre com a mesma sensação de terror. Olhava ao redor para ver onde estava e descobria que os eletrochoques com os quais sonhava ainda o mantinham prisioneiro do Colônia” (Arbex, 2019, p. 30).

Também há relatos na literatura de testemunho pós-ditadura militar brasileira (1964 - 1985) que apontam para o enlace do (im)possível do traumático com os sonhos. Assim está situado o relato do jornalista Flávio Tavares, que durante dez anos, ao longo de seu período de exílio, lhe ocorria um mesmo sonho, que se repetia (ainda que com algumas pequenas variações). Em seu relato, diz que “meu sexo me saía do corpo, caía-me nas mãos como um parafuso solto. E, como um parafuso de carne vermelha, eu voltava a parafusa-lo encaixando-o entre minhas pernas, um palmo abaixo do umbigo, no seu lugar de sempre” (Tavares, 2005, p. 20). Uma das práticas de torturas ao qual foi submetido foram os choques elétricos em seu pênis. Ao descrever sobre tal prática diz “eu uivei e caí no chão. Tive a sensação de que meu sexo se queimava e se despedaçava. Era como se amputasse sem bisturi

e sem anestesia” (Tavares, 2005, p. 21). Em uma das variações desse mesmo sonho, em outro momento relata que sonhou “com meu pênis saindo-me pelas mãos, seguro na palma esquerda, com os dedos da mão direita buscando sentir, aflitos, se ele ainda pulsava, se o sangue nele corria, se meu sexo ainda vivia” (Tavares, 2005, p. 21).

Explorando mais um pouco os sonhos que têm como conteúdo tal período da história brasileira:

Há algum tempo atrás, ouvi um relato de uma militante política, presa e torturada no Brasil. Ela me dizia que frequentemente ocorria a ela a seguinte cena Onírico-fantasmática: durante a noite, em sua casa, enquanto quase adormecia e sentindo um frio repentino na madrugada, reconheceu o seguinte devaneio: “eles só dão um cobertor”. Como se estivesse nos porões da ditadura perpetuando a experiência de privação físico-psíquica, que provavelmente seria uma das mais tênues enfrentadas por ocasião de sua prisão política. Tratar-se-ia então, no sonho, de reviver o desconforto físico e psíquico que escancarava toda a situação de perigo radical à que estava submetida diante da perspectiva da dor e da morte. (Endo, 2009, p. 344)

O sonho surge como uma tentativa de elaboração (onírica) desses eventos traumáticos. É uma tentativa de elaborar e organizar os afetos nessa lógica de espaço-tempo. É uma tentativa de dizer o indizível. De elaborar o impossível. De dizer desse sofrimento que já foi, mas ainda insistente em se fazer presente. Que não se faz perecer ao tempo, algo do campo do real. A política do sonho é ser um dizer sobre os tempos. É a tentativa de se inserir na ficção temporal, e assim, inserir também os atravessamentos em que o ser falante foi constituído.

Com isso, algumas questões podem ser ressignificadas e relidas, dentre as quais, destaco: o que é sonhar? Dado o trajeto feito até então, pode-se dizer que certamente é mais do que a produção de imagens e roteiros oníricos. Sonhar, para essa pesquisa, é um operador social que exprime a máxima manifestação da singularidade, se constituindo, então, como tempo da constituição política dos seres falantes. Sonhar se estrutura no pilar de ser um campo elaborativo, abarcando as múltiplas vias que o compõem. Assim, atravessado pelas noções já apresentadas de memória e elaboração.

Se o sonho cumpre um papel de elaboração de eventos que são tanto individuais quanto coletivos, podemos pensar em uma elaboração que aborde essa dimensão coletiva? Esse ponto será abordado no capítulo quatro - tempo de compartilhar.

2.2 | Questões epistemológicas sobre o trabalho com sonhos

Uma vez que há a proposta de fundamentar o sonho como um material de leitura da dimensão sociopolítica e a respeito da construção histórica e estrutural da singularidade, algumas considerações teóricas e metodológicas devem ser feitas. A psicanálise historicamente se consolidou como um saber que se dedica ao campo onírico. São inúmeros os casos clínicos que acompanham relatos de sonhos tanto em Freud, quanto em psicanalistas da contemporaneidade. Isso apenas evidencia que os sonhos são excelentes materiais para se trabalhar. Dada tamanha importância que os sonhos têm no aparelho psíquico, os processos que envolvem a sua construção apresentam uma riqueza avassaladora à vida psíquica. Há elementos que envolvem os restos diurnos, os desejos e fantasias recalcadas, os atravessamentos culturais de representações de linguagem e imagem, os traumas, os processos de censura, os limites da fala; enfim, são muitos os atravessamentos neste campo. E é com esse cenário complexo que há a necessidade de um rigor, e uma complexidade, para tomar os sonhos como objeto de estudo. Há uma série de exemplos e precedentes que permitem explorar um trabalho com os sonhos em campos que interessem à Psicologia Social, e é sobre esse ponto que será tratado agora. Com isso, algumas questões devem ser apresentadas.

Trabalhar partindo da noção de que o inconsciente é a política nos faz avançar por um caminho ao qual se propõe alcançar com a pesquisa. Essa noção é evidenciada em Lacan, e trabalhada também por demais psicanalistas contemporâneos, apresentando argumentos que fortalecem o trabalho com os sonhos também em articulação com a política. Em Imbrizi, Gomes & Binkowski (2021) temos a concepção de que os sonhos são produtos de uma série de efeitos sociais e políticos. Sem colocar em uma transposição muito direta, mas explorando a possibilidade conceitual para tal, podemos pensar que o sonho é a política. Há alguns desdobramentos possíveis a partir dessa afirmação.

O sonho é a política por ser atravessado pelo social, afinal, o inconsciente assim o é (Imbrizi, Gomes & Binkowski, 2021). O sonho é a política uma vez que os restos diurnos carregam elementos do cotidiano e da cultura (Imbrizi & Domingues, 2021). O sonho é a política na medida que se propõe a tentar dar conta do traumático (Endo, 2009). É a política por trabalhar, dentre outras possibilidades, em função de um desejo que aponta para a construção da singularidade. É a política por também dizer das neuroses e fantasias, uma vez que estas se estruturam em uma lógica de oferta e demanda em uma relação com o Outro. É a política quando partimos de perguntas que são feitas em relação ao papel do coletivo e do espaço público para os contornos possíveis de interromper a transmissão e a repetição de

grandes eventos traumáticos. E todas essas articulações são possíveis dentro do campo da psicanálise (principalmente os autores contemporâneos que trabalham isso com mais profundidade), e também estão inseridas dentro do campo da Psicologia Social.

Muitos dos pressupostos que permitem essa discussão (a respeito da articulação política dos sonhos) aparece em Freud: as discussões feitas em cima dos sonhos de guerra são um princípio disso. Porém, ainda que com todo esse pretexto e instrumentos para explorar a extensão do trabalho com sonhos, o autor prefere se centrar nas questões que dizem respeito às neuroses e aos processos de realização de desejo frente às fantasias infantis recalçadas. Não é um equívoco se centrar em tais pontos, é uma escolha possível. Mas aqui queremos tratar de outra possibilidade. Queremos explorar que os sonhos possam ter uma outra função, que não apenas a de realização de desejo (ou tentativa de realização de desejo), como propõe o próprio Freud (1900/2019; 19001/2021; 1932/2010).

Tendo em vista a extensão histórica, política e social que os sonhos têm; como foi e está sendo apresentado ao longo desta pesquisa, dedicar-se a explorar apenas a dimensão que diz respeito a um recalçamento de fantasia sexual infantil de certo é uma recorte específico do qual esta pesquisa não se ancora³³. Porém, o tensionamento teórico é necessário. Ainda que Freud tenha se dedicado mais a tecer sobre sonhos apenas nessa compreensão, continua sendo de extrema valia a forma como o autor se propõe a teorizar sobre a potência da manifestação inconsciente, e também como se opera o trabalho dos sonhos - com seu funcionamento de deformação e disfarce dos conteúdos oníricos - visto que a apresentação bruta dos conteúdos seria insuportável, pois a realidade assim é.

Nessa estruturação há elementos consistentes o bastante para pensarmos uma proposta, em Psicologia Social, para o trabalho com sonhos, tomando como central as operações sobre a lógica de como são construídos e apresentados os elementos no sonho. Como ele é estruturado. Poderia, então, o sonho ter uma outra função que não apenas a de realização, ou tentativa de realização do desejo? É possível propor uma compreensão para o sonho que abarque a extensão política de maneira mais evidenciada? Apostamos que sim. Há espaço e possibilidade de trabalho para tal.

³³ Ainda que haja a possibilidade de ler a lógica do desejo e das fantasias através da noção de singularidade e, portanto, articular que há a presença da dimensão cultural, a posição dessa pesquisa é que a dimensão sociopolítica dos sonhos pode e deve ser explorada de uma maneira mais dedicada.

2.2.1 | *Sonho como bússola*

Uma bússola é um instrumento de orientação criado na China, cuja agulha aponta para o norte a partir do campo magnético dos materiais e da própria Terra. Comumente a indicação do norte é feita em cima da rosa dos ventos, o que possibilita também situar o sul, leste, oeste e afins. Mais do que sinalizar um caminho, a bússola também permite que quem a possui possa se localizar e traçar uma rota. A bússola representa a possibilidade de movimentar-se em algum sentido, e por mais preciso que seja esse instrumento, o caminho não é dado detalhadamente, apenas é apontado a direção referente ao lugar que se está. Assim também pode ser lido o sonho. Na bússola temos o cruzamento de alguns elementos. Há uma imagem (a rosa dos ventos), há uma linguagem (as indicações de norte, sul, leste e oeste), e temos a agulha que aponta, em articulação com as representações citadas, para uma outra instância sem nome e nem imagem: o campo magnético.

Assim como a própria constituição dos seres falantes, o sonho também está sujeito aos diversos atravessamentos sociopolíticos, uma vez que tais atravessamentos estão postos na estruturação do próprio inconsciente.

Os restos diurnos estão carregados de elementos do contexto social e histórico; há continuidades e descontinuidades entre a lógica do inconsciente e o pensamento consciente nas subjetividades que sofrem as agruras da história do presente. Ou seja, situações ordinárias e cotidianas que nos afetam disparam as cenas, as impressões e o cenário extraordinário criados pelo trabalho onírico. (Imbrizi & Domingues, 2021, p. 05)

Neste caminho, no qual o sonho se põe a ser um representante ficcional da realidade, "os sonhos funcionam como uma espécie de radar capaz de apreender com mais agudeza aquilo que parece recalcado ou não dito em nossa experiência social e compartilhada" (Iannini et. al., 2021, p. 10).

É neste ponto que se finca um dos pressupostos mais importantes desta pesquisa. O sonho é uma espécie de dizer ficcional da realidade (compartilhada), o que engloba as experiências que podem ser ditas e narradas, e aquelas que não podem. Isso se estende tanto para o plano das construções das fantasias neuróticas, quanto para questões do contexto histórico e cultural. O sonho é a forma pela qual os seres falantes tentam elaborar a sua existência, em sua máxima complexidade.

Há diversos estudos que mostram como os sonhos estão intimamente relacionados com o contexto político no qual se está inserido, principalmente aqueles que evidenciam um cenário marcado por experiências da ordem do impossível de ser apreendido pela linguagem. Da ordem do sofrimento sociopolítico, do trauma. Desta forma, é possível apontar que "a cena

onírica contém facetas do desejo e suas vias de manifestação pulsional e histórica, compreendendo a história do sujeito e seus laços sociais, encenando a política que conduz os laços de seu tempo” (Rosa et al., 2021, p. 230).

Partindo da experiência de vida quem sonha (em uma extensão que vai das memórias às fantasias, passando pelos medos, traumas e mistérios), a cena do sonho e seus elementos são construídos com propósito de elaboração através de um tempo lógico. Ou seja, passado, presente e futuro não são lineares, mas sim cíclicos. A antecipação está sempre presente e o passado nunca fica para trás. O sonho não se encaixa linearmente na cartografia que busca mapear os caminhos e mistérios da vida. O sonho é como uma bússola.

O sonho, assim como a bússola, não mostra a exatidão do trajeto, mas há de apontar para o norte. Mas o que seria o norte, então? Do que se trata esse campo no qual há uma constante busca por elaboração, significação e representação ao qual o sonho se lança nesse sentido?

Assim como a bússola aponta para o norte com seus outros recursos de imagem e linguagem, o sonho há, em alguma instância, de tentar apontar para o real. Lacan aborda os registros do real, simbólico e imaginário (RSI) como "os registros essenciais da realidade humana" (Lacan, 1953/2005, p. 12). Sendo que para esse autor, “a realidade não se reduz nem deve ser confundida com o real; a realidade é real, simbólica e imaginariamente constituída.” (Faria, 2021, p. 09).³⁴ A questão fica mais interessante pois talvez o real não seja exatamente o norte como pensamos. Talvez o real esteja mais próximo a uma certa propriedade desbussolada, uma vez que marca uma ruptura, e não uma consistência; mas ainda assim, não totalmente, pois é um registro que opera em enodamento com os outros dois: simbólico e imaginário. O real, em si, pode (talvez) até ser desbussolado, por se tratar do Um, mas ele não opera isoladamente. Ainda que incapturável, e que apareça como um efeito de ruptura de sentido, os outros dois registros tentam apreendê-lo (sem sucesso, parcial)³⁵.

Assim, poderia o sonho ser um espaço de enodamento que aponte para os registros RSI? Ainda que falhe parcialmente em relação ao real, poderia o sonho colocar os sonhantes a narrar a sua experiência de serem atravessados por algo desse real? Poderia o sonho ser uma

³⁴ As noções de real, simbólico e imaginário (RSI) acompanham Lacan desde 1953, ano que inicia seus seminários, até o final de sua obra, 27 anos depois. Ao longo de todo esse tempo, buscou diversas formas de representar os registros, de modo que não houvesse uma compreensão hierárquica entre eles, devendo sempre ser propostos em uma articulação. Após algumas tentativas, décadas após o início dos seus seminários, Lacan encontra a estrutura borromeana de enlaçamento, e propõe que assim é o enlaçamento de RSI. Para mais informações sobre esses registros na obra do autor, ver em Faria (2021).

³⁵ Essa pesquisa não se propõe a elucidar os conceitos, uma vez que esta seria uma pesquisa à parte, dado que os conceitos estão presentes ao longo de toda a teoria lacaniana. Para mais detalhes a respeito dos registros ver em Faria (2021).

espécie de bússola, que em alguma instância pode ser meio desbussolada? Dessas que apontam para esse registro que é a marca do não-sentido, que não cansa de não se inscrever. Não cansa de buscar representações, elaborações e formas de dizer - ainda que seja um registro que escape ao campo da linguagem.

Essas perguntas não serão respondidas a princípio, mas servirão de base para a discussão que se segue até o final da dissertação. O registro do real e essa proposta de articulação será retomada ao final deste capítulo, no item 2.5.

2.3 | Uma via de acesso à interpretação estrutural

Agora o capítulo adentrou no segundo pilar fundamental sobre o sonho: a interpretação.

Não é novidade que muitos sonhos possam causar um estranhamento por seus conteúdos aparentemente sem sentido. Não à toa, ao longo do percurso da história dos sonhos, sempre houve um campo de saber específico para lê-los. Saberes esses que vão desde os intérpretes que estudavam a oniromancia, até os dias atuais com povos indígenas que buscam na figura do xamã algum saber, ou nos terreiros de candomblé que também buscam uma interpretação nas figuras centrais daquele espaço. Passando também por práticas de psicoterapias e de análises psicanalíticas, a interpretação dos sonhos sempre se fez presente como um pilar fundamental para trabalhar com esse material. E para essa pesquisa, isso não é diferente. Interpretar é fundamental. A questão é como essa interpretação está embasada em cada um desses contextos, e como será o embasamento para uma interpretação a partir da Psicologia Social.

Há muitas modalidades de interpretação. É possível interpretar um texto. É possível interpretar um filme, uma música, um quadro ou um poema. Também há quem interprete um acontecimento histórico ou um determinado cenário político. Interpretar é possível de forma mais literal ou mais referenciada. Em todos esses casos, a interpretação exige que haja uma certa familiaridade com a forma narrativa e discursiva da qual se almeja interpretar. Em todos esses casos, ainda que haja uma interpretação, sempre há um resto impenetrável e inacessível pela via da imagem ou da palavra. E com os sonhos não é diferente. Interpretar é possibilitar, a partir de uma escuta e um certo tipo de leitura, um apontamento de conexões e conteúdos que estejam ao mesmo tempo escondidos e evidentes, com a finalidade de abrir a possibilidade de novos contornos.

A interpretação, em psicanálise, também tem o seu percurso e sua função (que pode divergir, em alguns momentos, para propostas distintas). É dessa ordem que se cunha a noção de interpretação na psicanálise lacaniana, como algo que aponta para o sem sentido, assim como João Batista no quadro de Leonardo Da Vinci que ao apontar seu dedo para o alto, marca uma posição imprecisa que abre a possibilidade de construir sentidos, e não fecha - como se dá no imaginário (Jorge, 2010). É neste ponto que é introduzida uma proposta de interpretação que esteja alinhada a uma construção de um efeito de abertura e arbitrariedade de sentido que não seja colado à ordem do imaginário e nem do simbólico, mas sim do real. Ou seja, que aponte para o equívoco e que não consista em uma imagem que será colada, pois só assim será possível produzir ondas e um efeito (Jorge, 2010). Não busca-se uma interpretação que produza um efeito fechado, coeso ou universal, uma resposta, mas sim uma interpretação que produza um efeito de ruptura e de entrada de outros dizeres - que coloque novos significantes para circular em cima do que foi interpretado. Por isso, mais importante do que o papel do intérprete, é a função interpretativa (que pode e deve circular - e isso fica em maior evidência quando se trata de um sonho, ou conteúdo em geral, que é compartilhado com a alteridade).

Para que uma função interpretativa de um sonho possa operar, é desejável uma certa entrada tanto na temática (em todas as cenas interpretativas citadas acima isso é desejável), quanto na própria cena onírica. Quais são os elementos que estão no sonho? Como eles estão dispostos? Com o que estão ou não estão dialogando? Como está sendo apresentado cada um desses elementos, sob qual perspectiva? Ao que eles podem remeter? O que, diante dessa cena onírica narrada, pode ser dito para que haja mais circulação de significantes em torno do que está sendo apresentado? Como opera um sonho? Qual (ou quais) funções ele cumpre, ou tenta cumprir? Essas são apenas algumas perguntas, prévias a qualquer interpretação, sobre os sonhos que podem corroborar para que haja a construção de uma interpretação que não busque uma verdade sólida e extremamente certa. Tais perguntas podem auxiliar em uma espécie de imersão no tema, desejável às interpretações, pois situa uma espécie de mapeamento estrutural. Com isso, há uma aposta de que essa função possa operar de modo a não buscar um sentido fechado. As perguntas, mais do que as respostas, talvez possam nortear para quais elementos se atentar quando interpretar, e há uma outra aposta que com certas evidências (ao apontar para a perspectiva de apresentação da cena sonhada) é uma forma de se alinhar com uma função interpretativa que possa produzir um efeito de abertura de sentido.

2.3.1 | *O trabalho do sonho e a distorção onírica*

O sonho trabalha a partir de memórias, de conflitos, de afetos, de medo, traumas, violências, sexualidade e quais outras mais questões se fizerem presentes (Costa, 2006). Justamente por se tratar de um conteúdo tão rico e potente, possibilitando uma via de acesso ao inconsciente e à própria cultura, há uma intensidade de tamanha magnitude que faz necessária certa cautela. Ou seja, tanto pela via de explicitar o campo dos desejos, quanto pela via de vivenciar o trauma e o luto, o sonho pode se apresentar como um material muito bruto e por vezes até insuportável. Qual a estratégia do aparelho psíquico para atenuar e tornar suportável o acesso ao seu conteúdo, e tornar possível uma elaboração? Disfarçar, camuflar, deformar ou até mesmo diluir. Então, muitas vezes, essa construção onírica sem sentido é fruto de uma deformação que o material dos sonhos (que vai ser elaborado) sofre. É uma espécie de tentativa de apresentar os conteúdos de modo a possibilitar uma elaboração, sem o risco de sucumbir frente à crueza da realidade. A deformação e seu caráter de sem-sentido é fruto de um trabalho (Freud, 1900/2019), nas muitas possibilidades de lidar com o insuportável.

No território onírico, a censura se apresenta através de falhas e esquecimentos, elevando o sonho a um estatuto em que seus conteúdos são representados com uma certa porosidade. Porém, não é uma porosidade qualquer, nem aleatória. Há, inclusive, um mecanismo próprio para essa questão, sendo apresentado por Freud (1900/2019) como *trabalho do sonho*³⁶, que é justamente um processo que transforma os *pensamentos oníricos/conteúdos latentes*³⁷ em *conteúdos oníricos/manifestos*. Ou seja, o conteúdo onírico que é apresentado no sonho passou por um processo de deformação para ser da forma e conteúdo que é. Isso faz com que essa nova apresentação (o sonho em si, como lembramos dele) seja mostrada de maneira confusa e completamente sem sentido, sendo essa confusão e falta de sentido proposital e uma maneira muito característica e típica dos sonhos. Ali houve uma alteração de seus conteúdos, ainda que seja importante destacar que sempre há algo de preservação - fragmentada - dos conteúdos latentes nos conteúdos oníricos. Ou seja, o não sentido é proposital, e a interpretação é uma estratégia de lidar com o disfarce e auxiliar no processo de elaboração.

³⁶ Freud (1900/2019) apresenta que o trabalho do sonho é a transformação dos conteúdos latentes em conteúdos oníricos e, em contrapartida, o trabalho da análise é justamente o movimento contrário: a transformação dos conteúdos oníricos em conteúdos latentes

³⁷ Freud (1900/2019) apresenta esse ponto como *conteúdos latentes*, ou por *pensamentos oníricos*.

O trabalho dos sonhos é composto por quatro operações, das quais destaca-se, neste momento, duas delas: condensação e deslocamento³⁸. A começar pela condensação, pois “a condensação é a mais importante e peculiar característica do trabalho do sonho” (Freud, 1901/2021, p. 405). Essa importância é dada, segundo o autor, uma vez que é a operação que mais ocorre no trabalho do sonho. A condensação deforma os pensamentos oníricos comprimindo-os em uma representação só, de tal forma que traços dessas outras representações se misturam em uma mesma figura. Este é o processo responsável por criar uma representação mista a partir de traços em comum de outras representações distintas (Freud, 1900/2019). Tal processo não é feito de maneira aleatória, uma vez que é necessário um ponto de convergência nessas representações para que elas sejam juntadas. O destaque aqui fica por conta desses traços em comum que há nos pensamentos oníricos. De certo, essa operação é apontada como a mais importante pois é a operação que mais se apresenta no trabalho do sonho.

O processo de deslocamento não fica descartado das considerações psicanalíticas sobre o trabalho do sonho. Tal operação também tem o seu destaque e importância ressaltados por ser facilmente escutado e constatado durante o trabalho de análise. Essa operação consiste, basicamente, em fragmentar e passar a intensidade psíquica de uma representação para outras representações (Freud, 1901/2021). Para a psicanálise, o deslocamento é o principal responsável por ocultar o sentido do sonho e também por torná-lo irreconhecível. É este processo que faz com que a importância e intensidade de uma representação não esteja exatamente naquilo que é mostrado no sonho, mas sim em algum outro elemento da cena (mais desprezioso, talvez). Sua relevância ganha força e se consolida como um dos operadores mais característicos desse momento, pois “é principalmente ao trabalho de deslocamento que se deve ao fato de não encontrarmos ou reconhecermos os pensamentos oníricos no conteúdo onírico” (Freud, 1901/2021, p. 411). Em suma, o deslocamento nos aponta que por vezes os elementos mais alheios, dentro do sonho, podem conter uma importante representação ali deslocada (Freud, 1900/2019; 1901/2021).

Se torna notável que, para a psicanálise, o trabalho do sonho cria, através de uma série de operações, uma lógica que tenta afastar os pensamentos oníricos/conteúdos latentes dos conteúdos oníricos manifestos. É com isso que se cria a sensação de os sonhos serem sem sentido, sem valor ou até mesmo enigmáticos. O sonho, enquanto um enigma, está posto desde longos períodos antigos e no contexto psicanalítico esse enigma é alvo de uma

³⁸ A proposta é apresentar de forma breve cada operação, apenas para seguir com a argumentação. Para mais detalhes é recomendado a leitura direta das referências citadas.

contemplação teórica, uma vez que “o sonho nunca diz se os elementos por ele apresentados devem ser interpretados no sentido literal ou figurado, se devem ser referidos ao material do sonho diretamente ou por intermédio de modos de dizer.” (Freud, 1900/2019, p. 354). Ou seja, aqui Freud aponta que há sim uma certa abertura e modalidades de interpretação dos sonhos.

Em termos da produção onírica, o sonho passa por essa espécie de deformação mantendo a ambiguidade e a dialética que o permite transitar entre o campo do inconsciente e do consciente; entre o sono e a vigília. Tal processo de deformação e transformação, feita pelo trabalho do sonho, pode ser lida como uma tentativa de criar uma espécie de disfarce. Mas, de todas as formas possíveis de disfarçar e camuflar, há aquela que se faz mais presente: a linguagem

A palavra, como ponto nodal de representações múltiplas, é como que predestinada à ambiguidade, e as neuroses (ideias obsessivas, fobias) aproveitam, de modo tão desinibido quanto o sonho, as vantagens que a palavra oferece para a condensação e o disfarce. (Freud, 1900/2019, p. 353)

Não há representação de condensação e deslocamento melhor que permita essa ambiguidade do que a palavra. É a linguagem, o tecer de palavras e a criação de uma narrativa em cima da cena onírica que abre margens para essas representações múltiplas³⁹. Na esteira dessa proposta que Lacan relê a condensação e o deslocamento como metáfora e metonímia, respectivamente⁴⁰ (Costa, 2008).

Nesse processo de deformação dos sonhos, o disfarce - que pode ser lido como uma tentativa de formar uma camuflagem - é o que possibilita o sonho ter a potência e o alcance que tem não apenas para o sonhador, mas também em um âmbito histórico e social pois ele se instaura de maneira explicitamente sorrateira em diversos campos. As margens oníricas se mostram elásticas o bastante para se camuflar não apenas em si mesmo e em seu próprio conteúdo (em imagens e representações para o sonhador), mas também se inserir em saberes, religiões, ciência, história e até mesmo no ceticismo. Não à toa, em diversas tradições (já apresentadas nesta pesquisa) a leitura sobre tais conteúdos não são feitas por qualquer pessoa. Exige, ao menos, uma dupla. Um laço. Um saber. Uma amarração entre o sonhador e um outro.

Condensação e deslocamento são operadores do trabalho dos sonhos que são mais comum de serem usados de balizadores e parâmetros para interpretação dos sonhos em

³⁹ Tal ponto abre margem e se conecta com a proposta de leitura desta pesquisa de pensar um tempo onírico de compartilhar, que será abordado no Capítulo 4

⁴⁰ Essa é a marca de um avanço importante na teoria dos sonhos, pois finca o lugar da importância da relação que há da linguagem e a constituição do inconsciente.

psicanálise. Diante disso, o sonhador faz uma associação na qual fala de si, das suas representações e questões, de suas lembranças e memórias, dos sonhos. Esses operadores também têm força para uma interpretação dos sonhos sob um viés político e compartilhado, porém há outros operadores que podem somar a essa força, pois permitem avançar para a associação livre não se centre apenas em quem sonhou e narrou sua experiência onírica. Uma interpretação compartilhada está pautada em também utilizar os outros operadores apresentados e trabalhados por Freud.

Mas então, ao que deve-se atentar para escutar e interpretar um sonho? Quem interpreta precisa ter algum conhecimento da vida do sonhador? A cena onírica é o bastante? Essas questões são delicadas e importantes demais para serem respondidas de prontidão. Mas podemos seguir adiante pois há uma leitura possível de ser feita, não necessariamente em todos os sonhos, mas certamente em alguns, que abre margem e possibilidade de uma interpretação, sob uma perspectiva compartilhada. Tal compreensão apoia-se justamente nas demais propriedades apresentadas no processo de trabalho dos sonhos.

2.3.2 | *A estrutura da cena onírica e a disposição de seus elementos*

No capítulo VI de *A Interpretação dos Sonhos* (1900/2019), que se dedica a apresentar e articular como se dá o trabalho dos sonhos, Freud propõe algumas operações para teorizar a respeito desse momento. Assim, dois desses conceitos se tornaram clássicos, cruciais e muito difundidos dentro da obra psicanalítica: condensação e deslocamento. Essas operações são de tamanha riqueza e complexidade que embasam a fama e importância que ganharam, sendo inclusive a partir dessa dupla que algumas releituras, como a de Lacan, por exemplo. Apontar que no trabalho dos sonhos os elementos são condensados e deslocados é justamente, dentre outras coisas, o que sustenta uma das características mais importantes dos sonhos: a sua deformação de conteúdo latente em conteúdo manifesto através da camuflagem/disfarce, pois é assim que o sonho cumpre uma função de tentativa alucinatória de elaboração dos conteúdos inconscientes, por meio do disfarce de representação de imagens e linguístico.

Porém, neste mesmo capítulo VI, não são apenas dois mecanismos que são apresentados ao leitor desta obra, mas sim quatro. A apresentação e desenvolvimento das operações envolvidas no trabalho dos sonhos não se encerra com a condensação e o deslocamento, e fomentar esse resgate teórico dessas operações que não tiveram o devido destaque é fundamental. Se em um primeiro momento Freud se preocupa em descrever e postular uma teoria sobre como opera o trabalho dos sonhos em relação ao seu conteúdo, sendo este transformado por conta da censura, ao avançar com a formulação teórica é

proposto uma articulação que diga também sobre a construção da forma. Ou seja, não se trata só sobre como os conteúdos são montados, remontados e deformados, mas também a importância que se dá a respeito da perspectiva de apresentação desses conteúdos.

Assim, “a forma do sonho ou do sonhar é usada, com surpreendente frequência, para representar o conteúdo encoberto.” (Freud, 1900/2019, p. 345). Esses terceiro e quarto operadores do trabalho do sonho são: representabilidade e inteligibilidade⁴¹, respectivamente. Para a utilização desses conceitos, nesta pesquisa, é feita uma leitura que associa esses dois conceitos e os articulam de maneira a substanciar uma leitura possível para os sonhos, a leitura política.

O terceiro operador, normalmente esquecido, é apresentado originalmente como *Rücksicht auf Darstellbarkeit*, e aparece na versão de língua portuguesa sendo utilizado como “consideração pela representabilidade”⁴². Mas, a partir do termo original, e considerando a obra psicanalítica, é proposta uma tradução que se apresenta como “perspectiva sobre a apresentação”⁴³. As questões que podem se desdobrar a partir disso não se resumem a uma simples questão de tradução, mas sim sobre algo mais denso e lógico.

(...) descobrimos finalmente um terceiro fator, cuja participação na transformação dos pensamentos oníricos em conteúdo do sonho não deve ser subestimada: a consideração da representabilidade no material psíquico peculiar a que o sonho recorre, ou seja, nas imagens visuais, geralmente. (Freud, 1900/2019, p. 356)

A perspectiva sobre a apresentação é uma operação que basicamente se propõe a transformar o pensamento onírico em imagem⁴⁴, assim também se apresenta como uma propriedade que trata de como essas imagens estão sendo apresentadas no sonho. Qual o ângulo que a cena está sendo montada, qual o lugar que cada elemento imagético ganha dentro do sonho.

Imagine-se, por exemplo, a tarefa de substituir as frases de um editorial político ou de um discurso de defesa, num julgamento, por uma série de desenhos, e se entenderá facilmente as mudanças que a consideração pela representabilidade no conteúdo onírico obriga o trabalho de sonho a fazer. (Freud, 1901/2021, p. 411)

⁴¹ A forma como essa quarta operação é nomeada apresenta algumas variações. Em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/2019) é utilizado “elaboração secundária”. Porém, em *Sobre os Sonhos* (1901/2021) Freud escreve “considerações sobre a inteligibilidade”. Pela forma como é apresentado e desenvolvido o conceito, nesta pesquisa opta-se pela utilização do termo inteligibilidade.

⁴² Esse termo é utilizado nas traduções da Standart e da Cia das Letras

⁴³ É em um capítulo no livro *Sonhos Confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*, que Dunker, et al (2021) propõe uma tradução para o termo direto da língua alemã, na qual é explicitado um percurso que se mostra interessante para esta pesquisa. Para mais detalhes, ir direto à fonte.

⁴⁴ Por se tratar de uma operação do trabalho do sonho, seu objetivo é encobrir os conteúdos latentes e torná-los manifestos, assim como as demais operações do trabalho do sonho.

A efeito de comparação meramente ilustrativa, pode ser pensado como se a formação do sonho fosse uma produção cinematográfica. Quando uma cena cinematográfica é montada, cada elemento que aparece em tela dialoga, compõe e monta o conjunto de elementos, tanto aqueles pensados, cheio de referências e detalhados pela equipe de produção, quanto aqueles elementos que não foram colocados lá por deliberação explícita, por escaparem ou até mesmo por se apresentem naturalmente onde a cena é montada. Isso pode aparecer na forma de objetos, pessoas, paisagens, dimensões espaciais ou até mesmo as sensações dentro do sonho. É essa propriedade da formação dos sonhos que estabelece com qual imagem e com qual forma a perspectiva de cada elemento vai se apresentar na cena, como cada elemento vai dialogar ou se isolar do conjunto. Se há um prédio enorme, é nesse ponto que se montará se ele vai ser apresentado de cima, de baixo, ou de lado. Se existe uma escada infinita, se ela estará subindo ou descendo. Essa terceira operação é a responsável pelo “arranjo visual do material psíquico” (Freud, 1901/2021, p. 419).

A importância dessa operação se dá, para além de permitir uma análise de como os elementos estão dispostos, fazendo uma denúncia da perspectiva que está sendo apresentada daquele que narra a cena. Se há um leão imenso no sonho, quem nos narra essa cena está de frente para o animal feroz? De costas? Afinal, quando os elementos são narrados e seus lugares são dispostos e marcados, o narrador, que é o cerne da cena, denuncia a sua própria posição.

Em relação às considerações sobre a inteligibilidade, a quarta operação no trabalho do sonho, é uma operação que se propõe a dar uma cadência, ordenação e a uma construção de sentido para o sonho, criando uma espécie de unidade. Por isso, trata-se de uma operação que ocorre depois que o conteúdo onírico foi formado, agindo em um momento *a posteriori* em relação às outras operações, podendo ser feita muito próximo da vigília, ao até mesmo logo em seu início ao tentar se lembrar do que sonhou (Freud, 1901/2021). Essa operação também está a serviço do disfarce, assim como todas as outras demais operações, sendo que seu disfarce ocorre do seguinte modo “(...) ela tapa os buracos no edifício do sonho. O resultado de seu esforço é que o sonho perde a aparência de absurdo e desconexão e se aproxima do modelo de uma experiência compreensível. Mas nem sempre tal esforço é coroado de êxito.” (Freud, 1900/2019, p. 489). É nesse momento que o sonho ganha uma fachada (Freud, 1901/2021), podendo tornar-se apresentável - com uma estrutura narrativa.

Para cobrir as lacunas e preparar uma fachada em unidade, esse processo se utiliza de devaneios, fantasias e pensamentos que podem estar presentes na vida em vigília. É uma

operação que faz uma espécie de intermédio com conteúdos e fantasia da consciência, e que se utiliza de tal para se apresentar. Freud (1901/2021) aponta que uma maneira possível de escutar quando esse processo está se fazendo presente é durante um relato do sonho vir a expressão “é como se fosse...”. Ou seja, preenchendo as lacunas do sonho com elementos da vigília. Por isso, Freud (1900/2019) aponta diversas vezes a necessidade de estar atento a essas operações, uma vez que há casos de sonho em que a própria construção de uma cena cheia de sentido pode ser o próprio disfarce.

Se na condensação e no deslocamento temos um importante trabalho que versa sobre a produção do conteúdo manifesto, nas outras duas operações o que está centrado é outro ponto, a forma como a cena é apresentada. Justamente por essas questões apresentadas, não é difícil existir uma confusão que pode ser feita entre a perspectiva de apresentação e a inteligibilidade dos sonhos, tendo em vista que há em jogo um elemento que faz intersecção entre esses pontos - a forma. Afinal, de fato, em algum momento todas essas quatro operações se sobrepõem. Mas essa própria confusão já diz da possibilidade de articulação entre esses conceitos, e é justamente a partir dessa confusão que se faz valer uma outra articulação possível, que é a proposta de leitura a partir da narrativa feita ao compartilhar o sonho.

Assim, entendemos que a perspectiva de apresentação não é apenas um trabalho realizado depois do sonho, na medida em que vai se aproximando do estado de vigília (como a expressão “elaboração secundária” pode sugerir), mas envolve um trâmite entre tempo e espaço, através da montagem ficcional, das transformações apresentadas, e isso diz a respeito ao aspecto narrativo do trabalho onírico. (Dunker et al., 2021, p. 198)

Um ponto interessante para ser destacado na citação acima é a relação que há entre essas operações e o “trâmite entre tempo e espaço”, marcando a íntima relação que entre os sonhos (e os fenômenos que o cercam) e como isso tem um atravessamento na costura da vivência humana com a linguagem, com a imagem e com o tempo.

Dado o resgate dessas propriedades na formação dos sonhos, há que se questionar: Por que? O que esse ponto pode acrescentar na discussão sobre a dimensão social e compartilhadas dos sonhos, a partir da proposta desta pesquisa de pensar os tempos oníricos? É justamente a partir dessa apresentação de perspectiva que se faz uma ponte permitindo que um sonho seja tomado como material de trabalho, sem que haja necessariamente o foco exclusivo na livre associação do sonhador, pois a importância para pensar os sonhos na dimensão social e compartilhada está em como foi construída a cena sonhada; e como, a partir da linguagem (que é o ponto central de disfarce, como já apresentado), há elementos culturais

e sociais em jogo que podem permitir que alguns sonhos sejam trabalhados sob essa perspectiva (Dunker et al., 2021).

Ao construir uma narrativa que permita o compartilhamento do sonho, pode-se tomar como ponto de análise e interpretação a construção da estrutura do sonho, bem como a forma que os elementos e imagens aparecem e desaparecem. Freud (1900/2019) apresenta a possibilidade: “dispondo da associação certa no momento justo, podemos solucionar completa ou parcialmente sonhos desse tipo, mesmo sem as informações dadas pelo sonhador” (p. 354). Ainda que Freud traga essa ideia de “solucionar”, própria de uma noção freudiana de interpretação que busca a construção de um sentido (que não é a noção de interpretação desta pesquisa), essa frase aponta para uma outra instância. Freud abre o campo para pensar que há sonhos que podem ser trabalhados não apenas com associação livre do sonhador. Em alguns sonhos é possível propor uma interpretação com a entrada da alteridade. Uma interpretação compartilhada.

2.4 | Uma interpretação compartilhada

Ao longo da história e de diversas culturas, havia um pedido por uma decifração dos sonhos (tendo em vista seu caráter enigmático), e assim, quem se dispunha a dizer algo desse enigma, de tentar decifrá-lo. Assim, por muitas vezes as interpretações eram feitas das mais variadas formas, das mais proféticas e determinantes às mais literais e cotidianas. A questão que gira em torno de muitas noções de interpretação é que elas estão calcadas em um parâmetro que busca dar um sentido fechado para o sonho. Buscam achar uma chave de leitura dos sonhos que dê conta de fazer uma amarração com muitas conexões evidentes. Não é incomum uma espécie de dicionário dos sonhos, por exemplo: muito se diz culturalmente que sonhar com cobra significa traição. Há essa forma de interpretar os sonhos - pela busca de significações. Porém, não é isso que essa pesquisa propõe como estratégia de interpretação dos sonhos em sua dimensão política e compartilhada.

A proposta de trabalhar com a noção de interpretação, tanto em psicanálise quanto em Psicologia Social, não compactua com alguns dos elementos que são tidos como comuns em muitas tradições, dentre eles a centralidade da figura do intérprete. Esse lugar de que há alguém externo capaz de “desvendar” uma verdade não é interessante para este trabalho, e isso pode criar uma série de problemas e questões. Sendo assim, para a psicanálise e para a

Psicologia Social (assim como para essa pesquisa), trabalha-se com a proposta de pensar a interpretação, e não o intérprete.

Assim, a interpretação é tida como uma função, que pode, inclusive, ser feita pela própria pessoa que narra, mas não só. Afinal, o próprio sonho é uma forma de interpretar o desejo, e basta uma escuta atenta a esses elementos para que haja uma interpretação, enquanto uma função, que circule e produza um efeito de abertura de sentido. A interpretação que nos interessa é aquela feita com quem sonhou e/ou pelo grupo ao qual o sonho foi endereçado (dentro de um contexto de troca e compartilhamento de sonhos). Ou seja, a interpretação está atrelada a uma função, e não a uma figura ou pessoa. Mas que função é essa? Como ela pode circular? Qual efeito pode provocar uma interpretação? Seguimos.

Ainda que Freud tenha criticado uma certa habitualidade em como os sonhos eram lidos sempre como enigma a ser desvendado por uma mesma chave de leitura, em alguma medida ele reproduz algo que foi alvo de sua crítica ao não abrir mão de fazer uma aposta sobre a especificidade da etiologia dos sonhos calcada no recalçamento das fantasias sexuais infantis, tal como foi apresentado neste capítulo⁴⁵. Aliás, essa não é uma questão apenas para a teoria dos sonhos em Freud. De um certo modo, essa é uma questão que atravessa a própria noção de interpretação freudiana (Safatle, 2014). Por mais que desde o início haja a noção de umbigo dos sonhos e considerações sobre os deslizamentos de possibilidades de leituras, Freud trabalha em muitas de suas interpretações sobre os sonhos de maneira a buscar um sentido fechado. Esse método cabe em alguns contextos. Em muitos contextos, na verdade. Principalmente em contextos nos quais há um trabalho de escuta contínua do sujeito. Contexto no qual associações prévias já foram feitas entre suas fantasias, neuroses, medos e traumas foram colocados em cena. Contextos nos quais o manejo da transferência se dá de forma dual.

Assim, é possível partir da argumentação para uma discussão sobre uma forma de pensar a interpretação. Uma interpretação que aponta mais para a construção estrutural do sonho, e não necessariamente só sobre os seus conteúdos. Os operadores de representabilidade e inteligibilidade se mostram como excelentes operadores que podem sustentar esse outro tipo de interpretação porque precedem a necessidade da associação livre ser feita exclusivamente por quem montou o sonho, justamente porque apontam para a perspectiva de apresentação e para o elemento narrativo de como o sonho foi articulado.

⁴⁵ Importante lembrar e ressaltar que a obra freudiana é dinâmica e viva, sendo assim, algumas concepções se alteram com o andar da obra, e algumas contradições são encontradas. Há, em um momento final da obra, uma abertura para pensar os sonhos de uma outra forma que não pautada apenas no recalque das fantasias sexuais infantis, porém isso não é explicitamente trabalhado pelo autor.

Apontam para como foi apresentado aquele trâmite de articulação entre tempo e espaço (tal como foi destacado). E essa construção narrativa enlaça o outro - introduz o elemento da alteridade, a partir do momento que um sonho é narrado. Assim, uma interpretação pode vir, depois que a narrativa onírica é feita, de um outro (que também pode associar se pautando nessa lógica estrutural da apresentação da cena).

Isso produz um efeito muito poderoso, pois é deslocada a concepção de que há uma verdade já está estabelecida pelo sonhador (ele só não tem acesso), e coloca para circular a possibilidade de construção de uma outra verdade, que contenha a sua própria negação, como apontado por Safatle (2014), feita no compartilhar com a alteridade. Assim, partimos do pressuposto de que a verdade não é já estabelecida: ela é e não é. Trabalhamos com uma noção de verdade que carrega a negação de sua forma positivada (Safatle, 2014; Beer, 2020).

Assim, há uma forte relação entre essa noção de verdade com o sonho e as narrativas que são feitas a partir dele; isso ganha um tom importante para a discussão. Afinal, a inteligibilidade que constrói a cadência narrativa ainda é parte do trabalho do sonho. Isso não quer dizer que os conteúdos não tenham espaço em uma interpretação compartilhada. Têm. É impossível prescindir, em partes, do conteúdo. Mas ele não é o único foco. Não é o único alvo da associação.

Trabalhar com essa proposta é abrir margem para que a própria noção de interpretação, de escuta e de intervenção se pautem não pela busca de sentido fechado, ou pela busca de criar sínteses e conclusões, mas sim pela possibilidade de criação. De abertura. De abrir espaço. De dar espaço mesmo para aquilo que se apresenta como algo da ordem do não-sentido: para o real. Pois, ainda que o real esteja no campo do irrepresentável, da ruptura e, talvez, do não coletivizável, ainda assim há a possibilidade de ser feita uma investida a partir da vivência dessa experiência. E isso sim pode ser compartilhado - não o real, mas a narrativa feita diante da experiência de estar frente ao impossível. O enredamento e a costura diante dos outros registros (simbólico e imaginário).

Trabalhar com os sonhos em Psicologia Social pressupõe uma noção de interpretação que possa circular (costurada a possibilidade de efeito de uma elaboração que também tenha uma entrada da alteridade). É marcar a interpretação como uma função, e não centralizada e fixa em uma figura. Ao longo do capítulo foi apresentada uma proposta de interpretação sobre o sonho que não se feche em busca de uma verdade. É possível traduzir essa colocação por pautar uma interpretação que produza efeito de abertura de sentido. Essa é a ponte necessária para articular e apontar para um enodamento entre um tempo de sonhar e um tempo de compartilhar. Uma interpretação com efeitos de sentido real abre margens para que, diante da

ruptura, uma nova invenção seja feita e partilhada, e assim, uma elaboração em um plano coletivo e compartilhado.

A interpretação compartilhada é construída a partir da interação entre relações de afeto. De escuta. De partilha de questões. Quando orientada pela inclusão da importância da estrutura do sonho, e não apenas pelos seus conteúdos, uma interpretação compartilhada possibilita a construção de uma elaboração que não seja válida apenas para quem narrou o sonho, de forma individual. Estrutura e conteúdo se costuram, e uma interpretação que mire na potência sociopolítica dos sonhos precisa tratar de ambos elementos. Uma interpretação compartilhada abre caminhos para uma elaboração que seja coletiva, comunitária e compartilhada. Mas isso é assunto para o capítulo quatro, o tempo de compartilhar.

2.5 | Tempo de sonhar

Chegamos a um ponto no qual é necessário um certo cuidado e rigor para não criar uma confusão. Para trabalhar com os sonhos em Psicologia Social, lança-se mão das noções de: memória, implicação, interpretação, elaboração e tempo para pensarmos os tempos oníricos - instâncias nas quais são trabalhadas as porosidades da singularidade (a dimensão sociopolítica, cultural e histórica com a dimensão da subjetividade). Ainda que essas noções estejam presentes em todo o texto, o foco dado para esse capítulo (tempo de sonhar) foi para a elaboração e para a interpretação. Em ambos os casos, visando que essas sejam instâncias abertas para serem feitas coletivamente. Assim, propor um tempo onírico para dormir, outro para sonhar, mais um para despertar e amarrar com um tempo de compartilhar, costurando essas instâncias de maneira tal que abra espaço e campo para a coletividade.

O capítulo está estruturado em duas grandes partes: a primeira que versa sobre questões que envolvem a elaboração onírica, e a segunda parte que trabalha com a construção da possibilidade de uma interpretação dos sonhos dentro do campo da Psicologia Social (por isso foi apresentado como o sonho se deforma e se disfarça - para que a interpretação trabalhe nesse campo de promover novas conexões abertas entre o que é manifesto e o que é latente, assim como destacar a possibilidade de trabalhar não apenas com esses conteúdos, mas também com a forma com a qual eles aparecem). Propor uma interpretação compartilhada é uma via para trabalhar neste campo. Ao interligarmos as duas partes, podemos pensar que ao cumprir sua função elaborativa, os sonhos quando interpretados de maneira a incluir uma associação da alteridade podem ressignificar a própria noção de elaboração. E assim, não

apenas saltamos de uma interpretação que parte de uma figura para uma interpretação que cumpre uma função e permite uma entrada da alteridade e pode ser compartilhada, mas também possibilita saltar para um outro plano de elaboração: uma elaboração também construída em cima de uma circulação de dizeres. Uma elaboração compartilhada (que ainda será explorada no capítulo quatro). Por isso foi necessário fundamentar por que interpretar e qual a sua relação com a elaboração.

Assim, ao entrarmos em uma proposta de construir o que seria um tempo de sonhar, trabalhamos com a possibilidade dos sonhos como ferramentas importantes para pensar a elaboração coletivo. Para seguirmos o caminho, é necessário apontar quais sonhos são passíveis de serem trabalhados nessa perspectiva e ao que se atentar para que o trabalho esteja alinhado com um horizonte de despertar, bem como uma amarração coletiva de compartilhar e de dormir.

Os sonhos como um espaço de enodamento dos registros, e seu funcionamento homólogo ao aparelho psíquico, podem apontar para alguma instância do real, além de carregar em si dizeres constituídos politicamente, portanto, assumem um caráter sociopolítico. Dentro desse escopo, há modalidades de apresentação diferentes de sonhos, e portanto, formas diferentes de trabalhar com eles. Ambas calcadas no mesmo alicerce de serem um dizer do comunitário. Ambas tentam cumprir uma função elaborativa. Ambas passíveis de interpretação, cada uma à sua maneira. Ambas incluem uma associação livre compartilhada. Porém, elas diferem quanto ao sucesso do trabalho dos sonhos - o trabalho de disfarce que possibilita que a elaboração ocorra. Por isso, ainda que ambas sejam do interesse, devem ser cuidadosamente trabalhadas de maneira ligeiramente distintas.

Na primeira esfera há (1) os sonhos traumáticos, que são aqueles que apresentam uma espécie de literalidade da experiência vivida (também característicos por serem repetitivos, promover um acordar precoce e causarem uma angústia pela não representação simbólica da cena traumática)⁴⁶. Mesmo os sonhos traumáticos são sociopolíticos; o trauma tem um caráter que diz sobre o contexto sociopolítico (Nakagawa, 2020; Endo, 2008). Na segunda esfera estão os: (2) sonhos não traumáticos; que também apresentam alguma relação com a dimensão sociopolítica do sofrimento (discursos e atravessamentos sociais que tenham esse caráter de se apresentar como fonte de problema para um coletivo); afinal, o sonho é a política - seja ele traumático ou não. Dessas duas formas de apresentação, uma passa pelo trabalho dos

⁴⁶ Visto que o evento traumático pode ter múltiplas determinações, aqui é tomado a dimensão do trauma que tenha relações com experiências que envolvam uma comunidade ou eventos que estejam em face às situações de cunho político.

sonhos, e sofre diversas deformações (sonhos não traumáticos) e o outra não sofre as deformações, ou sofre muito pouco (sonhos traumáticos). O que difere um caso do outro é o quanto o sonho está deformado/disfarçado, e por consequência, quais operadores serão priorizados ao propor uma interpretação.

A noção de oniropolítica, já apresentada, se utiliza da noção lacaniana de real para pensar os sonhos como instrumento de leitura do campo social; esse conceito serve de base para os tipos de apresentação de sonhos dessa pesquisa. A noção de real é trabalhada ao longo da psicanálise lacaniana e se consolida como um conceito muito importante para pensar tanto o trauma quanto o sonho. O real é um registro que compõe a realidade humana, e é da ordem do impossível e do nonsense, o não sentido; também está associado àquilo que escapa às representações da linguagem (simbólico), mas que mesmo assim tenta se inscrever no aparelho psíquico (Jorge, 2005; Faria, 2021). Essa tentativa, sem sucesso, de recursos simbólicos são sinais que algo está operando a partir no real. Pela insistência, um dos traços do real é a repetição. Sonhos traumáticos muitas vezes são repetitivos. O trauma é a repetição de uma experiência do passado que não ganhou representação simbólica. O real é aquilo que é impossível de simbolizar e do que não cansa de tentar se inscrever (Faria, 2021). Frente aos sonhos (sempre sociopolíticos), a proposta de trabalho se estrutura e sustenta-se uma mesma premissa: o sonho como um dizer que tenta apontar para o real - como uma tentativa de localizar vivências, atravessamentos, luto, desejos, traumas, felicitações e questões do coletivo na estrutura ficcional do tempo, sendo ele próprio um representante deste registro.

Dos modos de apresentação dos sonhos que cabem nesta proposta de leitura, ambos se ancoram neste mesmo pressuposto - ambos são um dizer que tenta apontar para o real. O que difere um do outro é quais operadores serão utilizados para fazer uma proposta de interpretação compartilhada.

Com isso, a princípio, a proposta é sustentar que o sonho pode ser trabalhado pelas seguintes frentes: para os sonhos não traumáticos, um caminho possível é não se centrar apenas nos operadores de condensação e deslocamento e fazer uma leitura a partir do uso das operações de representabilidade e inteligibilidade para que a associação livre não se centre apenas em quem sonhou. Que seja colocado para circulação a construção de uma interpretação coletiva e alçar voos em campos que dialoguem com a dimensão social. Ou seja, que a rede de elaboração (um grupo, uma comunidade, quem vive no entorno) possam ser acionadas e feitas trocas de conexões e associações. Que seja explorado o dinamismo da construção da cena onírica.

Já os sonhos traumáticos podem ser lidos na literalidade que se apresentam, expondo o impacto deixado pelas marcas do horror. Nos sonhos traumáticos não há uma falha de elaboração propriamente dita; essa falha está presente, mas ela é secundária. O que há é uma falha no trabalho dos sonhos ao não diluir o conteúdo traumático e reorganizar as memórias com outras formas de representação (Endo, 2008). Em suma, a falha é em criar um disfarce, impossibilitando uma elaboração e criando uma instância de repetição. O sonho é traumático quando há pouca deformação e ele se repete, ou repete a cena vivida (Freud, 1914/2014). Por isso, trabalhar com esses sonhos exige um cuidado. O sonhador, ao remontar a cena do trauma, pode estar sujeito a viver uma experiência ruim mais uma vez. Por isso, um elaborar em rede - sem a exposição da associação livre de quem sonhou - pode ser uma estratégia interessante. Nesse caso, o trabalho com sonhos traumáticos que são muito literais não necessitam de uma interpretação. O próprio sonho é uma tentativa de interpretar o trauma (Iannini, 2021). De um dizer que tenta apontar para o real. Para os sonhos traumáticos com pouca deformação, a interpretação cuidadosa deve se pautar timidamente nas operações de representabilidade e inteligibilidade, com o devido cuidado para que a própria lembrança não seja mais um componente que intensifique o trauma.

Em um tipo, há a necessidade de se atentar para a deformação. Em outro, há o cuidado ao trabalhar com um material tão cru, sem anteparos. Em ambas as modalidades o sonho é tido como uma bússola que tenta apontar para os embates no campo do coletivo na medida que tensiona a tentativa de dizer dessa experiência, do real, que é de se localizar.

Se há uma homologia entre o funcionamento dos sonhos e do aparelho psíquico (Freud, 1900/2019), é porque ambos tentam elaborar as experiências vividas com os recursos que dispõem, assim como ambos são atravessados pelo contexto sociopolítico, cultural e histórico. Isso é singularidade. A compreensão de que há um atravessamento político em como são constituídas as subjetividades. Se para a psicanálise lacaniana a instância psíquica funciona a partir da amarração dos três registros: real, simbólico e imaginário (RSI), por que não pensar os sonhos homologamente também a partir desses registros?

Há muitos momentos na obra lacaniana e com isso muitos conceitos foram se modificando, se rearranjando e a obra como um todo também caminha de maneira dinâmica. Por isso, parte da dificuldade de capturar uma concepção fixa de algum conceito; afinal, há muitos momentos de transição na teoria. Um desses momentos é uma espécie de crise na obra na qual passa a se questionar se a sua noção inicial de sujeito (falta-a-ser) é o bastante para os rumos que a teoria tenta alçar.

Nessa tentativa de compreender uma outra concepção do aparelho psíquico, Lacan passa a usar a noção de seres falantes. Diz que os registros RSI é o espaço dos seres falantes, e assim, diz de algo que seria o falasser. Essa noção do falasser antecede um pouco a proposta das amarrações borromeanas, mas aqui os conceitos não são descartados na medida em que novas compreensões surgem, mas sim ressignificados e servindo de base para novas especulações. O falasser como uma noção que tenta circunscrever uma concepção atualizada de sujeito pautado nos nós abre espaço para a topologia borromeana, e como nesta pesquisa o sonho é esse articulador de registros, por que não brincar um pouco com a noção de falasser e levantar a questão: seria possível pensar um espaço do ser sonhante na articulação do real, simbólico e imaginário? Seria possível pensar o sonhasser⁴⁷? Devaneios teóricos à parte, retornamos.

O que é necessário para seguir é justamente a base de que quando se trata do campo onírico, todos os registros estão em jogo. Elementos do corpo, das imagens, da linguagem, dos discursos e até da falta de representação. Sonhar é a tentativa de criar uma espécie de organização e também de uma representação para as experiências dos seres falantes. Sonhar é um tempo de montar uma cena na qual seja possível se posicionar frente às demandas do Outro - do social e do comunitário. Sonhar é projetar um futuro a partir de memórias do passado e vivências do presente. Sonhar é criar uma simulação que encontre espaço para a intimidade e para a singularidade. Sonhar é tentar criar. É um dizer dessa tentativa. Uma vez que é atravessado por inúmeras questões, no sonho há elementos que torna possível pensar questões do laço social e do viver em comunidade. É um tempo de projeção da coletividade. É a partir dessa posição que sonhar é lido pela proposta de ser um tempo onírico.

Construir, reconstruir, condensar, deslocar, propor ângulos, arranjos visuais, cadência na narrativa, vivenciar um luto, expor o sofrimento, expor o trauma, se lançar no passado, no futuro, reviver o presente, sozinho, em comunidade. Sonhar não é apenas reviver, mas também viver e por que não pré-viver? Sonhar é uma tentativa de dizer disso que nos escapa, do que está no campo do impossível. Nesse caminho estamos alinhados com uma série de representações oníricas que muitas culturas têm quando apontam que o sonho é uma conexão com o cosmos, com o outro mundo, com outra instância da qual não temos ciência. Mas sonhar é essa ponte e tentar se inserir neste campo. Homólogo ao espaço do ser falante (ao nó

⁴⁷ Essa proposta seria interessante para investigar não apenas as modalidades de amarração borromeanas dos registros RSI a partir dos sonhos, mas também para tecer algumas articulações a respeito das modalidades de gozo que poderiam existir nos sonhos. Assim, o estatuto do sonho como tentativa de realização de desejo infantil recalçado poderia ser apresentado em uma nova roupagem tomando o sonho como um articulador na tentativa de remontar uma cena de gozo. Mas essa ponta ficará solta nesta pesquisa, pois neste momento os rumos são outros.

borromeano), o sonho tenta apontar para o real e representar o irrepresentável; e diante disso cria-se uma narrativa onírica (a partir do simbólico e do imaginário) que tenta se aproximar dessa dimensão, mas está fadada a encontrar suas limitações, algo que Freud chamou de umbigo dos sonhos, e aqui podemos ler como efeito desse registro do Um.

Sonhar é tentar se localizar no labirinto de incertezas que nos atravessam enquanto sociedade, e se localizar, também, nos hiatos do ser social. Por isso é um tempo lógico. Não há linearidade na construção desse dizer do impossível. Futuro e passado são construídos simultaneamente no presente. Sonhar é elaborar.

O tempo de sonhar é um tempo de criação a partir dos recursos que temos, para dispor de recursos que ainda não temos. Assim, pensando a partir da proposta da construção dos tempos oníricos, talvez seja possível dizer que em uma parte do sonhar está incluso uma preparação para a vida em vigília - para o despertar, posto que a leitura da construção desses tempos de dormir; sonhar; despertar e compartilhar também estão articuladas entre si - um sustentando o outro. Assim, sonhar se constitui como um tempo onírico na medida em que serve como um operador de resistência e enfrentamento à lógica social, aos traumas e ao sofrimento de cunho sociopolítico. Sonhar é tentar criar saídas frente aos atravessamentos que marcam a vivência humana, inclusive a dimensão sociopolítica do sofrimento.

Na maioria das vezes só se constata que sonhou depois de acordar. Porém, aqui não nos ocupamos de trabalhar com o acordar, mas de pensar o que pode ser um despertar.

3 | Tempo de despertar

Contar o tempo e se contar, inventariando a própria história na História, é a possibilidade de apostar num tempo que nos ultrapassa e funda o futuro. Produzir narrativas para situar o acontecimento e despertar do transe epidêmico e epistêmico, essa é a nossa aposta⁴⁸

A hora do pesadelo

Quando o sono acaba e somos convocados a retomar a vida em vigília, podemos dizer que a pessoa acordou. Acordar, assim como a sua alternância com o dormir, é de vital importância para a sobrevivência dos seres. Porém, ao radicalizamos a partir da proposta dos tempos oníricos, não basta acordar. É necessário despertar. Com isso, o objetivo do capítulo será centralizar a discussão onírica a partir de uma noção de despertar, explorando transversalmente uma das facetas mais sombrias dos sonhos: o pesadelo. Ambos em camadas.

Neste capítulo iremos seguir um caminho que passa, inicialmente, na diferenciação entre acordar e despertar. Em um segundo momento, serão exploradas as camadas possíveis de despertar trazendo exemplos de saberes ancestrais e científicos, corroborando com a proposta de embasar e evidenciar alguns pontos fundamentais e necessários para pensar o despertar enquanto um tempo onírico: (1) a implicação e (2) a incorporação dos elementos oníricos na vigília.

Em um terceiro momento do capítulo, o caminho está aberto para articular uma das camadas mais densas do despertar, que se refere a sua dimensão sociopolítica. Que sociedade é essa em que vivemos? Como se separar e transformá-la? Com isso, o despertar se constrói (a partir de uma implicação) como tempo de separação e reposicionamento frente às questões do laço social, de modo que incorpora os sonhos. Assim, abre margem para a elaboração de um futuro que não seja um pesadelo, tal como é atualmente para a maior parcela da sociedade.

3.1 | Quando o sono acaba: distinções entre o acordar e o despertar

Com o cessar do dormir e ao abrir os olhos, podemos dizer que o indivíduo acordou. É nesse estado acordado que podem ser feitas duas reflexões: que mundo é esse em que me encontro agora que o sono acabou? E a outra pergunta: que mundo é aquele no qual eu estava

⁴⁸ (Rosa et al., 2021, p. 242)

até pouco tempo atrás? Ambas as perguntas marcam que há uma diferença entre vivenciar uma experiência (dormir) e outra (acordar). E ainda que tais experiências sejam distintas, também são porosas e interligadas.

Acordar é o ato de transição entre uma experiência e outra, assim como dormir é essa mesma transição em seu sentido reverso. Acordar é sair do mundo dos sonhos, no qual estava sendo seduzido (ou angustiado) por diversas cenas das quais não havia previsão de como seriam apresentadas. Se no sono há uma erótica em jogo, como visto no capítulo um, o que leva alguém a acordar? Essa pergunta pode causar uma espécie de constrangimento pela obviedade da resposta, mas a questão pode ser lida a partir de uma ótica mais complexa

Acordar é retomar uma série de funções psíquicas e motoras e se submeter a ordem da realidade compartilhada em suas diversas camadas. Acordar é necessário em muitas instâncias. Acordar para se alimentar, para fazer as necessidades fisiológicas, para transar, para verificar se há algum perigo iminente, para cuidar de si e do entorno, para trabalhar. Ou seja, para sobreviver. Afinal, se não houvesse essa necessidade, o sono seria constante. Mas a questão que nos interessa está em outra ordem: como pode o sonho, tão fundamental para a capacidade elaborativa, produzir um conteúdo que interrompa tanto o seu próprio trabalho, quanto o sono em si, levando o sonhador a acordar prematuramente?

O pesadelo é lido em algumas culturas como uma alteração nos sonhos, causada por demônios malignos. Em outras ele é lido como um aviso de entidades cósmicas e superiores. Para a neurociência ele pode ser lido na mesma medida que os sonhos são lidos nessa ciência: antecipação de cenários com fins de criação de recursos simbólicos para suportar um possível futuro (Ribeiro, 2019). Mas se sairmos da sedução de tentar desvendar os mistérios do pesadelo e nos atentarmos a como o acordar compõe essa equação, podemos seguir.

Lacan passa a se interessar por esse momento de acordar e pressupõe que ali há uma importância de tamanha riqueza que está associada ao conteúdo do sonho. Afinal, se foi o próprio sonho que provocou um acordar prematuro, isso quer dizer que o acordar tem uma função. Ele opera visando algo. O ponto de partida que leva Lacan a se interessar por essa problemática é o emblemático sonho descrito por Freud do pai que está velando o corpo do seu filho morto:

Um pai passou dias e noites à cabeceira do filho doente. Depois que a criança morre, ele vai para um quarto vizinho, a fim de descansar, mas deixa a porta aberta, para poder ver o aposento onde jaz o corpo do filho, cercado de velas altas. Um homem idoso foi encarregado da vigília e está sentado junto ao corpo, murmurando orações. Após algumas horas de sono, o pai sonha que o filho está em pé ao lado de sua cama, que o agarra pelo braço e sussurra em tom de repreensão: “Pai, você não vê que estou queimando?”. Ele

acorda e vê um brilho forte vindo do quarto do filho, corre até lá e encontra o vigia idoso adormecido, a mortalha e um braço do corpo amado do filho queimados por uma vela que caíra. (Freud, 1900/2019, p. 558)

A interpretação feita por Freud (1900/2019) sobre esse sonho está pautada na lógica da realização de desejo e, por isso, aponta que tal realização está em o pai poder passar mais tempo com o seu filho, ainda que seja através de sonho. Lacan avança e propõe uma outra leitura divergente a respeito do sonho descrito, voltando a atenção para o momento que leva o pai a acordar. O pai acordou do seu sonho pois o próprio sonho se tornou tão insuportável que é preferível estar em vigília, uma vez que questões prévias da história da morte deste filho vieram à tona com a cena onírica. Isso porque, para Lacan (1992), o sujeito acorda de seus sonhos quando o conteúdo projetado à noite é insuportável ao ponto que estar acordado é menos pior. Esse conteúdo é insuportável justamente pela crueza e brutalidade com a qual uma verdade pode ser apresentada durante o sono.

Para Lacan, "um sonho desperta justamente no momento em que poderia deixar escapar a verdade, de sorte que só acordamos para continuar sonhando - sonhando no real, ou, para ser mais exato, na realidade" (Lacan, 1992, p. 54). Ou seja, diante da possibilidade do sujeito se encontrar com um objeto que remete a uma verdade insuportável, o sujeito acorda para impossibilitar esse encontro (pois poderia ser devastador), e adentrar novamente ao mundo da vigília, e assim, poder continuar sonhando, agora em fantasia⁴⁹ (Koretsky, 2019; Jorge, 2005). Acordar para continuar sonhando é a pura expressão da continuidade e manutenção de um funcionamento. É uma transição de um estado para outro, mas que visa sustentar a manutenção e a continuidade do funcionamento do enigma da fantasia. Acordar, a princípio, se faz presente enquanto um recurso do funcionamento do aparelho psíquico, prevenindo que, no sonho, o sujeito entre em contato com objeto que possa ser causador de angústia.

Apontamos para a operação desse momento de acordar, mas e o despertar? Aqui há uma distinção preciosa entre essas duas instâncias. Apesar de ambos os termos marcarem uma espécie de transição, talvez a diferença conceitual seja mais radical do que essa semelhança, ainda que mantenham um vínculo de interdependência.

⁴⁹ Para Lacan, sonhar na realidade (como mostra a citação do mesmo no texto) está relacionado à questão da fantasia. A questão pode ser apresentada da seguinte forma: "o sujeito acorda, diz Lacan, para prosseguir dormindo, isto é, fantasiando" (Jorge, 2005, p. 277). Aqui há uma problemática pois Lacan parece tomar a fantasia como substituta ou sinônima do sonho. Há uma transposição direta. Ainda que se faça uma leitura sobre a fantasia como núcleo do desejo, quais as possibilidades e inconsistências de fazer essa leitura quando se trata de sonhar e despertar? Acredito que há ressalvas, mas essa será uma questão em aberto para ser trabalhada em outro momento.

Desse modo, acordar não supõe despertar, pois o sujeito acorda para continuar dormindo, fantasiando. Ou seja, o sonho de angústia revela que há uma diferença entre acordar e despertar. Acordar pode ter a função de calar o desejo e as ambivalências que habitam o sujeito e que seriam revelados no sonho, na cena inconsciente. Já no despertar segue o caminho da separação em relação à alienação estrutural. (Rosa et al., 2021, p. 241)

Os termos acordar e despertar muitas vezes são usados como sinônimos tanto em Freud quanto em Lacan, fazendo com que não seja estruturado conceitualmente uma diferença entre eles. Porém, propor e explorar essa distinção é possível e é a partir da radicalidade dessas diferenças e aproximações que essa leitura se torna essencial para a continuidade da pesquisa, tal como aparece em Rosa et al. (2021). Fazer uma distinção entre os termos é um recurso conceitual que possibilita a sustentação das tentativas de investidas que esta pesquisa se propõe ao voar sobre os campos da constituição política dos seres falantes, e da importância dos sonhos nesta constituição.

Ao propor que o despertar é um tempo na construção lógica do uso dos sonhos em sua articulação com o contexto político e social, certamente não é associada à concepção de manutenção que será trabalhada a argumentação. Para essa pesquisa, o despertar é tomado como um rompimento. Uma separação que leva à transformação, sendo necessário pensar nesse despertar como possível em camadas. A leitura será de um despertar que esteja articulado com uma dimensão política (pois produz um efeito de separação em relação à formas violentas de fazer laço). Se no acordar há algo que permite a construção de uma continuidade vivida em uma fantasia neurótica (e tem o seu valor e necessidade de ser), com o despertar a proposta ganha outros tons. Se um é a continuidade, o outro se faz presente como separação/rompimento e transformação - de tal modo em que se opera um tensionamento de um com o outro.

Acordar é uma necessidade, enquanto que o despertar prevê uma implicação. Essa diferença é radical e de extrema importância.

3.2 | Os requisitos a um despertar

A noção de despertar proposta para pensar os tempos oníricos está ancorada em dois elementos fundamentais: (1) a implicação e; (2) a incorporação de elementos oníricos à vigília - sendo ambos os pontos costurados, em uma compreensão lógica do tempo, para abordar o foco deste capítulo. É sobre esses dois pontos que serão trabalhados os argumentos que seguirão. Vamos ao primeiro.

3.2.1 | *A implicação*

A partir do Evangelho do Nepal e do Tibete, Jorge Luis Borges e Alicia Jurado (1977) se propõem a escrever a respeito da história do príncipe Siddhartha Gautama, aquele que viria a ser Buda, ou Buddha (cujo nome, em sânscrito, significa “o desperto”). É um sonho que abre a história, e não poderia ser diferente. Maya, cujo nome significa ilusão, sonha com um elefante de cor branco neve com seis presas e cabeça cor de rubi que a penetra. A partir dos intérpretes desse sonho é feita uma profecia apontando que o filho de Maya haveria a possibilidade de trilhar por dois caminhos: (1) ser um grande rei, em posição de dono do mundo, ou (2) trilhar o caminho de ser o redentor, e não o dono, do mundo.

O pai do príncipe decide que seu filho irá trilhar pelo primeiro caminho e, a partir disso, cria palácios em que apenas seriam ofertadas questões referentes aos prazeres da vida; evitando o contato da criança com qualquer afeto considerado ruim. Isso engloba qualquer relação com dores, doenças, morte ou o tempo, tal como o envelhecimento. Assim, Siddhartha viveu cercado por muros em um espaço ilusório de gozo e prazer por dez anos, até que finalmente decide por cruzar os limites impostos a ele e, ao fazer essa ultrapassagem, se depara com os aspectos reais dos quais não tinha contato. Ao sair do castelo e conhecer a sociedade, se deparou com a morte, as doenças e o sofrimento e rompe com a ilusão marcada pelo apego e prazeres da materialidade (Borges & Jurado, 1977).

O que essa história traz de interessante é a concepção da noção de despertar, afinal, Buda é aquele que despertou. Isso implica em romper com uma certa lógica e fazer uma ultrapassagem dos limites do prazer e se deparar com aquilo que se faz presente a todos. Para a tradição budista, despertar marca a saída do palácio de ilusões ao qual o sujeito está colocado já em sua primeira concepção, ainda em forma de ideia, mesmo antes de nascer. Despertar, para essa tradição, marca a recusa em prazeres vis e individualizados para alcançar um estado de vivência ligado a um coletivo material e imaterial, sendo possível de ser atingido através de meditação. Marca uma separação.

O hinduísmo também prevê a obtenção de uma espécie de despertar e muitos dos seus mantras estão ligados a essa transformação das condições materiais e alinhamento com condições imateriais. A prática do yoga se apresenta como instrumento e exercício de alinhamento de corpo, respiração e meditação que visa o despertar nessa condição de separação e transformação. Explorar diferentes formas de se posicionar usando o corpo, mas não restrito apenas a ele. A proposta não é apontar para o que é o despertar, mas sim para o que pode ser um despertar. Ou seja, não há um único caminho e uma fórmula, mas há invenções feitas. Recursos feitos. Tentativas. E o que essas propostas, e também as demais

que serão apresentadas têm em comum? Todas elas remetem o despertar como separação e uma nova forma de se posicionar. A diferença entre essas formas de despertar e a que está sendo proposta aqui, diz respeito à natureza de cada área: aqui se trata da Psicologia Social, psicanaliticamente orientada. Justamente por isso, há uma certa noção que será trabalhada: a implicação - um dos eixos centrais da pesquisa e também uma das propriedades intrínsecas ao despertar, tal como é proposto nesta pesquisa.

Implicação do que (ou de quem), em relação ao que? Essa noção diz respeito ao sujeito e às formas de inserção do mesmo no laço social, através de posições discursivas que atravessam a constituição das relações, das instituições e das formas de exercício do poder e do gozo. Esse termo é referência a uma construção que Rosa (2013) faz sobre uma noção de psicanálise implicada: “aquela constituída pela escuta dos sujeitos situados precariamente no campo social que permite teorizações sobre os modos como são capturados e enredados pela maquinaria do poder” (p. 30). É a partir dessa discussão, sobre psicanálise implicada, que é proposto a implicação como um eixo central da pesquisa, e um dos pressupostos base para o despertar. Sendo assim, é necessário tecer algumas considerações sobre esse termo e como essa noção será trabalhada para essa pesquisa.

A implicação é a sustentação de uma posição de responsabilização frente às questões do laço social, assim, trabalhando com as operações de separação e transformação nas formas de se inserir frente às demandas sociais e as posições discursivas que fazem laço. A implicação aponta para uma necessidade de romper com formas discursivas violentas que se utilizam do excesso de poder e formas mortificadas de gozo para fazer laço. Assim, a implicação está sendo pensada como uma posição frente ao laço, que tem como alicerce a responsabilização, noção essa que pode ser discutida em psicanálise com o campo político, tal como aponta Miriam Debieux, ao afirmar que “a responsabilização refere-se ao exercício ético/político de posicionar-se no laço social sustentando um pacto que garante não só a contenção de excessos, mas também um lugar para a alteridade e diferença” (Rosa, 2018, p. 165)⁵⁰. Ou seja, a implicação assinala uma posição de separação frente a essa forma discursiva violenta, que marca o excesso de um gozo mortífero no laço social, visando uma transformação que se paute em um lugar para as diferenças, assim como aponta Rosa (2018)⁵¹.

⁵⁰ Rosa (2018) faz um percurso importante para localizar o termo "responsabilização" junto à psicanálise, uma vez que é uma noção utilizada por outras áreas, e não se apresenta como um conceito propriamente psicanalítico.

⁵¹ A autora trabalha com uma noção de “psicanálise implicada”, que traz justamente questões referentes à ética psicanalítica, bem como ao papel da psicanálise ao pensar o lugar do sujeito na pólis, assim como as implicações sociopolítica em relação ao sofrimento; tal como os dispositivos clínico-políticos de escuta e intervenção neste campo. Para ler mais sobre, consultar as referências citadas (Rosa, 2018; Rosa, 2013).

Assim, essa noção de implicação traz à tona a relação do sujeito e do laço social, tanto do primeiro para com o segundo, quanto no sentido reverso - estabelecendo uma tensão dialética de como essa posição pode ser sustentada. É a partir dessa noção que pode ser construído o que chamamos de despertar, uma vez que este último se constitui como um tempo lógico e um operador social frente às demandas sociais. Assim, “é nessa medida que a psicanálise pode comparecer com elementos para favorecer modos de resistência à instrumentalização social do gozo e à manipulação da vida e da morte no campo social – um terrorismo do ponto de vista do poder soberano. (Rosa, 2013, p. 31).

É fundamental atentar-se ao fato de que se trata de uma transformação, e não de A transformação. Há camadas. Camadas que podem passar pelo plano individual, grupal ou social. Camadas que apontam que há níveis que vão do possível ao impossível de despertar. No que compete ao possível, sempre há parcialidade e condições necessárias. Mas o que promove essas possibilidades? Com o que se almeja entrar em contato, ao buscar determinadas práticas que possam facilitar uma experiência de despertar? A busca é por certos tipos de conhecimentos e conteúdos extramuros. A separação marca diversas tradições que buscam o despertar. Se não houve uma ruptura (separação) e transformação implicada (a partir de uma responsabilização), o que houve foi um acordar, e não um despertar.

A noção de implicação foi apresentada e será retomada mais adiante. Agora adentra-se no território do segundo ponto fundamental para a proposta do despertar: a incorporação dos elementos oníricos à vigília.

3.2.2 | *Elementos oníricos em vigília*

Alguns povos amazônicos concentrados no Brasil, Peru, Equador e Colômbia também se utilizam de técnicas e recursos auxiliares com finalidade de exercitar uma expansão de consciência, buscando elementos que estão fora do nosso circuito de vigília. Afinal, em vigília as defesas estão todas montadas. A ayahuasca⁵², muito utilizada por esses povos amazônicos, é um excelente exemplo da questão citada.

O uso dessa bebida se deu historicamente em contexto ritualístico marcado por uma proposta delimitada, com xamãs e pessoas devidamente preparadas para conduzir a experiência. A consagração da ayahuasca pode promover um nível de experiência que traga

⁵² Em definição, “a Ayahuasca é uma bebida psicoativa obtida através da decoção de duas plantas de origem amazônica: são utilizados o cipó da planta *Banisteriopsis caapi* e as folhas do arbusto *Psychotria viridis*, conhecidas respectivamente como cipó Mariri e Chacrona. As principais moléculas relacionadas à sua atividade no sistema nervoso central são os alcalóides beta-carbolínicos harmina, harmalina e tetrahydroharmina e o derivado triptamínico N,N-dimetiltriptamina (DMT)” (Moura et al., 2022, p. 02)

conteúdos antes inacessíveis para serem vivenciados e revelados, já que tem propriedades psicoativas, podendo promover uma experiência enteógena. Além dos objetivos e benefícios espirituais para os adeptos a essa prática, há pesquisas que indicam que o uso dessa substância pode ter efeitos terapêuticos benéficos para alguns quadros de transtornos mentais, principalmente aos associados à depressão (Moura et al., 2022). Os benefícios dessa prática podem ter um efeito de continuidade quando associados a demais atividades, tal como a psicoterapia. Ou seja, além de se consolidar em preceitos filosóficos, religiosos e espirituais, o uso de algumas substâncias psicoativas pode compor essa camada de transformação intencional a partir de elementos acessados fora da consciência habitual.

Ainda que o uso de plantas medicinais e fitoterápicas já fosse do uso cotidiano de povos ancestrais, elas também são encorajadas por organizações de saúde por serem comprovadamente benéficas a alguns tratamentos, quando bem utilizadas (Moura et al, 2022). Porém, não apenas as plantas medicinais têm esse efeito. Substâncias sintéticas, também com propriedade psicoativas, se mostraram extremamente eficazes para compor tratamentos psiquiátricos e psicológicos.

Calisto (2021) aponta que o uso da substância conhecida como MDMA (3,4-metilenodioximetanfetamina) teve efeitos eficazes no tratamento de Transtorno do Estresse Pós-traumático tanto em curto prazo, quanto em longo prazo. Outros estudos que fazem a pesquisa em cima do LSD e da psilocibina apontam que há uma melhora em sintomas de depressão, ansiedade, dentre outros quadros quando há uma terapêutica no uso dessas substâncias (Reichert et al., 2022). Importante ressaltar que o uso dessas substâncias citadas e a sua eficácia estão associadas a uma proposta de tratamento e a uma intervenção em um contexto específico (ritualísticos ou terapêuticos), e não ao uso recreativo e informal. As experiências podem divergir, em algum nível, e justamente por isso há uma avaliação profissional envolvida na elaboração da terapêutica e de quais casos se beneficiaram desses dispositivos.

Mas por que trazer esses elementos? O que há em consonância entre os pontos apresentados? A implicação enquanto uma posição de responsabilidade frente às formas de se inserir no laço social já foi pautada como propriedade essencial para construirmos uma noção de despertar, mas há uma outra propriedade em jogo. Mais um elemento a ser adicionado nessa equação: o sonho. O uso de substâncias provocam, por terem propriedades psicoativas, uma experiência que, não raramente, vem acompanhada de relatos que se aproximam de uma espécie de experiência onírica em plena vigília. Tais experiências aproximam, por uma via comum, às substâncias e os sonhos. Uma propriedade que é experimentada todos os dias à

noite, e que pode ser experienciada em vigília (sempre em contextos apropriados), que é a propriedade psicoativa e alucinatória (mesmo que no uso da ayahuasca a experiência seja enteógena e não seja alucinatória, a base psicoativa está presente). Essa dose de efeitos psicoativos e alucinatórios pode promover uma expansão da compreensão e acessar novos conteúdos, estabelecendo novas conexões neurológicas e vivenciais - tanto em sonhos quanto em vigília.

Freud (1900/2019) apontava para o caráter alucinatório do sonho como a base, a condição necessária para que ele tenha a força que tem, pois ele rompe com as leis do mundo acordado e cria, encena e dramatiza, subvertendo as lógicas defensivas de estar acordado. Se há uma certa linha de pensadores e pesquisadores que defendem cientificamente e metodologicamente que os sonhos têm funções não apenas de realização de desejo, mas também funções elaborativas, restaurativas, imaginativas e simulativas (Santos, 2019; Ab'Saber, 2005, Ribeiro, 2019; Iannini et. al, 2021; Rosa et. al, 2021; Imbrizi, 2019; Dunker, 2017), isso se deve, em partes, a propriedade alucinatória de montar e remontar elementos das representações psíquicas, políticas, sociais, históricas e culturais.

Incorporar os elementos oníricos à vida em vigília é uma forma de abrir espaço para uma modalidade discursiva que está articulada, dentre outras coisas, com o impossível. É não recuar frente ao impossível, e mais: tecer uma narrativa (onírica) que faça circular um dizer de uma outra ordem. Que faça circular, no jogo das significações discursivas, uma outra forma de se inserir no laço social. E assim, talvez, somado a uma posição implicada, esses elementos oníricos possam servir de alicerce para o que está sendo chamado de despertar. Poderia, então, esse ser o motor da ruptura necessária ao despertar? Um dizer que dê espaço ao impossível, ao invés de tentar dominá-lo.

3.3 | As camadas de um despertar

Retomando algumas sementes plantadas no início do capítulo: se acordar é interromper o sono e impedir que os sonhos possam mostrar algo, o despertar já faz parte de uma outra investida (inversa). É trazer pra perto esses conteúdos de tal forma que visem uma separação. O despertar pode ser lido como uma posição que diz respeito ao laço social, posição essa que se pauta nos elementos da implicação (bem como a articulação com uma certa noção de responsabilidade), e os próprios elementos oníricos. Ou: o despertar, enquanto um tempo onírico, é partir dos sonhos e suas propriedades para se separar e transformar a

construção individual, no qual a sociedade está pautada atualmente, para inventar uma outra via de se inserir no laço social, que não a via da violência como forma de manutenção das estruturas de poder.

Mas há um ponto que vale a reflexão: há uma interdependência dialética entre o acordar e o despertar. Essa segunda instância só é possível a partir da primeira. Algo da fantasia precisa transpassar à vigília, em manutenção de continuidade, para que seja possível uma narrativa diante de um rompimento. Por mais que haja uma lógica de silenciamento entre um campo e outro, esse tensionamento é justamente o que possibilita a emergência do despertar enquanto uma experiência e enquanto um operador dentro do que vem sendo chamado de tempos oníricos. Essa lógica de tensionamento dialético de silenciamento e possibilidade de emergência de um acontecimento (ou evento) também pode ser encontrada, analogamente, na relação que há entre saber e verdade, uma vez que “a verdade resiste ao saber que tenta silenciá-la” (Beer, 2020, p. 253).

Como foi proposto anteriormente, essa noção de despertar que está sendo trabalhada deve ser lida em camadas que vão do possível ao impossível. Isso não tira a potência política envolvida nessas experiências, mas ao avançarmos pelas camadas possíveis, devemos nos lançar a uma outra instância. Afinal, que transformação é essa que é visada? Seguimos.

3.3.1 | *Um despertar possível em Freud e Lacan*

Em psicanálise, o despertar se apresenta como um conceito trabalhado, fundamentado e delimitado de maneira relativamente diluída ao longo de publicações teóricas. Porém, está presente em diversas proposições e é conceituado em algumas passagens, além de estar no seio de impasses de grande importância, principalmente aqueles que envolvem a temática dos sonhos (Koretsky, 2019). Com isso, a possibilidade de traçar um caminho para trabalhar com o termo pode esbarrar em algumas inconsistências localizadas, mas o trajeto se mostra satisfatório ao ser abarcado em um escopo mais amplo. Há algumas leituras possíveis a serem utilizadas por teóricos da psicanálise sobre o despertar, dentre as quais há leituras clínicas, leituras da dinâmica do psiquismo, outras que dizem respeito ao andamento da análise e etc.

Carolina Koretsky, uma psicanalista argentina, faz um trabalho de pesquisa em seu doutorado sobre o despertar em Freud e Lacan. Para a psicanalista há dois grandes momentos do despertar, ainda que haja subdivisões em modalidades nesses momentos.

Em um primeiro momento, Lacan e Freud estão relativamente alinhados (Koretsky, 2019). Trata-se de um despertar possível de ser alcançado. Assim, nessa primeira instância há modalidades que são apresentadas pela Carolina Koretsky (2019) como: (1) o despertar

relâmpago, que está relacionado à aparição do sujeito do inconsciente que se dá sempre de forma de instante fugaz e rápida; (2) o despertar como desidentificação da demanda do Outro, saindo do campo ilusório de uma completude; (3) o despertar e a angústia, relacionado à presença de um objeto causador de desejo, trazendo uma relação que há entre o despertar e traços de verdades e (4) o despertar e o trauma, apontando para as repetições que são vividas nos sonhos, e alavancando o despertar como uma espécie de elaboração do traumático. Nessa última modalidade é tomando como exemplo os sonhos de pessoas que estavam submetidas aos campos de concentração (Koretsky, 2019). Em todas essas modalidades, o despertar é tido como algo da ordem do possível. Porém, com o avanço da teoria lacaniana e a reformulação de alguns conceitos importantes, o despertar é tomado em um segundo momento como algo da ordem do impossível (Koretsky, 2019).

3.3.2 | *O impossível do despertar*

Foi apresentada uma leitura na qual se vislumbra camadas do despertar, que podem ser pensadas entre o possível e o impossível. Assim, convidamo-nos a pensar no que diz respeito a cada um desses campos. Ainda que Freud e Lacan estejam relativamente alinhados em um primeiro momento, Lacan se utiliza de conceitos próprios para fazer sua releitura psicanalítica. Dentre esses conceitos, o despertar teve intrínsecas relações com a noção de real, principalmente a dimensão de impossível desse registro.⁵³

A noção de real está presente e entrelaçada nas articulações do despertar a todo momento da obra lacaniana. Inclusive, o que marca a proposta de pensar o despertar em duas instâncias é justamente o fato de que a noção de real se atualiza e ganha novas possibilidades com o passar teórico. Conforme Lacan avança com a noção de real, há implicações na forma como ele postula sua leitura sobre o despertar. Assim, nesse outro momento há a proposta de tomar o despertar em sua instância real a partir da concepção de representação do impossível (Koretsky, 2019). Essa segunda dimensão do despertar não invalida a primeira. Muito pelo contrário, faz um par de oposição dialética necessária para o desenvolvimento do conceito.

No final dos anos 70, Lacan passa a pontuar o caráter impossível do real e do despertar da seguinte forma:

Lacan encerra a sessão inaugural de 15 de novembro de 1977 do seminário “Le moment de conclure”, intitulada “Une pratique de bavardage”, dizendo: “O importante é que a ciência é ela própria uma fantasia, e que a ideia de um despertar seja, propriamente falando, impensável.” No seminário de 19 de abril de 1977, Lacan afirma que “o despertar é o real

⁵³ Para mais detalhes sobre os conceitos de real, simbólico e imaginário, ler a referência (Faria, 2021).

sob seu aspecto de impossível, que só se escreve à força ou por força – é isso que chamamos de contranatureza”. No seminário subsequente, de 17 de maio de 1977, Lacan reforça essa ideia do impossível despertar e, questionando o porquê de não se introduzir “um novo significante que não tivesse nenhuma espécie de sentido”, responde que “nós permanecemos sempre colados ao sentido. (Jorge, 2010, p. 214)

A impossibilidade do despertar, em Lacan, se apresenta uma vez que o autor está mirando em um lugar que marca o despertar como representante da máxima desconstrução de sentido imaginário, e isso seria impossível (talvez apenas como ordem de efeito). Lacan aponta que separar-se por completo do sentido é impossível pois, para o autor, estamos sempre colados ao sentido. Como situar esse despertar lacaniano que pendula entre o possível e o impossível? Seria esse impossível uma compreensão literal, ou uma proposta lógica de pensar que não há como sustentar um lugar em que não haja a construção de sentido, tal como seria o despertar e a sua associação com o real, neste ponto? Mas ainda que haja essa consideração, há um ponto importante a ser levantado sobre a dialética lógica da construção do possível e do impossível.

Se o despertar for tomado como a extinção da construção imaginária de sentido, esse despertar está fadado ao fracasso, pois o imaginário não vai deixar de operar (e nem deve). Aí está a impossibilidade. Mas um ponto de leitura interessante é tomar essa compreensão através de uma dinâmica dialética: a dialética entre o possível e o impossível nessa mesma categoria, afinal, o ser falante também esbarra nessas mesmas expressões. Há algo do possível que é dito e vivido, mas também há algo do impossível que os atravessa e os constitui. Afinal, não é disso que se trata o sonho? Abrir um espaço e dar lugar possível ao impossível. Esse ponto será retomado.

3.3.3 | *Um despertar político*

A noção de despertar vem ganhando mais espaço dentro da discussão psicanalítica brasileira atual, e essa noção trabalha com um despertar de ordem política. Isso se dá pois essa noção que vem sendo trabalhada está dentro do escopo de pensar a onipolítica, tal como foi apresentada no capítulo anterior⁵⁴. Psicanalistas e pesquisadoras brasileiras, como Miriam Debieux Rosa, Rose Gurski e Cláudia Perrone estão localizadas exatamente em um dos centros desse debate. Mas anterior a essa noção de onipolítica, também há um caminho para pensar esse termo central deste capítulo.

⁵⁴ O despertar pensado por algumas autoras que compõem o campo de estudos da onipolítica está em um campo de articulação da psicanálise e o despertar em Walter Benjamin.

O psicanalista brasileiro Mario Antonio Coutinho Jorge também propõe uma leitura sobre o despertar em psicanálise, dedicando a esse tema capítulos em seus livros sobre os fundamentos da clínica psicanalítica. Nessa leitura, o autor apresenta que a noção de despertar está relacionada ao despertar de sentido (imaginário), e assim são apresentadas quatro dimensões sobre esse despertar de sentido: sonho, fantasia, delírio e ilusão (Jorge, 2010). Aqui o despertar aparece como uma questão importante no horizonte da teoria e da prática de escuta, sendo que esse despertar é algo interessante de ser almejado. Em ambos os casos (das pesquisas brasileiras citadas) há muitas aproximações e algumas diferenças na proposta de trabalhar com a noção de despertar. Dentre os pontos em comum, há que se destacar a importância e as articulações do despertar com o real.

Outro ponto em comum é o despertar enquanto uma separação, uma ruptura. Diferente do acordar, que fazemos para continuar fantasiando, o despertar não traz uma marca da continuidade e manutenção (ainda que haja uma interdependência), mas sim aponta para a urgência e emergência da separação (Rosa et al., 2021) ou de saída, e separação, de uma espécie de hipnose em relação ao desejo do Outro (Jorge, 2005). Assim, a separação começa a ser delineada de maneira mais evidente, pois para a psicanálise "o sujeito já está hipnotizado pelo desejo do Outro e seu objetivo é desipnotizá-lo, o que Lacan chamou de despertar" (Jorge, 2017, p. 11).

Em uma primeira investida sobre a problemática acima, a separação é sempre daquilo ao qual está junto, unido, unificado. A separação é em relação ao trajeto de saída de um certo transe no qual o sujeito está em relação ao Outro. É situado nesse campo dialético entre o possível e o impossível, um intrínseco ao outro, que pensa-se um despertar que seja político - que se apresenta como a alçada de um ir além da alienação estrutural (Rosa et al., 2021). Ou seja, ir além da construção narcísica e imaginária de sentido enquanto um discurso social que captura, que fecha e faz um. O despertar marca uma ruptura no efeito de dormência ao qual o sujeito está submetido, sendo refém do transe hipnótico do discurso do Outro. Isso pois esse termo pode ser lido frente ao processo de separação à submissão do sujeito diante do discurso do Outro que captura, adormece e hipnotiza.

Nascida do abandono da técnica da hipnose, a psicanálise é uma experiência que, ao contrário de hipnotizar o sujeito, visa revelar aquilo que já o hipnotiza desde sempre, desde sua própria constituição. A alienação, por ser um "fato mesmo do sujeito", segundo Lacan, ou seja, estruturante, nem por isso deixa de ser alienação. O despertar em jogo na análise indica, por sua vez, o caminho da separação. (Jorge, 2010, p. 205)

Aqui começamos a dar mais força para uma proposta de despertar: se separar de uma posição imaginária que marca um lugar alienado/fundido e abrir possibilidade de situar um encontro com real (Gurski & Perrone, 2021), ressaltando que essas movimentações dizem respeito às formas como o sujeito sustenta uma posição implicada de responsabilização e de incorporação dos elementos oníricos em vigília. Nessa constante movimentação estruturante de junção e separação, alienação e desalienação, acordar e despertar, é desejável se pautar por uma ética. Despertar é possível, mas uma possibilidade parcial e não um despertar completo. A separação de formas discursivas que são violentas e fazem laço se dá a partir de uma posição de implicação (que evidencia a noção de responsabilidade). Isso é trabalhoso. Isso exige uma implicação, não à toa, pois trata-se de sustentar essa posição (e não apenas de uma ação isolada e descolada).

Essa possibilidade de desipnotizar alguém parece uma tarefa um tanto quanto impossível. De fato é. Toda categoria (sonhar e despertar) é parcial, e talvez seja justamente por essa parcialidade que as experiências de dormir e despertar são, ambas, interrompidas. São findáveis. Por isso os sonhos e os elementos oníricos estão na base do despertar, afinal, o sonho é como uma bússola que, constituída por uma imagem e uma linguagem de indicação, também é atravessada por uma outra dimensão ao tentar apontar para o norte.

Os sonhos podem promover um acordar precoce, como vemos em casos de pesadelos. Mas será que os sonhos estão ligados a todo acordar, e não só aos que acontecem precocemente? Por mais difícil que seja responder a esta pergunta, tomaremos como íntima a relação que há entre o sonho, a fantasia, o acordar e o despertar. Assim, os sonhos estão na base do despertar, uma vez que essas categorias estão dialeticamente e intrinsecamente ligadas em uma relação análoga ao saber/verdade.

Se um conteúdo onírico pode ser o que convoca a presença em vigília, o que faz alguém acordar (e dialeticamente, despertar) é o sonho. Os sonhos de angústia (pesadelos) é o que motivou Freud e Lacan a pensar a função do acordar. E são eles, os pesadelos, que também motivam a pensar o despertar enquanto um tempo onírico - um operador de resistência e enfrentamento às violências sociais. O que seria esse sonho/pesadelo, em um despertar que se proponha a abarcar a dimensão política?

O pesadelo é o que pode promover um acordar - um despertar. E no campo político? É desse pesadelo (e da crueza que ele apresenta) que há posto uma dialética, sendo o pesadelo ele próprio o que pode promover um despertar, mas também do qual há uma urgência de separar-se. De um pesadelo político.

3.4 | O pesadelo à luz do dia

O que faz de um pesadelo um pesadelo? Essa palavra é muito interessante e vale a reflexão. Pesadelo é um sonho ruim? É a encenação dos medos? Pesadelo é quando aquilo que foi sonhado é pior do que a vida acordada? É o conjunto de sensações de estar em perigo? É a falta de vislumbrar um horizonte diferente daquilo que está sendo visto? Pesadelo é quando um sonho se torna traumático? É a realidade bruta ou uma fantasia envenenada? Para definir o que é um pesadelo é necessário o contraste com o sonho? Ou a vida em vigília? O pesadelo está restrito ao sono ou pode o pesadelo estar sendo vivido agora mesmo por muitas pessoas?

No princípio deste capítulo, acordar foi apresentado como um operador que visa a manutenção da continuidade da fantasia (acordar para continuar sonhando, em vigília). Com isso, acordar é permanecer colado em uma certa posição. Já o despertar foi apresentado como um outro operador: o da separação. Mas não se trata da separação pela separação. Não é um se separar a todo custo e se lançar em qualquer campo - assim como há uma dialética de interdependência entre esses campos, como já foi apresentado. Trata-se de uma separação, que neste caso seja orientada por uma ética - ainda que essa orientação ética não seja uma prerrogativa a todo despertar, é algo a ser cultivado quando se trata de um operador político. Sendo essa ética dos seres falantes, que pode ser escutada na expressão máxima da singularidade: nos sonhos. Pensar um despertar é também pensar o sonhar, afinal, se separar não é a finalidade do despertar, mas sim seu início.

É necessário se separar, inicialmente, para poder se (re)posicionar frente às questões que envolvem a constituição política do inconsciente e da singularidade. Assim, é nesse (re)posicionamento que o despertar mira. Na transformação. Ou seja, ainda que tomaremos o acordar como algo da ordem do defensivo imaginário do individual e o despertar como algo da ordem da modalidade discursiva de inserção no laço social, assumindo que esse último operador se sustenta em uma dialética do possível com o impossível - essa oposição produz um tensionamento dialético necessário à transformação. Em algum nível, é necessário acordar para despertar, uma vez que a continuidade da fantasia na sua passagem de sonho para vigília pode carregar um potencial de despertar. Ainda que essa distinção de termos seja porosa, em alguns aspectos, é necessário fazê-la a fim de tomar o despertar como uma categoria política.

Aqui há o retorno de uma questão feita anteriormente: Se separar do que? Agora já é possível acrescentar mais uma interrogação à mesma pergunta: transformar o quê?

Ao acordar, que mundo vemos? E se partirmos da premissa de que o pesadelo não é vivido enquanto dorme, mas sim ao abrir os olhos pela manhã? E se o pesadelo não estiver dentro, mas sim fora? E se esse dentro e fora for mais poroso do que se supõe inicialmente? Somado às questões já trabalhadas, a noção de acordar/despertar no senso comum também está muito associada com a vigília. Não é incomum as construções de frases que apontem para isso, tais como “acordou para a realidade”, “despertou para a vida” ou até mesmo a respeito do uso que a extrema direita brasileira fez desses significantes ao apontar “o gigante acordou”. O problema dessas frases é que coloca essas categorias associadas a uma certa noção fixa de verdade, como se ter acordado para a vida significasse que agora sim o sujeito vive o mundo real (alimentando uma falsa dicotomia como se os sonhos fossem irreais, ou menos importantes). Mas para fins de efeitos culturais, essas frases podem ser lidas de uma maneira mais atenta e cuidadosa, uma vez que aponta justamente para as aproximações entre o acordar/despertar (como sinônimo de estar em vigília) com a realidade e seus problemas.

Pensar a singularidade (a costura da individualidade faltante com o campo do social - histórico, político e cultural) é articular como a composição dos elementos estão em jogo nas organizações comunitárias. Muitos são os conceitos aplicados pelas diversas teorias para tentar dizer sobre essa estruturação social. Em psicanálise, uma das noções mais utilizadas é a de mal-estar na civilização, ou apenas mal-estar.

A discussão apresentada por Freud (1930/2011) a respeito da ética do desejo frente ao campo da sociedade e ao campo cultural - desaguando diante dos impasses do que é viver em civilização, pode servir de base teórica e inspiração para trabalharmos com uma leitura a respeito dos seres em sociedade, na qual há uma troca de posições: o pesadelo não está dentro (como um evento privado), mas sim fora e atravessando os sujeitos (como um evento coletivo). Para Freud (1930/2011), o mal-estar é a expressão de que a falta é estruturante nos sujeitos a partir das organizações sociais, e está posta para todos. Porém, é diante desse mal-estar e da tentativa de driblá-lo que muitos insistem em crer que é possível uma completude. Que é possível não abdicar em nada dos desejos. Ainda que a saída desse mal-estar possa também diferir em respostas singulares, a violência e a tentativa de dominação e sobreposição de poder se apresenta como um dos sintomas do mal-estar, que está posto em maior ou menor grau para alguns grupos.

A questão é que diante desse mal-estar, que se atualiza e se historiciza em cada contexto cultural, há a produção de sofrimento. Podemos pensar o sofrimento em duas instâncias. A primeira é inerente ao ser, que é da ordem da incompletude. Esse sofrimento legítimo não cessa e é produto do próprio encontro com o outro (que é um outro ser, com

outros conflitos, ou que deu arranjos e saídas diferentes para conflitos comuns). Viver em sociedade é lidar com a produção dessa ordem de sofrimento. O problema é quando o mal-estar se faz presente de outra forma - quando se produz sofrimento de outra ordem.

No campo do mal-estar, alguns discursos violentos que são produzidos se calcam em uma lógica de dominação e uso de poder através de políticas racista, capacitista, discriminatória tanto em gênero quanto em sexualidade, dentre outras questões. É nesse campo que “psicanálise e política explicitam a articulação do sujeito com o gozo, o desejo, o saber e a verdade, nos laços sociais” (Rosa, 2018, p. 23). Laços sociais esses que, em seu uso político de manutenção de poder, são feitos na base do ódio e do desrespeito às diferenças. A violência se apresenta enquanto uma das facetas e um dos sintomas do mal-estar e evidencia que há uma relação de poder que atravessa essas questões. Aí estão os excessos de um gozo mortificante.

Aquilo que já era da ordem do conflito passa a se tornar da ordem da sobrevivência e do insustentável, pois há não só a produção de discursos que orientam uma política de extermínio de determinadas populações, como uma política compulsória e operante orientada sob esses discursos. A filosofia de que há um mal a ser combatido é um discurso muito utilizado para legitimar guerras e violações de direitos, afinal, há um mercado de interesse da indústria bélica. A gestão sobre o viver e o morrer passa a ser de interesse do mercado.

Portanto, para nos referirmos aos conflitos dessa ordem: embate do desejo com o social, da política de morte com as formas de sobrevivência, do 24/7, do uso da violência como forma de exercer poder e dominação sobre povos e corpos, não usaremos o termo mal-estar, mas sim um termo que esteja inserido no campo dessa pesquisa, dos sonhos. Será usado o termo pesadelo. Pesadelo social. Afinal, o despertar é um despertar que diz de um pesadelo social. Veremos.

3.4.1 | *A hora do pesadelo social*

Um dos principais nomes da atualidade em pesquisa no campo político, o filósofo e historiador Achille Mbembe dedica seu trabalho a pensar esse *modus operandi* no qual a violência e a morte são dispostas como ferramenta de poder de Estado que cria uma noção ficcional de inimigo para colocar em curso uma verdadeira máquina de guerra. O autor toma como base que a concepção foucaultiana de biopolítica é insuficiente para pensar as formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte (Mbembe, 2016). Assim, propõe o termo *necropolítica*, que faz justamente essa articulação de como há uma projeto de operacionalização de práticas de guerra contra determinadas populações, o que faz com que

para alguns a morte seja planejada politicamente (Mbembe, 2016). A necropolítica aponta que não é só a tentativa de controle sobre a vida e os corpos que estão em jogo, mas também de controle da morte. Para o autor, a herança e a continuidade da lógica colonial é um dos pilares que sustenta essa prática.

A necropolítica é definida por Mbembe (2016) como um biopoder que dita quem pode viver e quem deve morrer para a manutenção de um sistema desigual de privilégios, qual são os corpos eleitos para a morte e como essa gestão de corpos e de suas mortes acaba por se tornar parte da política de Estado, de seus dispositivos e até mesmo das práticas de sua polícia. (Imbrizi, Gomes & Binkowski, 2022, p. 40)

A pesquisadora e filósofa Judith Butler, também conhecida por estudos de gênero, faz uma série de produções a respeito das questões que envolvem uma política em torno da morte e do morrer. Ao fazer a sua denúncia sobre a produção compulsória de guerras e da precariedade do valor da vida (umas mais do que outras), a autora também aponta para o luto como outra instância fundamental desse cenário de violência.

Proponho considerar uma dimensão da vida política que tem a ver com a nossa exposição à violência e nossa cumplicidade para com ela, com nossa vulnerabilidade à perda e ao trabalho de luto, que se segue, e com a busca de uma base para a comunidade em tais contradições. (Butler, 2019, p. 39)

A articulação entre esses dois pensadores é completamente possível. Cavalcanti, Barbosa & Bicalho (2018) apontam para uma relação que há entre a necropolítica e a violência em operações policiais contra as travestis no Brasil pós-redemocratização. Além de trazer referência à argumentação em curso, ao apresentar esses últimos pensadores a proposta não é esgotar as provocações que são feitas por eles (isso seria impossível, dado a importância e complexidade da obra de ambos), mas sim provocar quem lê essa pesquisa a lê-los, pois essas noções ajudam a compor o que está sendo chamado de pesadelo social.

O pesadelo social se estrutura na manutenção do *status quo* através da perpetuação da morte, da violência e da tentativa de envenenar qualquer possibilidade de sonhar que proponha um futuro diferente. Para a manutenção do poder, se faz valer de velhas estruturas históricas e sociais, tais como: o patriarcado, a desigualdade social e a diferença de classes sociais, a homofobia, transfobia, machismo, capacitismo e racismo. Ou toda e qualquer forma de discriminação que justifique uma guerra a esses corpos e populações.

Segundo o Atlas da violência (2020), há grupos que mais sofrem com a violência e a política de extermínio no Brasil. E esses grupos são a população negra, a população LGBTQIA+ e as mulheres. O pesadelo social se estrutura no racismo e no sexismo, afinal, a

própria sociedade brasileira está pautada nesses termos, assim como aponta Lélia Gonzalez (2020) e também Almeida (2018).

O racismo é uma forma de discriminação que leva em conta a raça como fundamento das práticas que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, dependendo do grupo racial ao qual pertençam. O racismo, que se materializa como discriminação racial, caracteriza-se pelo seu caráter sistêmico e, desse modo, não pode ser definido por um ato ou conjunto de atos, mas como um processo em que as condições de subalternidade de um grupo racial e, por outro lado, de privilégios de outro, encontram condições de reprodução nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. (Almeida, 2018, p. 82)

Esse é o cenário do pesadelo social: uma política de exercício de poder através da violência institucionalizada, fundante e estruturante da sociedade brasileira. Uma forma de funcionar que traz o pesadelo à plena luz do dia.

Qual o impacto disso nas subjetividades? Qual o impacto disso na produção de sofrimento? Estamos diante de um sofrimento de dimensão sociopolítica (Rosa, 2018). E o que pode o sonho e o despertar frente ao pesadelo social?

Defendemos aqui que os mínimos fragmentos de sonhos, como lembranças remotas da experiência onírica, refletem as relações de poder que oprimem o sujeito e podem funcionar como acontecimentos que provocam nele estranhamentos e reflexão. Essa reflexão e esse espelhamento das relações de poder podem nos ajudar na elaboração de estratégias que possibilitem barrar o avanço da violência, representada em nosso país pelas forças que cimentam os valores e normas da extrema direita que atualmente ocupa os espaços instituídos de poder. (Imbrizi, 2019, p. 47)

Pode, então, a oniropolítica (apresentada no capítulo anterior) fazer uma frente de resistência à necropolítica e ao pesadelo social? A argumentação seguirá com seus desdobramentos para que a resposta seja apresentada no capítulo seguinte desta dissertação.

3.5 | O despertar como um operador em face ao pesadelo social e à dimensão sociopolítica do sofrimento

Miriam Debieux Rosa (2018) publicou “*A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*”, um livro que é fruto de seu trabalho de livre-docência. Esse material se mostra de extrema riqueza para aqueles que querem se ocupar de pensar as questões que envolvem a *pólis* - as construções políticas, sociais, históricas e individuais das singularidades, bem como questões relacionadas ao sofrimento psíquico. Se a proposta inicial de um despertar é a separação, há que ser dito/falado/narrado do que se separa.

Rosa (2018) aponta que “entendemos que o discurso social atual e ocidental visa impor-se como um discurso hegemônico, referido à lei do mercado, aparentando consistência e a-historicidade que obscurecem seus interesses na manutenção sociopolítica” (p. 23). A separação, da qual interessa o despertar, é em relação a um discurso de poder com uma lógica de colonizador que incide em corpos, culturas e subjetividades com uma tentativa de aniquilação das diferenças visando uma tentativa de homogeneização social que se faz operar, mais tradicionalmente, com a violência, visto que “a face mais visível do conflito político-cultural são as cenas de violência” (p. 25).

Esse é o mundo no qual muitas pessoas encontram ao abrir os olhos: violência. Para grande parte da população brasileira, o pesadelo se vive acordado.

O cerne da subversão psicanalítica está em não desenraizar o sujeito de seu tempo. Nesse sentido, abordamos a violência a partir dos discursos a que são expostos os sujeitos do capitalismo avançado que indicam um modo de laço em que o sujeito vê-se convocado violentamente ao gozo, seja sob a forma de consumo e lucro, seja na de sofrimento. (Rosa, 2018, p. 25)

A dimensão sociopolítica do sofrimento é sempre singular. Isso implica dizer que, além de individual, ele é histórico, político e cultural. O sofrimento é estrutural quando se pensa o (des)encontro com a alteridade, mas não é, por si só, violento. A violência é uma produção sintomática e política de uma tentativa de manutenção de poder que faz laço através de um discurso de subjugação de alguns grupos. É em face a essa dimensão do sofrimento (sociopolítico) que algumas populações se encontram, e não apenas em dimensão do sofrimento inerente ao encontro com o outro.

Assim, Rosa (2018) aponta para o trabalho com alguns grupos e constrói uma possibilidade de escuta na qual o próprio sofrimento faz denúncias de como operam alguns discursos no mal-estar brasileiro contemporâneo (o pesadelo social). Pautando no trabalho de escuta daqueles que estão em uma condição de migração forçada e também de adolescentes que cometeram atos infracionais, escuta-se os atravessamentos que compõem a construção do sofrimento. Abrindo possibilidade para que, através da escuta, algo possa ser identificado, responsabilizado e descolado com fins de transformação - tal qual é a forma como a pesquisa apresenta o despertar.

A pergunta que acompanhou esse capítulo retorna, pela última vez: separa-se do que? Agora sim é possível dizer. O rompimento é com a manutenção do poder que encarna em formas discursivas de fazer laço, se pautando na violência como ordenamento de uma construção hegemônica de um grupo sobre outro. Descolar-se de discursos que tentam fazer

laço através da invalidação científica e tentando criar uma narrativa de disseminação de mentiras para fins políticos - de manutenção política dessa violência planejada, compulsória e sintomática de uma sociedade que carrega uma herança patriarcal, racista, classista, misógina, capacitista. É um despertar do pesadelo social.

É fundamental escutar e incidir na separação entre o enredamento da alienação estrutural ao discurso como linguagem e as artimanhas do poder. Esse enredamento nos processos de constituição e de destituição do sujeito pode ser elucidado pela via da historicização dos laços sociais em dados grupos sociais, o que se dá pelo resgate da memória na e pela experiência compartilhada, com o que a psicanálise contribui. (Rosa, 2018, p. 28)

Assim, se o despertar se inicia com uma separação, é dessa forma mortífera de fazer laço que deve-se separar. Afinal, para aqueles que desejam se inserir nesse campo de trabalho, deve-se estar situado nas questões de seu tempo; nas formas de produções de relações e de ordenação do mal-estar contemporâneo (o qual nesta pesquisa foi lido como um pesadelo).

Um caminho possível é, através das intervenções e interpretações, apontar para a possibilidade de existência da singularidade. Isso de tal forma que não se tolere a violência. Que essa forma sintomática seja elaborada em outro campo, que não em política de ação. Pensar a escuta dessas questões, que por si só já se constitui como uma intervenção no campo social, é se pautar em uma proposta de implicação. É necessário estar implicado. Por isso, Rosa (2018) se utiliza do termo psicanálise implicada para pensar o sofrimento em face da dimensão sociopolítica.

A problematização da articulação entre sujeito e enlaçamento social lança-nos na perspectiva da psicanálise implicada, aquela em que as teorizações sobre desejo e gozo incluem o modo como os sujeitos são capturados e enredados na máquina do poder, de modo que algumas vezes tenha suspenso seu lugar discursivo. (Rosa, 2018, p. 28)

O termo implicado é importante pois não deixa esquecer que é um processo contínuo e aponta que, para depois do rompimento do discurso que se utiliza da violência, há um outro trabalho. Despertar, enquanto uma categoria política, caminha com a proposta de se separar do contorno pré-estabelecido e buscar novos rumos, ainda que desconhecidos, para si. Abrindo, assim, espaço para construção de um campo onde os laços sociais não são edificados em posições narcísicas, imaginárias e simbólicas que se utilizam da violência, mas sim a partir da autorização que é dada à singularidade, a cada traço e diferença. Que essas tenham espaço de circular sem se tornar um alvo de perseguição e discursos de ódio. A proposta de despertar que essa pesquisa apresenta está alinhada com a noção de implicação dos sujeitos

frente ao laço social, evidenciando que essa implicação é uma posição que sustenta a possibilidade de responsabilização, tal como aparece em Rosa (2018).

O despertar visa, depois da separação, uma transformação. A construção de um novo horizonte. Uma outra forma de se pensar no laço social. Uma forma implicada e que tenha espaço para os sonhos, bem como seus atravessamentos e diálogos com o impossível.

3.6 | Um horizonte pintado com futuros sonhados

Ailton Krenak, um dos grandes pensadores contemporâneos, é ativista de movimentos socioambientais e dos povos indígenas. Sua luta e trabalho versam sobre os rumos e princípios que norteiam a caminhada humana em direção ao abismo - uma vez exposto o desastre socioambiental no qual o planeta está imerso. Um de seus argumentos principais está em pensar como a noção de humanidade foi construída de tal forma que deu origem a uma divisão entre humanidade civilizatória em oposição à natureza, e toma um como dominante e superior ao outro. Essa noção de humanidade, para o autor, está na base de muitas das escolhas erradas que são feitas na civilização, afinal, há povos que têm seus saberes e práticas invalidados por supostamente não se aproximarem dessa humanização inventada. O que, inclusive, embasa decisões que envolvem o uso de violência tanto contra humanos, quanto contra a própria natureza (Krenak, 2020a).

O que aprendi ao longo dessas décadas é que todos precisam despertar, porque, se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura ou da extinção dos sentidos das nossas vidas, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda. (Krenak, 2020a, p. 45)

Para o autor, a civilização caminha para o seu fim a passos largos e devastadores. Ainda que diante desse cenário desértico, existem formas de pensar a resistência. Ou melhor, como diz a própria citação acima, pensar um despertar. Ailton Krenak fala em “*Ideias para adiar o fim do mundo*” (2020) sobre o abismo para o qual a humanidade caminhou, sendo que diante deste abismo já estamos caindo. Em queda. Queda essa que já aconteceu diversas vezes na história e acontece em diversos lugares do mundo. Diante dessa cena, propõe que “talvez o que a gente tenha de fazer é descobrir um paraquedas. Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos (Krenak, 2020a, p. 63). Essa noção resgata um pouco a dialética entre o possível e o impossível do despertar, e o

quanto avançar frente a essa contradição é criar um espaço para o impossível. Ou seja, aceitar a queda. Ela está acontecendo. Sente-se isso todos os dias. Só assim é possível abrir os tais paraquedas.

O que pode ser um paraquedas? Ailton Krenak ao longo dos seus textos e falas aponta para alguns: diz que os poemas de Carlos Drummond de Andrade lhe servem como um. Cabe aí ao sujeito inventar. Tais paraquedas vem de uma instância da intimidade e pode ser possível ter o seu acesso nos sonhos:

De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho. Não o sonho comumente referenciado de quando se está cochilando ou que a gente banaliza “estou sonhando com o meu próximo emprego, com o próximo carro”, mas que é uma experiência transcendente na qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada. (Krenak, 2020a, p. 66)

Um dos pontos interessantes da concepção de Krenak sobre os sonhos, como uma forma de adiar o fim do mundo, é justamente que ele aponta a necessidade de uma iniciação na tradição de sonhar. Assim como a dança, uma meditação, uma prática ou conteúdo, o sonho precisa ser acompanhado dessa instituição para seguir como horizonte (Krenak, 2020a). Ou seja, não basta sonhar por sonhar. É necessário uma escuta, um interesse, uma aposta de que ali há algo a ser transmitido - ainda que não seja evidente em seu conteúdo manifesto. Com isso, aponta que “o tipo de sonho a que eu me refiro é uma instituição. Uma instituição que admite sonhadores. Onde as pessoas aprendem diferentes linguagens, se apropriam de recursos para dar conta de si e do seu entorno. (Krenak, 2020b, p. 34).

Assim, o horizonte se configura como a possibilidade de suspender a queda do céu e entrar em harmonia com a natureza, saindo da lógica de produção e consumo e abrindo espaço para as produções e manifestações de subjetividades e diferenças. É a proposta de entrar em outro ritmo. Em outro tempo.

Somado à esteira de quem aposta nos sonhos como uma tinta sobre a tela do futuro, Sidarta Ribeiro (2022) escreve “*Sonho manifesto: dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico*”. Neste livro, o autor aponta para os pressupostos de contradição na tradição humana que, ao mesmo tempo que produz violência, também produz cuidado. Para o neurocientista, “a enorme capacidade humana de proteger os ‘de dentro’ e combater os ‘de fora’ fez de nós uma espécie híbrida de amor e horror” (Ribeiro, 2022, p. 22). Neste trabalho é sustentada a hipótese de que há nos sonhos um saber que pode e deve ser orientador para a construção de um novo horizonte.

O percurso pelo qual aponta Ribeiro (2022) é estruturado em dez passos. Sendo eles: (1) perceber a oportunidade de mudar; (2) compreender a urgência do momento; (3) curar nossa pior ancestralidade; (4) honrar nossa melhor ancestralidade; (5) assumir nosso lugar no universo; (6) sonhar o futuro da vida; (7) buscar plenitude da mente incorporada; (8) construir o caminho; (9) aprender a aprender e, por fim, (10) sair do labirinto.

Além da boa capacidade em costurar elementos que ressaltam a importância das tradições ancestrais e alinhá-las ao mais atualizado possível conhecimento tecnológico das ciências, o livro aponta com precisão para a dualidade ao qual a humanidade está submetida historicamente, porém, com uma certa urgência para a atualidade. Sidarta Ribeiro aponta que atualmente há uma quantidade de produção de alimentos e recursos materiais que seriam o bastante para sanar as desigualdades mundiais - principalmente em relação à fome. Porém, o acúmulo de riquezas materiais em poucas pessoas e má gestão desses recursos, juntamente com uma falta de políticas de distribuição de renda, terras e alimentos só contribuem para a manutenção da desigualdade.

Aqui está um ponto interessante: a tensão da dualidade do ser. Tensão essa que permeia este livro inteiro. Ao mesmo tempo que a violência se apresenta constantemente na história da humanidade se ancorando em racismo, machismo, homofobia, capacitismo, psicofobia, dentre outras questões, há também uma vasta produção e avanços de denúncias dessas opressões e articulações para mudá-las. Não à toa, um dos passos propostos por Ribeiro (2022) é curar nossa pior ancestralidade, ou seja, aquela que propaga violências e a construção de um inimigo. Aquela velha e longa disputa de terras, ainda que em organizações menores e antigas. A subserviência de trabalhadores explorados e escravizados por posições sociais mais privilegiadas.

Honrar a nossa melhor ancestralidade é buscar na história as saídas que foram encontradas em momentos de horror puro. É se reapropriar de instrumentos de simbolização e luta para o enfrentamento da situação atual. É buscar sabedoria e estratégias de sobrevivência. Com isso, o autor traz alguns elementos de resistência de escravizados vindos da África que estavam no Brasil. A capacidade de subverter a lógica da violência a partir da criação de elementos que permitam uma simbolização - tal como a arte, em forma de música e capoeira:

Decerto precisavam dar vazão a frustrações, afirmar identidades e liberar corpos e mentes. Precisavam também se preparar para a violência e, sobretudo, se esquivar dela, pois quem foi escravizado já não pode arriscar perder mais nada. Dessa necessidade de reduzir e ao mesmo tempo demarcar a tensão social, surgiu uma luta letal, mas sutil, marcada pelo revezamento de dominância e pela capacidade de simbolizar, camuflar e metaforizar a violência. Para sobreviver ao desenraizamento, nossos ancestrais africanos inventaram um

jogo em que a violência vira brincadeira e tem seu poder destrutivo sublimado em beleza, virtuosismo, malandragem e graça... até o dia ou a noite em que seja necessário usá-las para defender a vida. (Ribeiro, 2022, p. 58)

Outro elemento destacado e de suma importância é a música e a musicalidade. Também se referindo ao período de escravização de africanos no continente americano, Sidarta Ribeiro faz um paralelo sobre a construção da música e ritmos, como a dança, como forma de simbolizar e resistir. Ainda que nos Estados Unidos da América (EUA) houvesse uma política de tolerância zero com a criação de instrumentos ou manifestações dos que estavam submetidos a essa horripilante vivência, sempre havia uma brecha. Um sapateado. Uma musicalidade com o corpo e com a própria voz (Ribeiro, 2022).

Mas, dentre as capacidades ancestrais de resistência, esse trabalho visa uma em específico - o sonho. Mas aqui há um elemento-chave: a capacidade de buscar nos sonhos saídas deste labirinto violento requer uma aposta implicada. Requer que haja a intenção e a aposta de que há ali nos sonhos elementos de uma memória individual e coletiva que, se compartilhada, pode possibilitar uma transformação. Um despertar. Para que o sonho possa se fazer valer da porosidade da vigília e do dormir, há que ser recuperada a importância desse. O sonho, quando interpretado aos moldes colocados no capítulo dois, pode produzir um efeito de abertura de sentido, tentando operar como uma bússola. E com isso, pode abrir espaço para o impossível. Pode abrir espaço para um despertar.

3.7 | Tempo de despertar

No *capítulo um* foi apresentado uma lógica política do capital que opera na construção de subjetividades que são marcadas pela presença massiva de um tempo sem tempo, através de um excesso de presença, de produtividade e de exploração e acentuação de desigualdades sociais (em gênero, sexualidade, questões étnico-raciais, capacitismo, dentre outros). Vimos no *capítulo dois* o pressuposto de que o inconsciente é político - tomando o sonho como uma materialidade da expressão da tentativa de elaboração desses conflitos. Agora, no capítulo três, estamos diante de uma questão ética.

Esse é um capítulo que tece sobre os percalços do despertar e a importância dessa noção para pensar a singularidade e os tempos oníricos como operadores de resistência e enfrentamento frente ao pesadelo social, uma vez que os sonhos são tomados como bússolas da tentativa alucinatória de elaboração da existência humana (em suas múltiplas facetas).

Durante este capítulo, foram apresentadas algumas possibilidades de leitura a respeito do que seria não O despertar, mas sim um despertar.

Em um primeiro momento, é marcada uma diferença e a dialética que há desse conceito central para esse capítulo em relação à noção de acordar - uma vez que essa última se apresenta como uma função de manutenção individual da fantasia neurótica, na qual o sujeito está fechado em si (ainda que atravessamentos da sua fantasia também sejam frutos da sua relação com o social). Assim, o despertar se apresenta inicialmente como possibilidade de separação da lógica política de manutenção do poder que faz laço através de discursos que mantém uma lógica de violência, e se consolida como a travessia, a transformação e um reposicionamento frente às demandas sociais. Sendo o sonho a bússola que orienta esse reposicionamento, pautado na ética do desejo, da singularidade e da coletividade - visto que os próprios sonhos são constituídos socialmente.

As dimensões públicas e coletivas dessa prática, que se traduzem de modos diferentes em cada caso, supõem uma elaboração coletiva do trauma, na qual há condições de, por meio da recuperação da história social e política, explicitar as distorções ou omissões dos interesses e poderes em jogo. Dessa forma processam-se alterações do campo imaginário/simbólico, social e político em que o sujeito se situa em uma história, reconstituindo o campo ficcional. A perda rejeitada do simbólico reaparece no real. (Rosa, 2018, p. 192)

Se por um lado o deslocamento do discurso colonizador e alienante é possível e material, na medida que sonhamos e projetamos um cenário não submetidos a essas condições; por outro há sempre um resto, um impossível de ser simbolizado e elaborado, pois a própria existência humana é pautada em uma experiência de real de não sentido, de não capturável pela linguagem. Mas estar situado na contradição não significa se render a ela. É possível superar essa contradição a partir da perspectiva em que constrói um caminho que tem espaço para o impossível. Despertar é um reposicionamento frente às contradições referente às formas discursivas de fazer laço, algo que tem íntima relação com um processo dialético entre possível e o impossível, para se lançar em novas contradições (menos violentas).

Ou seja, despertar é um tempo no qual se descola de um discurso mortífero e violento, no qual se abre espaço para o possível e o impossível de existir. Assim, se pautando pela experiência que haja uma construção de efeito de abertura de sentido, tendo o real como norte. Despertar é dar espaço para o impossível, sendo o sonho uma das formas de expressão que se articula com esse impossível. A cada sonho são novas regras, é um novo universo, é a possibilidade ilimitada de cruzamento de eventos, pessoas, lugares, afetos e tempo que jamais poderiam ser vividos. O sonho possibilita esse encontro com o impossível e despertar é dar

espaço para essa experiência exatamente da maneira como ela é - mesmo que sem sentido. O sonho é uma narrativa que dá lugar para o impossível. Despertar é a escuta desse impossível para a transformação do coletivo. Afinal, “os sonhos de cada sonhador são capazes de nos dar pistas para que possamos confluir em um devir coletivo” (Rosa et. al., 2021, p. 229)

Despertar é um tempo no qual, através de uma implicação costurada aos elementos oníricos em vigília, é possível se deslocar de uma certa compactuação de formas violentas discursivas que fazem faço. Isso porque o despertar marca o que há de mais radical na construção coletiva dessa nova posição - a travessia da lógica individual do sujeito para um mais-além da construção narcísica de sentido fechado e imaginário. E com isso, abre margem para o real; redistribuindo a operação dos registros ao dar espaço para o real.

Assim, a noção de despertar pressupõe que há uma implicação do sujeito, de uma retificação subjetiva em uma experiência que foi vivida em sonhos para a construção de um futuro (pautado no sonho). Alinhado com uma proposta de pensar que o (re)posicionamento frente às questões políticas do poder está pautado sobre a responsabilização e implicação. É nesse ponto que é possível pensar uma psicanálise implicada (Rosa, 2018), a partir da escuta da construção do sofrimento em face à dimensão sociopolítica.

Despertar, enquanto um tempo onírico, é sustentar uma interpretação frente aos sonhos que não aponte somente ao sentido imaginário. É descolar o texto sonhado do alfabeto de interpretações já conhecido e se pautar na estrutura do sonho, e não apenas em seu conteúdo. Se pautar também nas propriedades apresentadas no capítulo dois desta pesquisa, nas quais é possível escutar o que há de estrutural na forma como a cena sonhada foi montada. Assim, suspende-se a exclusividade do conteúdo em si (aquele que nos leva à biografia do sonhador), e foca-se na forma como os elementos foram dispostos para que ali seja possível um equívoco interpretativo da ordem do real.

Abrir espaço para o sonho se apresentar como um dizer do passado, do presente, do futuro e do não-sentido - fora de uma associação livre que busque tapar os buracos do sonho, mas sim deixá-lo em aberto sem interpretações fechadas para que ele possa se dizer por si (apontando apenas para a perspectiva de apresentação dos elementos). Isso aponta para sair do campo no qual apenas se tem acesso ao sonho de maneira individual e privada. Despertar é se separar, atravessar e se (re)posicionar nos discursos abrindo espaço para que outra coisa possa circular. Para que o sonho, em seu caráter de ser um dizer, possa ecoar, reverberar, retornar ou apenas caminhar. Assim, para que algo possa ser transmitido. Narrado. Compartilhado. O impossível pode ser capturado pela narrativa justamente pela porosidade que há tanto em um, quanto no outro - sem a necessidade de preenchimento.

Porém, uma ressalva há de ser feita. A proposta de leitura dos tempos só é possível pois há uma circulação entre eles. Nenhum é o fim em si, mas sim a circulação e amarração entre eles. Ou seja, despertar não é O tempo - A intenção final, mas sim um tempo. Afinal, há um impossível em jogo, e um excesso de separação e transformação (principalmente individualizada), sem um tempo de dormir, compartilhar e sonhar, pode ser extremamente prejudicial à saúde mental e desenvolver intensos quadros de mania e desamparo diante da constatação que ainda se está no deserto e que o pesadelo ainda é vivido.

Se o sonambulismo é marcado por uma transição, ainda dormindo, o sonambulismo social é a marca de quem acorda e circula, mas não desperta. Ainda preso nas ilusões, o sonâmbulo é quem não se implica na forma como os laços sociais são constituídos na sociedade. Uma das formas de ler o pesadelo pode ser pelo excesso de realidade. Sendo assim, o despertar pode se apresentar como uma forma de se descolar dessa repetição (o que é vivido em vigília ser vivido em sonho) e tomando o material onírico como potência de construção de um futuro.

Assim, esse capítulo trata de dar lugar para o impossível dos sonhos (sem a necessidade de preenchê-los), e abrir espaço para que possa ser construída uma narrativa de futuro compartilhado.

4 | Tempo de Compartilhar

Introdução ao campo da partilha

Neste capítulo que fecha a dissertação, será trabalhada a importância e a potência que há no compartilhamento de histórias e narrativas - principalmente as narrativas oníricas, tendo como objetivo pensar o compartilhamento dessas narrativas como um dispositivo possível de circular dentro do campo de atuação da Saúde Mental e da Psicologia Social. Começando pela problemática de uma história única, que corrobora para a cristalização de povos e subjetividades de maneira a criar uma concepção abjeta para esses, de modo a apontar que há uma estrutura de poder sobre como são construídas as narrativas. Assim, se pôr a narrar algo de si, do seu entorno, é uma forma de resistir a tentativa de objetificação e unificação da complexidade humana e cultural.

Em um segundo momento do capítulo, serão abordados os trabalhos já existentes de compartilhamento de sonhos, e como eles estão calcados em princípios que interessam a esta pesquisa. Assim, serão destacados elementos em comum para pensar a possibilidade de construção de um espaço de afeto na qual as narrativas possam circular e produzir um feito de associação coletiva e compartilhada - trabalhando a relação que há entre os sonhos e o campo da Saúde Mental. Com isso, abrimos espaço para o terceiro ponto do capítulo: a elaboração compartilhada.

Em última instância, esse capítulo propõe fincar a importância de um campo de troca de significantes e narrativas a partir dos sonhos como uma aposta de que é possível uma saída coletiva do pesadelo à luz do dia, incorporando elementos do despertar. Com isso, a discussão adentra-se no tempo onírico de compartilhar, no qual os elementos que estão em jogo circulam na possibilidade de construção de um laço social a partir dos sonhos, tendo em seu horizonte a construção coletiva e compartilhada de uma elaboração de eventos sociais, históricos e políticos. Compartilhar sonhos é usá-los como um fio no tecido de amarração comunitária.

4.1 | O perigo de uma narrativa única

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie aborda em um TedTalks de 2009, que posteriormente foi publicado em formato de livro, os perigos de uma história única. O

ponto central é pautar que “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (Adichie, 2019, p. 26). A autora habilidosamente entrelaça sua vivência pessoal com referências de cunho histórico e cultural, que assim fundamentam seu pensamento. Sua argumentação vai desde o período de sua própria infância, tomando como exemplo as referências literárias que lia, que tinham personagens e cenários unicamente estrangeiras (brancas de olhos azuis em cenários com neve), passando por sua vivência na graduação nos Estados Unidos da América (EUA), quando era tomada em um lugar único por vir de um país e continente marcado - nas histórias únicas - apenas pela catástrofe e pela miséria.

O princípio de seu argumento é apontar que, ao contar uma história única sobre um povo, uma cultura ou um lugar, há uma redução sobre as possibilidades de compreensão dessas instâncias. Nas palavras da própria autora: “mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (Adichie, 2019, p. 22). A história única extrai a humanidade e a complexidade de um povo e de seus indivíduos. Assim, se torna imprescindível a articulação que há entre a construção de uma história única e o poder. Chimamanda diz que “o poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva” (Adichie, 2019, p. 23). A história única limita e atinge a todos que estão dentro dessa estrutura de poder.

Há uma passagem, em sua fala, que Chimamanda aponta que estava submersa em uma cobertura midiática sobre a imigração nos EUA. O relato expõe a dialética que há em relação às posições nos discursos da história única:

Mas preciso acrescentar depressa que sou tão culpada quanto essas pessoas na questão da história única. Alguns anos atrás fui visitar o México. Na época, o clima político nos Estados Unidos, de onde eu vinha, estava tenso, e debatia-se muito a imigração. Como costuma acontecer nos Estados Unidos, imigração vinha se tornando sinônimo de mexicanos. Havia histórias infundáveis sobre pessoas que fraudavam o sistema de saúde, passavam clandestinamente pela fronteira ou eram presas ali, esse tipo de coisa. Eu me lembro de sair para passear no meu primeiro dia em Guadalajara e ver pessoas indo para o trabalho, fazendo tortilhas no mercado, fumando, rindo. Primeiro senti uma leve surpresa, e então fui tomada pela vergonha. Percebi que tinha estado mergulhada na cobertura da mídia sobre os mexicanos que eles haviam se tornado uma só coisa na minha mente: o imigrante abjeto. Eu tinha acreditado na história única dos mexicanos e fiquei morrendo de vergonha daquilo. (Adichie, 2019, pp. 21-22)

É uma estrutura de poder que cria a possibilidade de veicular tais estereótipos, seja em notícias, filmes, literatura, lendas urbanas, piadas, jogos (etc). De certo modo, quem está dentro dessa estrutura de poder está suscetível a ser objetificado pelas histórias únicas e

também de reproduzi-las. Diante disso, retomo um dos eixos centrais no qual essa pesquisa se fundamenta. Algo insistentemente trabalhado no capítulo anterior: a implicação. É necessário, em algum ponto, romper com essas histórias únicas e cristalizantes que se supõem completas. É necessário ampliar a possibilidade de dizeres de si e da alteridade. É necessário criar, intencionalmente, um campo com pluralidade de troca de dizeres e de narrativas.

Assim, compartilhar narrativas se funda como uma forma de resistência e uma forma de enfrentamento à objetificação, e também cunha uma abertura de possibilidade de circulação de afetos e histórias em um outro campo que não o da desumanização. Compartilhar histórias de si é uma aposta dessa frente de resistência e enfrentamento. Ouvi-las também. Mais ainda, uma vez que se trata de uma pesquisa sobre sonhos: compartilhar suas narrativas oníricas é uma forma de criar e se aventurar por outras formas de se dizer. De apostar que ao dizer de si e de seus sonhos, há uma verdade que entra em cena e compõe o complexo campo de possibilidades de narrar a própria subjetividade e seu entorno.

4.2 | O sonho como uma narrativa

Não há acesso ao sonho de fato; essa é uma experiência única, vivida no íntimo. O nosso material de trabalho é a enunciação de uma experiência que testemunha a cena onírica. Com isso, muitos dos conteúdos do sonho não são precisos, ou a própria linguagem não dá conta de transmitir a sensação exata daqueles que sonharam. A lógica do mundo onírico é tão radicalmente singular que as ambiguidades, as contradições e satisfações ficam no campo do que é mais íntimo. Os lapsos, os esquecimentos e as trocas repentinas de cenários são próprios para a não recordação completa dos sonhos. Isso tem uma função de ser, tal como foi apresentado no capítulo dois. Mas é justamente por existir essas lacunas que esse material é tão rico, caro e potente.

Quando a pessoa se propõe a externalizar e materializar em linguagem a experiência vivida em sonhos, é criada uma narrativa em cima do sonho de tal modo que a partir do momento que a fala ganha corpo, não nos interessa a exatidão de retratar o que foi sonhado. A narrativa onírica se constitui como aquilo que é feito a partir da costura de uma intimidade que jamais poderá ser acessada por outro, com a intenção de convocar a alteridade a testemunhar essa mesma intimidade inacessível. Essa diferença que há entre a imagem/sensações sonhadas e a palavra narrada é o que abre caminho para a entrada de outros em um campo da intimidade, sem que haja uma invasão. Esse descompasso pode ser tomado

como argumento para desmerecer um trabalho científico sério e rigoroso com os sonhos - mas não para essa pesquisa.

É a partir dessa diferença (entre o sonhado e o relatado) que se abre margem e partimos para trabalhar. Essa diferença é lida como uma forma de distância. A distância é transformada em espaço. E com o espaço é possível fazer muitas coisas. Preenchê-los ou não. Ambas as saídas interessam. Essa é a porosidade necessária a todo trabalho com sonhos, com a memória e com a singularidade.

É a partir disso que os sonhos, ainda que se misturem com uma dose de ficção que não foi exatamente sonhada, se estruturam materialmente na linguagem: através da narrativa onírica. O que será feito com esses espaços, com esses fragmentos de memórias, meio fantasias, meio desejo, meio não-sei-bem-o-que-é-isso, é de uma invenção única e singular que será materializada na narrativa de quem se propõe a externalizar seu sonho. Mesmo que haja algum grau de preenchimento ficcional no relato, o que está em curso é a construção de uma narrativa. Como a pessoa inventou de transmitir sua intimidade política inapreensível é da ordem da mais pura manifestação da singularidade, tal qual é o próprio sonho. Assim, a narrativa onírica assume uma posição com estrutura de ficção. Ficção essa que contém algo da intimidade. De uma verdade.

O fenômeno onírico seria, então, uma forma de possibilitar a narrativa do sofrimento, do desejo e da experiência, ampliando os espaços imagéticos próprios da lógica inconsciente inerente à vida psíquica e alargando a capacidade de nos apropriarmos do momento social e político que nos acomete. (Imbrizi & Domingues, p. 02)

O sonho, ao tentar narrar os atravessamentos que atingem a pessoa sonhante, torna-se ele próprio - quando compartilhado - uma narrativa.

Não há acesso ao sonho completo, intacto. De fato. Mas a completude nunca foi do interesse. Em contrapartida há acesso ao relato. À história. À invenção que foi feita a partir da ausência da exatidão. Da falta. De uma distância que virou espaço. Há acesso a narrativa onírica, que é tão rica quanto o próprio sonho, pois essa narrativa é híbrida - um tanto de lembrança com doses de ficção. Narrativa essa que abre espaço para que os sonhos possam ser compartilhados, trocados e elaborados em conjunto. Compartilhar um sonho permite que essas sensações indizíveis possam ser sentidas em outros, cada uma à sua maneira. Assim, não nos interessa uma história única, mas sim a possibilidade de uma gama de dizeres sobre um mesmo objeto.

A abordagem, então, recai sobre um sonho que anseia por ser compartilhado.

4.3 | Quem escuta os sonhos? Sobre a construção de uma rede de troca e afeto

Há diversos trabalhos e relatos que versam sobre experiências oníricas compartilhadas. No livro *A queda do céu* (2015), Davi Kopenawa relata suas andanças entre a natureza (bem como sua vivência junto à sua comunidade com o povo Yanomami, do qual faz parte) e os centros urbanos (marcados pelo avanço desenfreado de urbanização e destruição dos recursos naturais). Em um determinado ponto do livro, o xamã relata que sonhava muito enquanto estava fazendo uma série de viagens pelas cidades urbanizadas - como parte de uma agenda de luta e tentativa de conquistar respeito e garantia de direitos de preservação ambiental e de seu povo. Um ponto interessante vem a partir do momento em que relata que apesar de estar sonhando muito, não compartilhava seus sonhos. Isso porque ele estava longe dos seus (Kopenawa & Albert, 2015). Não havia um ambiente com um circuito de afetos que pudesse proporcionar um campo de troca de dizeres. De materialização e circulação de sua intimidade, ainda que seus conteúdos não diziam apenas dele, mas sim de todo um plano maior, que também o incluía.

A importância dos sonhos para os Yanomamis já foi exposta. A importância dos sonhos para um xamã Yanomami também, e essa última é ainda mais crucial e fundamental. Para um xamã, o sonho “é a nossa escola, onde aprendemos as coisas de verdade” (Kopenawa & Albert, 2015, p. 77). Mas nos atentemos ao fato de que ter um espaço para que essa narrativa possa circular é elementar. Compartilhar uma narrativa carregada de afetos, política, indizeres, improvisos e invenção não é necessariamente a qualquer ouvinte. Isso pode parecer um problema ou um obstáculo, mas tomaremos essa questão por outro prisma. Não se compartilha em qualquer espaço, nem em qualquer tempo, muito menos para quaisquer ouvintes. Essa premissa convoca a construção de espaços e de um tempo de compartilhar. Para que haja a construção e o fortalecimento de uma rede pela qual os afetos e as narrativas possam circular.

4.3.1 | *Por uma escuta em rede*

Esse tempo pode se estruturar de diversas formas. Há quem compartilhe seus sonhos logo pela manhã para aqueles que ali estão ao entorno. Há quem compartilhe seus sonhos em psicoterapia, ou em análise, para uma escuta profissional. Há quem compartilhe os sonhos em grupos afetivos de qualquer natureza (amigos, encontro de família, clube do livro, em um bar, etc). Em muitos desses contextos não necessariamente é feita uma interpretação. A escuta já basta. Escutar o sonho de alguém que se pôs a compartilhá-los já é um exercício de

construção de uma rede política de afetos. Uma interpretação dos sonhos normalmente é feita em um espaço no qual há a demanda por uma escuta endereçada. Um xamã. Uma mãe de santo. Uma psicanalista. Um mediador de grupos. Depende do contexto. No caso, estamos no campo da Psicologia Social, então nos dediquemos ao trabalho que cabe a este recorte.

Consolidar um tempo de compartilhar as narrativas oníricas pode e deve ser parte do trabalho da Psicologia Social visto a potência de transmissão e consolidação de uma rede de afetos. Dentro desses espaços é tão importante quem fala quanto quem escuta. Ou seja, a importância é no mínimo dupla. Múltipla. Primeiro pelo efeito de construção dessa rede e pela possibilidade de circulação de afeto, e segundo pelo ato de resistência, de elaboração coletiva e possibilidade de pensar as estradas pelas quais se caminha as subjetividades e a sociedade. E em tempos atuais, nas quais há uma propagação em massa de discursos violentos, autoritários e fascistas, sonhar é uma forma de resistência. De enfrentamento. Compartilhar tais sonhos resulta na construção de uma rede para essa resistência combativa.

Apostamos na possibilidade de que as narrativas oníricas, quando compartilhadas e endereçadas a outro, possam fazer furo no discurso totalitário e religioso da atualidade, além de decantar na produção de novos sentidos sobre os efeitos do mal-estar atual. (Rosa et. al., 2021, p. 225)

Assim, a proposta é estruturar um campo de construção de afetividade para que, em trocas e atravessamentos, seja possível caminhar rumo a uma resistência frente à violência e as vicissitudes do pesadelo social.

Que esse caminho seja sonhado em conjunto.

4.4 | Recordar, compartilhar e elaborar

Muitas são as pessoas que não se recordam de seus sonhos em nada, e assim, alegam que não há material para ser compartilhado. Apesar da repetição, é importante retomar: há o elemento da implicação - uma aposta implicada. Recordar os sonhos também é um exercício (Ribeiro, 2019). Um dos elementos mais importantes para que haja uma boa relação com os conteúdos que aparecem à noite, é o seu registro. De início o registro pode ser relativamente escasso. Poucas palavras, poucas imagens, pouco a ser registrado. Mas com uma certa noção de que há ali uma aposta a ser feita, um conteúdo que tem seu tempo de ser escutado, a prática

pode se mostrar como uma importante aliada nas recordações. Aqui há um ponto importante entre dois eixos centrais desta pesquisa: a implicação e a memória.

Muitos registros são escritos. De fato, os registros escritos têm um papel muito importante. Anotar os sonhos pela manhã é um tempo precioso de adentrar o mundo desconhecido que nos habita. A escrita está a serviço desse exercício de recordação e é interessante que seja praticada. Porém, ao compartilhar para um grupo, a fala é mais interessante do que a escrita. A fala é mais porosa e permite mais deslizos, permite mais falhas e mais lacunas. A fala escancara o espaço e a invenção que o sonhador irá fazer ao narrar o sonho. Isso permite que a cada vez que um sonho é contado, será sempre uma nova história. Não queremos uma história única do sonho. Veja, o registro dele é importante. É material importante e pode ser utilizado. O sonho pode até ser lido por quem sonhou antes que a pessoa se ponha a falar. Mas é importante que ao narrar para um grupo seja priorizada a fala.

4.4.1 | *O infamiliar do sonho*

Ainda que não haja espaço formalizado e estruturado de compartilhamento dos sonhos, como o caso de um grupo, ainda é possível inventar soluções. Os recursos podem ser dos mais simples, tal como anotar os sonhos ou até com o uso de ferramentas tecnológicas, que é o caso de gravar em forma de áudio o relato do sonho. O recomendado é que esse exercício ocorra logo pela manhã ao acordar (Ribeiro, 2019). A prática de se habituar com a escuta, escrita, fala e leitura sobre os conteúdos oníricos criam um campo que facilita as recordações. Quando há, intencionalmente, a busca pela recordação, pelos registros e pelo hábito de se permitir viajar pelas cenas noturnas, certamente há uma possibilidade maior de ser atravessado pelas lembranças do mesmo.

O que leva a uma outra situação inusitada. Quando os sonhos estão registrados (como uma espécie de sonhário - diário dos sonhos), é possível revisitar algumas das narrativas tempos depois de terem sido sonhadas. Essa visita é muito interessante. Certamente não nos recordamos de cada sonho sonhado ao longo da vida. Mas quando há a visita ao sonhário, a pessoa está testemunhando uma experiência vivida por ela mesma. Experiência essa que, de certo, foi em grande parte esquecida. Há ali uma experiência de estranheza consigo. Uma expressão de desconhecimento de si. O sujeito torna-se a terceira pessoa dele mesmo. Há um distanciamento curioso, peculiar e único no qual o próprio relato é tomado como algo externo. É como se experimentasse uma alteridade consigo mesmo. Porém, ainda que seja o próprio

sonhador quem irá encontrar esse dizer, parte-se do pressuposto que o sonho está endereçado ao Outro.

Narrar, falar, escrever ou gravar os sonhos é uma forma de deixar rastros dos fragmentos oníricos em outras pessoas e em uma comunidade. Toda narrativa onírica é um modo de endereçamento para outro imaginário ou real e, quando há escuta-flânerie, há partilha e transmissão de interpelações sobre os lugares do sujeito no mundo diante das relações de poder. (Imbrizi & Domingues, 2021, p. 04)

Por isso, a experiência de troca e partilha das narrativas oníricas tem um papel importante para o sonhador e para a comunidade, ainda que o compartilhamento não tenha sido feito em um formato de grupos formais, como foi citado anteriormente. Os grupos informais e o compartilhamento consigo mesmo (através dos registros) também podem ter um papel muito interessante para que uma nova cadeia de associações entre em cena.

4.5 | Sonhos, grupos e processo grupal

O trabalho com grupos é uma das peças mais fundamentais para a Psicologia Social. Diversos são as autoras e autores que se debruçam sobre esse campo formalizado e teorizando, por muitas vias, as possibilidades que estão em jogo quando é feito um trabalho de escuta e manejo em grupo. Uma das autoras mais importantes para a Psicologia Social brasileira, e para o trabalho com grupos, é Silvia Tatiana Maurer Lane, que parte de alguns pressupostos materialistas e dialéticos que norteiam a prática no campo da Psicologia Social.

Uma das distinções mais importantes para a autora é pensar esse fenômeno a partir da ideia de processos grupais, e não apenas da noção de grupo. A diferença no termo é reflexo de uma marca epistemológica importante. A noção de processos grupais traz a concepção de que o grupo tem um caráter histórico e político, havendo a necessidade de reconhecê-lo com recortes como o espaço, o tempo e o território no qual este grupo está inserido - bem como as contradições e os processos de construção afetiva entre os seus participantes (Lane, 1984). Assim, “ressaltar o caráter histórico do grupo implica compreender que o grupo, na sua singularidade, expressa múltiplas determinações e as contradições presentes na sociedade contemporânea.” (Martins, 2007, p. 77). Ou seja, o trabalho com grupo e com os processos grupais pressupõe, através da linguagem, um dinamismo material, histórico e dialético tanto entre seus membros, quanto entre os membros do grupo com a própria sociedade em si.

Além de sua potência e importância, o trabalho em grupo é uma das práticas que mais se aproximam da realidade da psicologia em espaços comunitários que de fato encontram a população. Seja na área da saúde primária: como as Unidades Básicas de Saúde (UBS); seja na atenção secundária: os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS); ou até mesmo em oficinas terapêuticas ou grupos de psicoterapias em diversas instituições de escuta e acolhimento. Além disso, os grupos permitem um recorte focal quando estão estruturados sobre determinado critério: grupo de mulheres, grupos de pessoas negras, grupos de pessoas trans e travestis, grupos de pessoas homossexuais e bissexuais. O que pode trazer à tona uma série de questões importantes tanto em nível de afetividade e acolhimento, quanto em nível político e de denúncia de questões sociais. Trabalhar com grupos e com processos grupais é materializar as relações dialéticas que há entre os indivíduos entre si; os indivíduos com a sociedade, e do próprio grupo com questões históricas, políticas e culturais.

Todo e qualquer grupo exerce uma função histórica de manter ou transformar as relações sociais desenvolvidas em decorrência das relações de produção e, sob este aspecto, o grupo, tanto na sua forma de organização como nas suas ações, reproduz ideologia, que, sem um enfoque histórico, não é captada. (Lane, 1984, p. 81-82)

Apresentado nesses termos, o trabalho com os grupos e os processos grupais tem muitos pontos convergentes com o campo dos sonhos, tal como vem sendo apresentado ao longo dessa pesquisa. Não à toa, há trabalhos desenvolvidos nesses pontos de intersecção se mostrando como um campo frutífero no que possa interessar os estudiosos e pesquisadores dos campos atravessados pela atuação na área da Saúde Mental e da Psicologia Social.

Dentre os trabalhos que estão sendo realizados entre sonhos, grupos e processos grupais, há diferenças entre os pressupostos teóricos, metodológicos e epistemológicos entre eles. Porém, ainda que essas diferenças sejam importantes e reflitam na condução e operacionalização de como cada um desses trabalhos funciona, há pontos de convergência, sendo o primeiro deles: a partilha da narrativa onírica.

A proposta de trazer essa multiplicidade e diferentes formas de conduzir o trabalho dos sonhos de maneira coletiva e compartilhada tem a finalidade de destacar o elemento central do compartilhamento - a entrada na alteridade naquilo que é vivido no íntimo, ainda que diga do político, da cultura e da história. É sobre coletivizar algo que, talvez, já seja do coletivo - apenas foi vivido no campo da singularidade. Isso se dá pois mira-se em um espaço que permita, ao compartilhar narrativas sobre a experiência onírica, pensar uma elaboração que incida no campo político, cultural e histórico, bem como eventos traumáticos aos quais

estamos submetidos enquanto sociedade. Assim, há a aposta de que ao compartilhar os sonhos cria-se um campo de circulação de dizeres que permitam uma elaboração coletiva e compartilhada. Elaboração essa que revisita o ontem e funda uma re-construção do amanhã. Sendo uma “re-construção que implica uma reinterpretação do passado e a construção de uma narrativa ficcional que o situe no laço social. É do campo compartilhado que o sujeito faz a experiência de inventar-se e inventar o mundo” (Rosa, 2018, p. 190).

O psicólogo Abrahão de Oliveira Santos se insere nesse campo de intersecção e desenvolve um trabalho de oficinas de gestão coletiva dos sonhos. Partindo de uma crítica às tradições contemporâneas sobre as teorias dos sonhos que têm um viés individualista e burguês, o autor propõe um trabalho que pode ser feito a partir da gestão coletiva dos sonhos que se pauta na possibilidade da construção da multiplicidade de narrativas. Seu trabalho consiste em realizar oficinas nas quais os sonhos são narrados para um coletivo que está intencionalmente participando da escuta e do envolvimento nessas narrativas. O interessante é o percurso escolhido para realizar tal proposta, sendo necessária uma fundamentação epistemológica e metodológica.

Santos (2010) resgata, na tradição iorubá, Exu - a figura responsável pelas encruzilhadas, pelo inesperado, pelo incerto. Sendo tal figura responsável por poder fazer do impossível, possível. E vice-versa. Ainda sobre Exu:

O abridor de caminhos, de novos caminhos, é aquele que para a cosmogonia Nagô é o encantador dos lugares, o dono do lugar em que todos os caminhos se encontram e se afastam. Exu é assim o senhor das disparidades, do que não faz par com o esperado, da dissidência, das novas possibilidades; é o trapaceador, aquele que abre novos caminhos e que é capaz de dobrar até mesmo o tempo. Com Bará é a diferenciação (Santos, 2010, p. 60).

É a partir dessa premissa que opera a gestão coletiva dos sonhos. A partir do momento que o sonho é narrado para um coletivo, a ele o sonho pertence. A partir dessa construção narrativa, todos os participantes da oficina se envolvem no relato onírico e produzem - coletivamente - formas de dramatização e expressão do que foi escutar e ser enlaçado no sonho compartilhado.⁵⁵ Ou seja, “as narrativas de sonhos trazem paisagens-sujeitos, histórias que são elas mesmas experimentação e invenção de si e do mundo” (Santos, 2010, p. 72).

Essa proposta de trabalho está alinhada em muitos dos pontos levantados ao longo dessa pesquisa, como a proposta de ampliação de possibilidade de sentidos a partir da

⁵⁵ Santos (2010; 2019) relata a criação de dramatizações a partir de danças, desenhos e outras formas de expressão que são feitas a partir do sonho narrado.

narrativa onírica, uma vez que “a oficina de sonhos é o dispositivo que traz as condições para que o sonho ganhe um novo sentido” (Santos, 2019, p. 29). Isso faz retornar um alinhamento com uma noção de interpretação que está calcada em uma construção de sentido real, tal como apresentada no capítulo dois. Uma construção de sentido que abre espaço, ao invés de fechar. Que incorpora o não-sentido.

A preciosidade está na colocação de trabalhar com os sonhos enquanto uma narrativa que não se esgota em uma unificação de interpretação ou de verdade. A gestão coletiva dos sonhos é uma forma de ampliar as possibilidades de inserção nas narrativas oníricas de forma que o que fique em evidência não é apenas o relato único do sonho, mas sim a possibilidade de deslocamento de saberes, de interpretações, de dizeres e de formas de inserção frente ao que foi contado/sonhado.

Ao expandirem-se as narrativas, o grupo passa para o lado de dentro do mundo onírico, mesmo que todos estejam de olhos bem abertos. Assim, quando todos contavam seus sonhos era o momento em que se abria o mundo para se criar uma massa de forças dionisiacas, fermentações, singularidades estrangeiras daquele mestre Exu afetando-nos com contra-sensos, variações, diferenciações e implausíveis. (Santos, 2010, p. 65)

Ou seja, os sonhos têm uma dimensão de representar o cotidiano e a vida/fantacias/neuroses do sonhador. Mas também diante da sua multiplicidade e magnitude, o sonho é um campo no qual é possível representar o outro. O novo. De criar. E essa criação é o que abre portas para sustentar a possibilidade de que há uma forma de construir uma elaboração que seja coletiva e compartilhada.

Entre os anos de 2020 e 2021, período marcado pela pandemia de Covid-19 e uma série de catástrofes sociais, econômicas e políticas no Brasil, que culminaram em um aumento da desigualdade social e a volta do país ao mapa da fome da ONU, foram criadas uma série de iniciativas que tentaram apaziguar o distanciamento social e o fechamento de espaços de contato e trocas presenciais. Muitos desses espaços, ainda que virtuais, serviram como ambiente de troca e partilha sobre as angústias, o trauma e o luto que estavam em evidência. Nesse contexto nasce o grupo Sonhar Grupal, sob coordenação do professor e pesquisador Paulo Castanho, do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de São Paulo (USP).

Nessa proposta, o sonho é tomado como um objeto mediador do grupo para compreender em primeira instância: a dificuldade de simbolização frente ao traumático e, em um segundo ponto: “estamos apostando que a base do trabalho é fazer um estímulo ao processo associativo, visando que surjam e se multipliquem imagens” (Castanho, 2022, p. 65). Ou seja, estamos diante mais uma vez de uma tentativa de multiplicação de dizeres.

Diante de uma aposta na qual a possibilidade de construção múltipla de caminhos narrativos para si e para o entorno são operadores importantes para a uma simbolização. Uma elaboração.

Como um recurso, o Sonhar Grupal, por sua vez, pode ser realizado com diferentes configurações e objetivos: tanto em grupos pontuais e abertos, quanto recorrentes com os mesmos participantes; em grupos grandes, médios ou pequenos; em grupos terapêuticos ou com outras finalidades. Pode ser feita uma oficina de Sonhar Grupal com repetidas sessões apenas sobre sonhos. Ou, ainda, ocorrer uma única sessão, como uma atividade pontual em um grupo terapêutico já existente, para lidar com problemas que tenham surgido no grupo. (Castanho et. al., 2022, p. 63)

Ainda que haja diferenças teóricas e de manejo, lá está o sonho: como material base para a construção de uma narrativa que há de ser compartilhada e trabalhada em plano coletivo.

A psicóloga e psicanalista Jaquelina Imbrizi relata um trabalho envolvendo o compartilhamento das narrativas oníricas que foi realizado em situações distintas. Na primeira, Imbrizi (2019) aponta para uma partilha dos sonhos que se deu em uma oficina de música destinada a jovens que moram na periferia da cidade de Santos/SP. Em uma região na qual há muitos fatores de vulnerabilidade social, como a violência policial, falta de saneamento básico, pouca oferta de instituições assistenciais e culturais e até mesmo a ocorrência de incêndios na região. Tais fatores apontam para uma forte marca da desigualdade social que atravessa a vida da juventude periférica, mas que facilmente há inúmeros fatores em comum com outras regiões do Brasil (principalmente neste ano de 2022).

O foco fica para o relato de um dos jovens que diz sonhar:

Na verdade, é rara a vez que eu tenho sonhos. Eu já vi a minha mãe e a minha avó morrendo queimadas. E sempre sonho com isso. (...). Eu fico angustiado. Eu não posso fazer nada, né?" "Sonhei que tudo estava pegando fogo na minha casa e eu morria queimado. (Netto, 2019, p. 25, citado em Imbrizi, 2019, p. 44)

Ainda que o relato do sonho traga um pesadelo constante vivido em vigília, que é a relação com a morte e a violência para algumas populações (como foi explorado no capítulo anterior), os jovens da oficina não associaram de forma espontânea os elementos de fogo presente na narrativa onírica com a ocorrência de dois incêndios ao longo do ano anterior na região que eles moravam (Imbrizi, 2019). O pouco interesse de buscar no conteúdo onírico questões que nos atravessam não é apenas reflexo desse grupo em específico. É um problema cultural e social. Um problema de epistemicídio.

Além dessa experiência, há um outro projeto em desenvolvimento, intitulado “Roda de conversa sobre sonhos”, na qual “seus coordenadores constroem um ambiente no qual todos são convidados a narrar os sonhos e estabelecer associações, com a cadeia de pensamentos fluindo sem censuras sobre o que é dito e escutado” (Imbrizi, Gomes & Binkowski, 2021, p. 37). A proposta dessa roda de conversa, que está associada ao projeto de extensão *Arte e Sonho: abordagem psicanalítica nos modos de cuidar das juventudes*, parte de fundamentos alinhados ao longo desse texto: de que há, na partilha e na construção de uma narrativa onírica, uma forma de convocar o coletivo a testemunhar questões que dizem da sociedade, ainda que as cenas tenham sido vividas como máxima expressão da singularidade.

Em um dos relatos desse projeto, uma jovem estudante de universidade pública compartilha um sonho que teve no primeiro semestre de 2020, em plena pandemia. Sonha com um metrô que conduz trabalhadores negros, que se utilizam do transporte público, para a morte. Esse mesmo metrô não para na estação que ela estava, e passa direto por ela (uma menina branca). O trem para a morte conduz apenas pessoas trabalhadoras e negras. É diante dessa narrativa onírica que pode ser apontada uma reflexão para a atualidade de questões raciais e de classes sociais no Brasil, na qual a sonhante é uma testemunha das questões de seu tempo (Imbrizi, Gomes & Binkowski, 2021)⁵⁶. Assim:

Conversar sobre os sonhos - tal como é a proposta do projeto de extensão apresentada neste artigo - é uma forma de possibilitar a elaboração psíquica das angústias do sonhante, bem como de, coletivamente, identificar e problematizar as hierarquias e opressões historicamente estruturadas em nossa sociedade. (Imbrizi, Gomes & Binkowski, 2021, p. 42)

O que todos esses trabalhos realizados com grupos, a partir do compartilhamento de sonhos, têm em comum? Destaco alguns pontos: (1) ao ser compartilhado, os sonhos não pertencem apenas ao sonhador, mas a todos aqueles que o escutaram; (2) o tratamento dado aos sonhos não se centram apenas na biografia individual de quem o sonhou, mas apontam para uma lógica do coletivo, o que leva à (3), as associações feitas ocorrem de forma coletiva e, principalmente, são múltiplas. Diversas.

Atentemo-nos à preciosidade dessas experiências. Ainda que partam de algumas divergências teóricas, todas estão sustentadas nesses mesmos pontos: para a construção coletiva de associações. Para a construção comunitária de possibilidade de criação de narrativas múltiplas. Sentidos múltiplos. Efeitos de abertura de sentido, sendo o sonho como uma bússola que tenta apontar para o real, que incorpora a estranheza, a incompletude e a

⁵⁶ Por se tratar de um longo sonho, ele não será apresentado na íntegra. Para mais detalhes ver a referência citada

possibilidade de abertura de interpretações. O que abre caminho para, enfim, alçar sobre a proposta de que compartilhar os sonhos pode ser um dispositivo interessante para a elaboração em um contexto coletivo e compartilhado.

4.6 | O trabalho de elaboração coletiva e compartilhada

A proposta de trabalhar com o compartilhamento dos sonhos é para se ancorar em um dispositivo político que lide com problemas que dizem respeito ao coletivo em sua estruturação histórica, política e social.

Nesse escopo cabe o individual? Cabe. Mas o manejo é sempre mirando para que seja possível a entrada da alteridade. Quando há situações que exigem um processo de simbolização (o luto, por exemplo), contextos culturais, ritos e compartilhamento de sentimentos e sensações auxiliam para haja uma elaboração. Para que haja uma possibilidade de abertura de caminho que saia de um ciclo compulsório e vicioso de repetição de viver apenas a ausência. Se há uma repetição crua e fria é porque ainda não há recursos para abrir outras possibilidades de outros caminhos a serem trilhados.

Enquanto indivíduos há muito a ser elaborado ao longo da vida, afinal, ela é cheia de lutos, perdas e traumas. Ao longo da vida é possível constatar uma série de repetições (amorosas, familiares, de gostos etc). Normalmente essas repetições denunciam que as representações caminham majoritariamente por uma mesma via. A repetição compulsória é a denúncia máxima da falta de elaboração. Um sonho repetitivo. Um sintoma repetitivo. Esses elementos ocorrem porque não encontram outro caminho para escoar. Elaborar é isso: permitir uma outra forma de circulação dos afetos de modo que caiba o novo. Elaborar é criar e inventar uma forma de se posicionar frente aquilo que pode ser da ordem do insuportável.

E enquanto sociedade, o que há de repetição? O que há para ser elaborado? Como tentar criar novos caminhos frente a velhas estruturas? Essa discussão foi iniciada no capítulo anterior, quando apontado que despertar é um tempo de separação e transformação de um sonambulismo social. Mas por se tratar de um tempo de compartilhar, agora estamos no campo de pensar o como seguir com isso.

No campo dos sonhos em articulação com a política e a Saúde Mental (que é recorte desta pesquisa), não nos interessa uma história única. Nos interessa a múltipla investida de dizeres e associações que possam ser feitas a partir da partilha de uma narrativa onírica, dentro de um espaço de processos grupais - com afeto e escuta - e que possa produzir um

efeito de abertura que desloque a interpretação dos sonhos fechada nas associações apenas de um indivíduo.

Assim, trabalha-se com uma noção de interpretação que não busca cessar ou encontrar a verdade única pelas entrelinhas do sonho. Uma interpretação que não se centre em associações da biografia de quem sonhou, mas que se pautar nos operadores de representabilidade/figurabilidade e inteligibilidade, tirando assim o foco do conteúdo individual e se atentando à disposição dos elementos e da lógica estrutural de como a cena foi contada, para que a interpretação (quando necessária) possa produzir um outro efeito - o de abertura de sentido. Nessa perspectiva, não se interpreta o sonhador, mas sim a narrativa onírica que já não pertence mais a um indivíduo, e sim a um coletivo. Busca-se uma associação compartilhada e uma interpretação que produza um efeito de abertura de sentido real, mirando em um despertar. Que alargue as margens e possibilidades de circulação de dizeres.

Uma interpretação compartilhada, pautada nos pressupostos de efeito de sentido real (e não imaginário) abre espaço para que a elaboração que também tente apontar para um norte, tomando o sonho como bússola. Uma elaboração que abra caminhos, que vislumbre futuros e possibilidades de saídas de uma lógica violenta e mortífera. Uma elaboração que possa ser feita em comunidade, grupos e coletivos.

Adiante, o trabalho com sonhos pode ter um efeito importante para alguns grupos sociais ou até mesmo em determinados contextos históricos, sociais e políticos. Fazer circular uma narrativa que diz de si e do entorno é colocar em cena as tentativas de simbolização do pesadelo vivido à luz do dia. É também apontar que “restituir um campo mínimo de significantes que possam circular, referidos ao campo do Outro, permite ao sujeito localizar-se e poder dar valor e sentido à sua experiência de dor, articulando um apelo que o retire do silenciamento” (Rosa, 2018, p. 194).

Quando as associações são feitas por mais de uma interlocução, é criada uma miríade de dizeres e uma gama de caminhos são ensaiados. Quando um sonho é contado para um grupo e esse grupo toma-o para si, associando, criando, dramatizando, se inspirando, o que é feito daquele sonho é uma ramificação de discursos. Uma ramificação de narrativas. Isso por si só já é forte e intenso o bastante em efeitos terapêuticos elaborativos individuais. Bom, mas ao se tratar de pesadelos comuns à sociedade, por que se restringir a um dizer individual? Se o problema é coletivo, a associação e elaboração sobre o mesmo também o deveria ser. Para problemas sociais, a saída deve ser coletiva e compartilhada, e caso não o seja, é apenas uma exceção.

Doar e construir em coletivo uma narrativa que diz dos traumas sociais, como é o sonho, é convocar a alteridade para assumir uma posição de quem caminha para uma elaboração. É convocar os outros a serem testemunhas dessa tentativa de resistir frente a uma política de aniquilamento. É uma ética pautada na responsabilização e na implicação (Rosa, 2018).

Esse trabalho árduo de elaboração – por meio da troca horizontal de experiências com seus pares – pode desencadear mudanças na posição subjetiva dos participantes diante dos efeitos psicossociais das desigualdades sociais e das relações de poder em contextos históricos específicos. (Imbrizi, 2019, p. 46)

Sonhar, em tempos de pesadelos, é resistir. E compartilhar os sonhos, em tempos de individualização, é enfrentar - a partir da criação de uma rede de afetos pela qual possa circular diversos dizeres. Diversas histórias. Diversas narrativas.

Se nos sonhos há elementos do coletivo, uma vez que “se o inconsciente é estruturado como e pela linguagem, como sustentara Lacan, temos que o sonho é efeito dos processos sociais e políticos experienciados pelo sonhante, uma vez que o inconsciente é a política” (Imbrizi, Gomes & Binkowski, 2021, p. 28), algumas perguntas não podem ser perdidas de vista. Por que não coletivizar os sonhos? Por que não devolver à alteridade aquilo que foi constituído na relação com ela própria? Compartilhar é fazer uma aposta de deslocamento de uma certa posição coletiva - alinhada com um efeito de despertar.

Uma aposta segundo a qual o compartilhamento dos sonhos possa nos permitir contribuir com o pensamento e a reflexão sobre o mal-estar de nosso tempo numa época surpreendente como a que estamos vivendo, tanto global - em função da covid 19 - como localmente - onde se soma à pandemia o desgoverno na política brasileira. (Rosa et al., 2021, p. 226)

Retomando a pergunta feita no capítulo anterior: talvez, a oniropolítica possa sim fazer uma frente de resistência e enfrentamento à necropolítica.

4.7 | Tempo de compartilhar

Dormir, sonhar, despertar e compartilhar. Todos enlaçados, e é assim que devem ser abordados.

No início do capítulo trabalhamos com a argumentação que aponta para os perigos de uma história única, que cria estereótipos, cristaliza e desumaniza um povo, uma cultura ou até

mesmo os indivíduos (Adichie, 2019). Foi apontado que há uma estrutura de poder em jogo, uma vez que é através da repetição de uma única história que é construído um engessamento e empobrecimento de significantes que possam contornar e desenhar. Essas histórias únicas se supõem completas, e para essa pesquisa a noção de incompletude e de porosidade são noções a serem retomadas (principalmente pelo conceito de real, que escapa à linguagem e rompe com a unificação de representações de imagem e palavra). Assim, uma possibilidade frente a essa lógica, que está no cerne do funcionamento social e das estruturas de poder, é a ampliação de dizeres, histórias e narrativas possíveis sobre um mesmo objeto. Essa miríade de representações (em narrativas) é o que abre margem para a construção de uma representação que não seja fechada. Que não seja única. Assim, abraçar a possibilidade de histórias múltiplas é estar diante da diferença. Do híbrido. Do novo. Da invenção. Do estilo. Isso em muito se assemelha com um trabalho possível com sonhos.

Quando o sonho é retomado em vigília, o que fica são traços do que foi sonhado. Ao recordá-lo, entra em jogo um operador do trabalho dos sonhos (inteligibilidade, ou elaboração secundária), que dá a cadência para os conteúdos sonhados. Cria-se uma narrativa. E é com ela que trabalhamos, não com o sonho de fato em si. Há uma importância elementar em apontar o objeto com o qual se trabalha, diferenciando-o em suas nuances. A partir desses traços oníricos, é feita uma narrativa que anseia por ser transmitida. Por ser narrada.

A recordação dos sonhos é algo que se constrói na prática (Ribeiro, 2019) e na aposta de que há um saber-inacessível que será transmitido e terá um efeito, em sua transmissão, que escapa à consciência. O sonho, ao ser narrado, transmite algo que convoca a si e o entorno a testemunhar algo da singularidade. Algo de inapreensível. Algo do enlaçamento dos registros da realidade: real, simbólico e imaginário. Isso implica dizer em transmitir algo que, ainda que tenha representação de palavra e imagem, sempre irá escapar algo. Sempre irá resistir às tentativas de interpretação. Ou até mesmo irá resistir para que a própria narrativa seja feita, por causar um estranhamento e uma falta de sentido. Mas esse é o ponto chave. Justamente por ser inapreensível, que pode-se lançar investidas. É por estar situado em um campo que aponta para o real que os sonhos, e sua transmissão, possibilitam as narrativas múltiplas. Porque não vamos chegar na grande verdade reveladora. Pode-se chegar em algumas outras pequenas verdades. Efêmeras. Parciais. Múltiplas. Mas não n(A) verdade.

Assim, trabalhar a narrativa onírica em sua estrutura de ficção, tal como é a própria ideia de verdade para Lacan, é o que nos possibilita trabalhar com a porosidade, e não contra ela. Trabalhar com o real, e não contra ele. Pois são pelos poros que a alteridade entra e:

interpreta; não interpreta, apenas escuta; se põe a sonhar também; dramatiza ou simboliza em outra coisa aquilo que escutou; inventa.

Quem se põe a narrar um sonho testemunha a si e ao seu entorno. Entorno esse que pode ir desde o plano mais próximo, familiar e grupal, até o campo histórico, político e social. Mais ainda: quem se põe a narrar um sonho convoca o outro a testemunhar algo também. Algo da singularidade de quem narra, ou até mesmo algo da própria singularidade ao se deparar com o que foi transmitido na narrativa de um terceiro. É um jogo jogado a dois. Três. Quatro. Milhares ou milhões.

Ou seja, o sonho, em sua forma narrativa, pode ser aquilo que faz laço. Pode ser o material pelo qual o afeto se transmite e enlaça o outro. Com isso, trabalhar com a premissa da importância dos sonhos é sustentar que através deles é possível transmitir algo do íntimo que convoque todos aqueles que escutaram a transmissão (inclusive quem sonhou) a se implicar naquele dizer. Trabalhar com os sonhos no campo da Psicologia Social pode ser uma via de criação de uma rede que possa transmitir tanto algo da ordem do afeto, como também das questões do campo histórico, político e social. Assim, o trabalho com sonhos para a Psicologia Social se dá através do contato e da troca com a alteridade. Do compartilhamento poroso que abre espaço para que uma saída possa ser sonhada em coletivo. Em conjunto. Que saída e o futuro seja compartilhado.

Fazer da cena onírica uma narrativa que possa ecoar, atravessar e transmitir algo da ordem do próprio desconhecimento. Discurso esse que diz por si só em seu próprio texto narrativo, mas que também permite a entrada de interpretações, desde que essas não busquem seu fechamento de sentido. Desde que essas não operem por uma lógica de construção apenas de sentido imaginário, mas sim por uma construção de sentido norteado no real pois é isso que abre campo para uma interpretação compartilhada, e para uma elaboração compartilhada. Ainda que haja “no material onírico, algo que resiste à interpretação e pode ser transformado em ação quando há possibilidade de ser narrado” (Perrone & Gurski, 2021, p. 14), as investidas de dizeres não cessam. Essa resistência, apontada por Perrone & Gurski (2021) é por tratar o sonho no campo que também articula com o real. De fato lá ele está. Nunca será completamente apreendido por interpretação ou dizer. Mas não queremos a totalidade. Queremos a premissa da falta que permite a entrada do múltiplo. Do novo. Algo que foi chamado, na citação, de ação.

É no compartilhamento dos sonhos que há espaço para que seja pensado, em conjunto, sobre os pesadelos sociais e como esses estão sendo simbolizados, subjetivados e elaborados.

É no encontro com o Outro que estamos no campo da invenção de uma nova forma de construir e transmitir narrativas.

Tempo de compartilhar é um tempo de circular novas narrativas, que permitam novos arranjos de dizeres. É um tempo que abre espaço para a invenção individual e coletiva, que permite a troca. Assim, compartilhar desempenha uma intervenção analítica, política, singular e coletiva tanto para o sonhante, como para quem escuta e testemunha o sonho.

Tempo de compartilhar é um tempo de se inserir no laço a partir da construção de uma narrativa, e convocar o outro a também se inserir. É um tempo de escuta e troca dos pesadelos sociais, um tempo que busca um despertar (sempre coletivo). Se para muitas pessoas e grupos há um pesadelo social sendo vivido à luz do dia, é em um tempo de compartilhar que o efeito de despertar de fato opera, pois o despertar que nos interessa é um rompimento político. Só é possível despertar, enquanto sociedade, se há um tempo de compartilhar. Se há um tempo de dormir. Se há um tempo de sonhar. Todos enlaçados.

Com isso, sustentar um espaço para a transmissão e para a troca é apostar em uma outra forma de se haver com os pesadelos sociais. Afinal, “a possibilidade de transmitir, não pela via do sintoma e sim pela via da narrativa, a história traumática (...) visa impedir a transmissão do trauma” (Kehl, 2018, p. 09). Ou seja, estamos diante de mais um operador de enfrentamento da lógica de funcionamento das estruturas de poder, e da sociedade/cultura, de um modo geral. Compartilhar pode ser um operador pelo qual há uma tentativa de impedir uma repetição sistemática de um trauma. Um trauma social. Um pesadelo social. Isso aponta o quanto os demais tempos (dormir, sonhar e despertar) estão interligados e devem ser pensados, em algum nível, como tempos lógicos e relacionados entre si. Dialeticamente. Tempo de compartilhar é um tempo de valorizar as trocas oníricas e “assim, mais do que efeito de um contexto social e político, o sonho também pode promover novos atos, acontecimentos e formas de laço social” (Imbrizi et. al., 2021, p. 29).

Em suma, compartilhar é uma forma de não ceder às investidas mortíferas de subjugação das estruturas de poder. É no compartilhar que se desperta em coletivo. Que se inventa. Que se testemunha e convoca o outro a testemunhar também. É compartilhando as narrativas oníricas que os sonhos são escutados como bússolas e usados como fios na costura de uma rede de afeto, e tinta para pintar um novo futuro, que caiba a diferença e o respeito às alteridades. Compartilhar narrativas oníricas pode ser um operador de enfrentamento do pesadelo social. Poderia, então, o trabalho com sonho ser um dispositivo no campo da Saúde Mental?

Conclusão

Essa pesquisa teve como objetivo propor uma leitura que articule sonhos, política e questões que envolvem o campo da Saúde Mental, a partir da Psicologia Social. Tomando como referencial teórico tanto a psicanálise (centrada em produções brasileiras e contemporâneas), quanto demais áreas do saber que acrescentem à discussão, tal como saberes dos povos indígenas, saberes ancestrais, saberes da neurociência, ciências sociais e estudos da linguagem. Os norteadores éticos dessa pesquisa se pautavam em fazer uma discussão que abarcasse questões que dizem respeito à estruturação histórica e política da sociedade, atentando-se às questões étnico-raciais, identidade de gênero, classe social, orientação sexual, capacitismo e outras formas de existir que por muitas vezes são alvo de uma política de violência.

A motivação da pesquisa se deu a partir de inquietações a respeito dos conteúdos dos sonhos: se sonhamos com as representações que nos habitam, podem os sonhos dizer dos conflitos políticos aos quais estamos submetidos? Essa era uma pergunta inicial da pesquisa. Sim. Eles podem. Mas o que foi encontrado ao longo do caminho foi uma outra questão. Mais do que fazer um retrato onírico dos conflitos políticos e históricos, os sonhos podem mostrar outra coisa. Mais do que consolidar as memórias do passado. Mais do que um retrato do presente. Mais do que tentar prever o futuro. O sonho é um campo de potência. De criação, e não apenas de retrato. O sonho é como uma bússola para quem passeia pelo tempo. Pelos saberes. Pelas verdades. O sonho, enquanto uma amarração dos registros da realidade, é um campo pelo qual é possível fazer laço.

Com isso, a pesquisa foi estruturada em duas instâncias: (1) a primeira - e principal - diz respeito aos tempos oníricos. Uma proposta de leitura a respeito de uma articulação possível entre os sonhos, política e saúde mental. Por compreender a necessidade de não abordar somente o sonho em si, mas toda a sua lógica de construção e de como há uma politização em torno desse momento. Portanto, é trazido para a discussão a proposta de amarração de um tempo de (1) dormir; (2) sonhar; (3) despertar e (4) compartilhar, sendo esses os tempos oníricos operadores sociais e singulares para fazer uma leitura politizada a respeito de como os sonhos têm um potencial de projeção, restauração, elaboração e de criação, servindo como bússola na construção de um laço social. Assim, a dissertação apresentou quatro capítulos, sendo cada capítulo dedicado a um desses tempos, mas eles

devem ser compreendidos em uma amarração borromeana. Um enlaçado no outro, de tal modo que devem ser abordados em conjunto. Isso cria uma base de sustentação para a proposta de tensionar dialeticamente o tempo diante de uma compreensão lógica e, talvez, topológica. Dormir, sonhar, despertar e compartilhar apenas conseguem se sustentar no contraste um com o outro. Apenas se sabe que dormir, pois acordou. O compartilhar se enoda ao sonhar, afinal, é de um sonho que se está narrando. Apenas são escutados os efeitos do despertar, pois ele está articulado com a proposta de que nos sonhos há algo que pode apontar ao romper, que visa a transformação das formas de se inserir no laço social. Um tempo enlaçado no outro.

Para sustentar a construção de cada um desses tempos, a articulação dessa proposta de leitura se apoia em alguns pilares centrais, como o conceito de: I) memória; II) elaboração; III) interpretação; IV) implicação e V) tempo. Esses conceitos estão permeados em todos os capítulos, em maior ou menor grau, por compreender que eles são a base que sustenta a proposta de leitura dessa pesquisa - os tempos oníricos. Em alguns momentos foi necessário tecer a respeito de como esses eixos foram trabalhados dentro do campo da pesquisa (da Psicologia Social). De que forma foi abordada e apresentada as noções de memória, elaboração, implicação, interpretação e tempo? Com quais outros conceitos elas se articulam? Essas foram questões que nortearam a discussão em todo momento que esses eixos se apresentaram ao longo da argumentação. Assim, foi proposto e argumentado a respeito da construção de cada uma dessas categorias para a pesquisa.

No primeiro capítulo da dissertação - tempo de dormir - a argumentação se inicia com a importância do dormir para diversas culturas e como havia uma preparação para esse momento. Dormir era associado a buscar um saber no desconhecido. Dormir, enquanto uma pequena morte, era uma viagem importante que necessitava uma preparação. Assim, além de ser a condição básica para os sonhos noturnos, dormir cumpre uma função de consolidação da memória e essa ideia é fundamental quando abordamos a memória em um plano longitudinal e cultural. A memória enquanto um efeito atravessado pelas vivências e pela fantasia. Dormir é um tempo necessário para a construção e consolidação da memória coletiva.

Dormir se constrói como um operador de resistência a um funcionamento do capital de dominação do sono, marcada como uma lógica 24/7 na qual há um exercício de poder de gestão de como dorme uma sociedade, uma cultura ou uma comunidade. Há uma política do sono em curso. Há uma insônia política que opera nas construções subjetivas e interfere na forma como são feitos os laços sociais e comunitários. Pouco se dorme, pouco de descansa, muito se cansa, pouco se mobiliza e muito se consome. Minar o sono é uma forma de

manutenção das estruturas de poder. Assim, dormir é um tempo de recuperação de uma erótica. É um tempo não apenas de descanso, mas também de ter tempo. De compreender a necessidade de dormir como uma forma de cuidado com a saúde mental individual e comunitária.

No tempo de sonhar, o percurso foi pautado nos eixos da elaboração e interpretação. Foi neste ponto que a pesquisa introduziu as noções que embasam um trabalho coletivo e possível com os sonhos. Tanto a interpretação quanto a elaboração estão em função de explorar o campo comunitário. Por isso, foi necessário trabalhar com uma amarração dos registros real, simbólico e imaginário (que devem ser abordados em uma amarração, e não isolados um do outro), destacando o registro real, pois este é o representante de um registro psíquico daquilo que escapa à linguagem, do impossível, do sem sentido. Uma vez que o sonho tem sua função elaborativa, deixar que o sonho ganhe ecos comunitários e que seja interpretado buscando abrir as margens, e não fechá-las na vida do sonhador, também se constitui como um operador de resistência e enfrentamento das formas de violência estruturais, políticas e históricas.

Enquanto um tempo onírico, sonhar é criar, restaurar, elaborar, desejar, fantasiar, se reinventar. Marcar a importância desse tempo é abrir espaço para que seja possível viver, em sonhos, saídas possíveis e impossíveis do labirinto violento no qual está mergulhado a sociedade. Propor um tempo para sonhar, é propor a importância que os sonhos podem ter na vida psíquica e comunitária. É marcar que ali há uma forma de encontro com verdades parciais e possíveis, que dizem de quem sonhou, dizem do entorno e dizem mais ainda. Inventam novas formas de ser.

Isso nos leva ao terceiro capítulo. Despertar, para essa pesquisa, não é sinônimo de acordar. Esse último traz uma ideia de continuidade e de manutenção das ilusões e fantasias nas quais tanto os sujeitos se alienam (em suas neuroses) quanto a sociedade se aliena (em suas formas discursivas de fazer laço). Despertar é um romper. Um separar com fins de transformação a respeito do pacto social que é feito estruturalmente, historicamente e politicamente que se baseia em violência e dominação de poder sobre algumas populações e corpos. Essa forma de operar pela violência foi tratada, ao longo da pesquisa, como um pesadelo social, pois é assim que é colocado para grande parte da população: um pesadelo em plena luz do dia.

Marcar a importância de um tempo de despertar é marcar a necessidade de transformar essa forma violenta de fazer laço, e a aposta é de que há nos sonhos elementos e propriedades potentes o bastante para não só fazer uma frente de resistência à violência, mas também uma

frente de enfrentamento. Um tempo de despertar pressupõe uma implicação, um dos eixos centrais da pesquisa, justamente por se tratar de uma separação, rompimento e a construção de um novo futuro - a partir de uma ética (onírica). O despertar é um tempo com efeito de transformação do pesadelo social. Assim, o despertar (ainda que haja uma dimensão de impossível nessa categoria) é da ordem do político, de como os sujeitos se inserem no laço social.

E para finalizar os tempos oníricos, temos no capítulo quatro as considerações sobre o compartilhar. É nesse capítulo que é delineada a aposta de que há, na narrativa onírica que foi compartilhada, elementos sólidos o bastante que podem compor uma forma de troca de afeto, e uma forma de construção de laço social. A partir do momento que um sonho é narrado para uma alteridade, o sonho a ela pertence. Assim, é possível pensar uma elaboração que seja compartilhada, com interpretações que não se centram apenas na biografia de quem sonhou.

Compartilhar é um tempo onírico, pois funciona como um operador de resistência e enfrentamento do pesadelo social, a partir da construção de um laço social e da ampliação da responsabilidade sobre a proposta de sonhar com um novo futuro, e não apenas um futuro da catástrofe e da morte como política de gestão de poder. Ter um tempo para compartilhar é ter um tempo de convocar o coletivo a testemunhar formas possíveis de manifestação da singularidade e da importância do coletivo de se pôr a dizer, escutar, ampliar e criar em cima da intimidade que foi compartilhada, e agora não é apenas só de um.

Um dos pontos importantes a ser ressaltado é a relação que há entre esses tempos em si. É impossível abordar o dormir, sem abordar o despertar e sem abarcar o sonhar. Ao apontarmos sobre questões que envolvem um compartilhar, é necessário dizer sobre os processos de consolidação de memória, tão presentes no tempo de dormir. Ou seja, há uma amarração dessas instâncias. Elas se cruzam. Elas cruzam os próprios seres falantes. É de uma encruzilhada que se trata. Esses tempos devem ser lidos em sua amarração um com o outro.

Mas para que serve essa divisão dos tempos? Para além de uma proposta didática de fragmentação e análise, que permite explorar e trabalhar mais a fundo com alguns conceitos, os tempos oníricos cumprem uma outra função. Os tempos oníricos se constituem como operadores sociais no enfrentamento de uma política de violência, morte, discriminação e dominação de poder sobre alguns corpos, povos e saberes. Propor e conceituar a importância de ter um tempo para dormir, um tempo para sonhar, um tempo para despertar e um tempo para compartilhar é fincar cada uma dessas instâncias como formas de resistir à essa política (que foi chamada nesta pesquisa de pesadelo social). Além de resistir ao pesadelo social, propor a necessidade e a importância de ter tempo, tal como vem sendo descrito, é sustentar

cientificamente a importância da construção de novas formas discursivas de fazer laço. Assim, cada um dos tempos oníricos servem como operadores de resistência - e mais - de enfrentamento ao pesadelo social. Ter tempo é uma forma de prezar por si e pelo seu entorno. É uma forma de se (re)posicionar frente ao pesadelo social. Na realidade, talvez seja mais do que ter tempo. Seja sobre deixar o tempo nos ter. Talvez seja sobre um (não)ser no tempo.

Isso nos recoloca de frente com os objetivos da pesquisa. É possível uma articulação entre sonhos, política e saúde mental? Dado o extenso caminho argumentativo até aqui, a resposta é sim. Seguimos com pesquisadores brasileiros contemporâneos, quando dizem que “o trabalho do sonho tenta dar um tratamento para o desamparo constitutivo e social: recuperação da erótica da vida. Tenta construir uma narrativa possível para tempos de crise total, uma cura, um modo de lidar com a transformação do tempo” (Rosa et al., 2021, p. 240).

Para finalizar, há apenas mais um ponto para ser retomado. Um dos eixos centrais que norteou a pesquisa, que foi apresentado na introdução e esteve presente durante toda a dissertação. O tempo.

Existe um ditado em iorubá que diz que Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje. Há muitas conexões possíveis de seres feitas a partir dessa frase. Proponho uma: um dos pontos centrais desse ditado é sobre a subversão do tempo. Há uma entidade, uma instância, que subverte o tempo. Subverte a linearidade. Subverte a causalidade. Se um acontecimento de ontem - a morte do pássaro - é devido não a um fato de ontem (que o antecede), mas sim devido a uma ação de hoje (no *a posteriori*), estamos diante de uma outra forma de se compreender o tempo. Estamos diante de um campo capaz de dobrar o tempo linear. Nesse ditado, o passado não é estático. O passado está sendo construído com ações do presente. Passado, presente e futuro são apenas formas de tentar criar uma representação de tempo que sirva para nortear. É uma construção de sentido imaginário. Mas não é disso que se trata Exu. Esse tempo apresentado, tem aproximações com o tempo sobre o qual a psicanálise se propõe a escutar. Um tempo do *a posteriori*. Um tempo não linear, que pode produzir um efeito retroativo de significação. Um tempo lógico.

A figura de Exu, nesse ditado, se aproxima com a lógica dos tempos oníricos propostos aqui. Se aproxima com a lógica de compreender que sempre há uma ação possível de construção a respeito daquilo que atravessa os seres falantes e a própria sociedade em si. Teriam os sonhos alguma aproximação com a figura de Exu? Santos (2019) aponta para essa proposta. O campo dos sonhos é um universo de dobra do tempo. De atravessamentos de dizeres. De saberes. De verdades. De teorias. O campo dos sonhos é, também, um campo de encruzilhadas. Do individual ao social. Da singularidade.

Propor uma leitura sobre os sonhos a partir de uma forma de pensar o tempo é também alçar sobre uma proposta de construção de uma ética - onírica. Ética essa que pode ser um operador de resistência e enfrentamento do pesadelo social, mas também de elaborações e criações de um novo futuro (Sonhado). Uma vez que os sonhos concentram esses diversos atravessamentos, e que amarram os registros da realidade humana expondo as marcas dos efeitos políticos e psíquicos da vida humana, os sonhos assumem um denso e complexo material para se trabalhar. Sendo assim, novas perguntas surgem diante da pesquisa. É possível propor um trabalho com sonhos, enquanto um dispositivo de escuta política, de modo que incorpore a noção e a amarração dos tempos oníricos e dos demais atravessamentos sociopolíticos levantados na pesquisa? Poderia essa proposta ser um dispositivo no campo da Saúde Mental e da Psicologia Social, de maneira que não se restrinja ao trabalho com a estrutura neurótica? Quais as fundamentações teóricas, metodológicas e epistemológicas para tal?

Essas questões ficam em aberto e, talvez, produzam algum efeito.

Por hora, é isso. É tempo de concluir.

Referências bibliográficas

- Ab'sáber, T. A. M. (2005). *O sonhar restaurado: formas do sonhar em Bion, Winnicott e Freud*. São Paulo: Editora 34.
- Adichie, C. N. (2019). *O perigo de uma única história*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras.
- Almeida, S.L. (2018). Estado e Direito: a construção da raça. In: Silva, M.L; Farias, M; Ocariz, M.C; Neto, A.S. (Orgs), *Violência e Sociedade: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro*. São Paulo: Escuta.
- Alvarez, A. (1996). *Noite*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Arbex, D. (2019). *Holocausto Brasileiro. Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Assis, M. de. (1878). Iaiá Garcia. Em: *O Cruzeiro* [RJ]. Niterói, RJ. Disponível em: <<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=136483>>
- Azevedo, A. V. (2004). *Mito e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Beer, P. A. C. (2020). *A questão da verdade na produção de conhecimento sobre sofrimento psíquico: considerações a partir de Ian Hacking e Jacques Lacan*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. <https://doi.org/10.11606/T.47.2020.tde-28052020-185500>
- Beradt, C. (2017). *Sonhos no terceiro reich: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler*. São Paulo: Três Estrelas.
- Borges, J. L. & Jurado, A. (1977). *Buda*. São Paulo: Difel.
- Butler, J. (2019). *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* São Paulo: Civilização brasileira.
- Bueno, C. & Wey, D. (2018). Gênese e ontogênese do ritmo de sono/vigília em humanos. *Revista Da Biologia*, 9(3), 62-67. <https://doi.org/10.7594/revbio.09.03.12>
- Calisto, F. A. V. M. (2021). *O possível uso da psicoterapia assistida por 3,4-metilenodioximetanfetamina (MDMA) na PTSD*. Trabalho Final do Curso de Mestrado Integrado em Medicina, Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa.

Castanho, P., Emílio, S. A., Angelis, V. de, Silva, W. G. da & Coutinho, M. (2022). Sonhar grupal: Uma proposta para o trabalho com sonhos em grupo. *Revista da SPAGESP*, 23(1), 59-70.

Cavalcanti, C., Barbosa, R.B. & Bicalho, P.P.G. (2018). Os Tentáculos da Tarântula: Abjeção e Necropolítica em Operações Policiais a Travestis no Brasil Pós-redemocratização. In *Psicologia: Ciência e Profissão*. v. 38 (núm. esp.2), 175-191.

Cheniaux, E. (2006). Os sonhos: integrando as visões psicanalítica e neurocientífica. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul* [online]. v. 28, n. 2, pp. 169-177. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-81082006000200009>>.

Costa, A. (2008). *Sonhos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Crary, J. (2016). *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Ubu.

Dunker, C. (2017). Prefácio. Em C. Beradt, *Sonhos no Terceiro Reich: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler*. São Paulo: Três Estrelas.

Dunker, C; Gurski, R; Perrone, C; Rosa, M. (2019). O sonho e o despertar em Freud e Benjamin: a oniropolítica em construção. In: *O sonho e o despertar em Freud e Benjamin: a oniropolítica em construção* [evento]. São Paulo, IPUSP. Disponível em: <https://bit.ly/3vQG1rF>

Dunker, C; Perrone, C; Iannini, G; Rosa, M; Gurski, R. (2021). *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.

Dunker, C; Gaião, A; Brose, E; Queiroz, J. P. P; David, P; Moura, P. C; Bazzo, R; Gonsalves, R; Ravanello, T. (2021). “Políticos”: Sonhos como apresentação perspectiva na pandemia. In: Dunker, C; Perrone, C; Iannini, G; Rosa, M; Gurski, R. *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.

Endo, Paulo. (2008). Partilha, testemunho e formas contemporâneas do excessivo. *Ide*, 31(47), 70-74. Recuperado em 26 de setembro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062008000200012&lng=pt&tlng=pt.

Endo, P. C. (2009). Violências, elaboração onírica e o horizonte testemunhal. *Temas em Psicologia*, vol. 17, núm. 2, pp. 343-349.

Ferenczi, S. (1932/1990). *Diário Clínico*. São Paulo: Martins Fontes.

Fanon, F. (1968). *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Editora Edufba.

Faria, M. R. (2021). *Real, simbólico e imaginário no ensino de Jacques Lacan*. Toro Editora; 1ª edição.

FBSP. (2020). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020*. Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/>

Fernandes, R. M. F. (2006). O sono normal. *Medicina (Ribeirão Preto)*, 39(2), 157-168. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v39i2p157-168>

Freud, S. (1900/2019). *A interpretação dos sonhos*. 1ª edição. São Paulo, Companhia das Letras.

Freud, S. (1901/2021). Sobre os sonhos. In: S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 05, pp. 377-445). São Paulo, Companhia das Letras.

Freud, S. (1914/2014). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 10, pp. 193-209). São Paulo, Companhia das Letras.

Freud, S. (1917/2010). Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos . In S Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol 12, pp. 114-127). São Paulo, Companhia das Letras.

Freud, S. (1920/2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 161-239). São Paulo, Companhia das Letras.

Freud, S. (1930/2011). *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Penguin Class Companhia das Letras.

Freud, S. (1932/2010). Revisão na teoria do sonho. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 126-157). São Paulo, Companhia das Letras.

Gonçalves, L. J. M. (2019). *O campo e o capim: investigações sobre o sonhar nos Kamaiurá*. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo (USP). São Paulo.

Gonzalez, L. (2020). *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos*. Rio Janeiro: Zahar.

Grosfoguel, R. (2016). A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 23-47.

Gurski, R. & Perrone, C. (2021). “Constelação”: Sonhos, psicanálise e política em tempos de pandemia. In: Dunker, C; Perrone, C; Iannini, G; Rosa, M; Gurski, R. *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.

- Han, B. (2017). *Sociedade do cansaço*. 2ª Edição ampliada. Petrópolis, Rio de Janeiro.
- Iannini, G. (2021). Dossiê | Sonhos aprisionados. In: Dossiê Sonhos Aprisionados: com que sonharam os brasileiros em 2020. *Cult – Revista Brasileira de Cultura*, São Paulo, ano 24, edição 266.
- Iannini, G.; Gerber, K. F.; Cárdenas, O. D. M.; Tvardovskas, L. S.; Rodrigues, G. H. (2021). “Presente”: Tempos de sonhar. In: Dunker, C; Perrone, C; Iannini, G; Rosa, M; Gurski, R. *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.
- Imbrizi, J. M. (2019). Arte e sonho como aliados nas pesquisas com juventudes. *Clínica & Cultura*, 8(2), 34-48.
- Imbrizi, J. M. & Domingues, A. (2021). Narrativas oníricas e a partilha de experiências (extra)ordinárias. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 25 (suppl. 1), e200805.
- Imbrizi, J. M., Gomes, M. & Binkowski, G. (2021). O trem da vida e o metrô para a morte: arte e sonho interpelam sujeitos políticos em tempos pandêmicos. *Deslocamentos/Déplacements: Revista Franco-Brasileira Interdisciplinar De psicanálise E Ciências Sociais*, 2, 26–73.
- Jakobson, R. (1982). *Linguística e comunicação*. 11ª ed. São Paulo: Cultrix.
- Jorge, M. A. C. (2005). As quatro dimensões do despertar - sonho, fantasia, delírio, ilusão. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online], v. 8, n. 2, pp. 275-289.
- Jorge, M. A. C. (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Jorge, M. A. C. (2017) *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.3: a prática analítica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Kaes, R. (2004). *A polifonia do sonho: a experiência onírica comum e compartilhada*. Aparecida, SP. Editora Ideias & Letras.
- Kehl, M. R. (2018). Prefácio. Em M. D. Rosa. *A Clínica Psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta.
- Kopenawa, D. & Albert, B. (2015). *A queda do céu. Palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Koretsky, C. (2019). *Sueños y despertares: una elucidación psicoanalítica*. Olivos: Grama Ediciones.
- Krenak, A. (2020a). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020b). *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Lacan, J. (1953/2005). O simbólico, o imaginário e o real. In: Nomes-do-pai (pp. 9-53). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1977). Une pratique de bavardage. Em: *Ornicar?*, 19, Paris: Lyse.
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Lacan, J. (1998). O tempo lógico e asserção de uma certeza antecipada. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lane, S. T. M. (1984). O processo grupal. In S. T. M. Lane & W. Codo (Eds.), *Psicologia Social: O homem em movimento* (pp. 78-98). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Leite, L. F. de Q. A. (2008). *Um estudo sobre os sonhos no candomblé*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
- Leite, L. F. de Q. A. (2013). Algumas categorias para análise dos sonhos no candomblé. *Revista Prelúdios*, 1(1). <https://doi.org/10.9771/revpre.v1i1.14193>
- Limulja, H. (2022). *O desejo dos outros: Uma etnografia dos sonhos yanomami*. São Paulo: Ubu Editora.
- Lincoln, J. S. (2003). *The Dream in Native American and other Primitive Cultures*. Hoboken: Dover.
- Lucchesi, L. M. et al. (2005). O sono em transtornos psiquiátricos. *Brazilian Journal of Psychiatry* [online]. v. 27, suppl 1, pp. 27-32. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462005000500006>>.
- Martins, S. T. F. (2007). Psicologia social e processo grupal: a coerência entre fazer, pensar e sentir em Sílvia Lane. *Psicologia & Sociedade*, 19 (spe2), 76-80.
- Mbembe, A. (2016). Necropolítica. *Arte e Ensaios*, (32), 123-151.
- Mota, N. B. (2017). *Mapeamento mental através da análise computacional do discurso*. Tese (Doutorado em Neurociências) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Moura, A. M. de., Aragão, M. B. de M., Conceição, D. C. de O., & Seixas, K. B. (2022). Eficácia terapêutica da ayahuasca em pacientes com transtornos mentais baseada em estudos clínicos: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 11(4), e22211427182. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i4.27182>
- Nakagawa, C. I. (2020). Trauma e sentido, culpa e perdão, vergonha e honra nos hibakushas: um estudo de testemunhos e seus paradoxos. Tese de Doutorado, Instituto de

Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
<https://doi.org/10.11606/T.47.2020.tde-28052020-164252>

Netto, G. C. (2019). *Relatório de Pesquisa referente ao Projeto de Iniciação Científica intitulado “Compartilhando sonhos com adolescentes e jovens que frequentam oficinas de música: da produção onírica à construção de um projeto de vida”*. Pibic/CNPq: Universidade Federal de São Paulo: Campus Baixada Santista.

Ong, R. K. (1981). *The Interpretation of Dreams in Ancient China*. Mestrado em Artes, Vancouver, University of British Columbia.

Pereira, M. E. C. (2002). Boa noite, amado Príncipe. Ou notas psicanalíticas sobre a insônia, o repouso e a morte na tragédia de Hamlet. *Psychê*, vol. VI, núm. 10, pp. 19-38. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30701002>

Pereira, M. E. C. (2003). A insônia, o sono ruim e o dormir em paz: a “erótica do sono” em tempos de Lexotan. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* [online]. v. 6, n. 2, pp. 126-144. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-47142003002009>.

Pereira, E. F. et al. (2011). Sono, trabalho e estudo: duração do sono em estudantes trabalhadores e não trabalhadores. *Cadernos de Saúde Pública* [online]. v. 27, n. 5, pp. 975-984. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011000500015>.

Pereira, B. V. C. (2020). O parentesco entre Hypnos e Thanatos na Apologia de Sócrates e algumas inovações platônicas acerca da morte. - *Revista Enunciação* - v. 5, n.1.

Reichert, N. L.; Suyenaga, E. S.; Sfair, L. L.; Sgaravatti, A. M. (2022). Efeitos da microdosagem de LSD e psilocibina: uma revisão de literatura. *Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria*. v. 26, n. 1, p. 32-48.

Ribeiro, S. (2003). Sonho, memória e o reencontro de Freud com o cérebro. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 25(2), 59-63.

Ribeiro S. (2019). *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras.

Ribeiro, S. (2022). *Sonho manifesto: dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico*. São Paulo: Companhia das Letras.

Rosa, M. D. (2013). Psicanálise implicada vicissitudes das práticas clinicopolíticas. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 41, 29-40.

Rosa, M. D. (2018). *A Clínica Psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta. 2ª Edição.

Rosa, M.D.; Alencar, S. L.; Broide, E. E.; Cerruti, M. Q.; Alencar, R.; Mountian, I.; Ferreira, P. P.; Estevão, I. R.; Prudente, S. E. L. (2021). “Despertar”: Você me dá seu sonho? Por uma política do despertar. In: Dunker, C; Perrone, C; Iannini, G; Rosa, M; Gurski, R. *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.

Ruggiero, A. S. (2022). (Des)controle entre a memória coletiva e a cultura digital. *Revista ARA*, 12(12), 17-28. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8354.v12i12p17-28>

Safatle, V. (2014). Posfácio – Aquele que diz “não”: sobre um modo peculiar de falar de si. In: S, Freud. *A negação*. São Paulo: Cosac Naif.

Santos, A. O. (2010). Gestão coletiva dos sonhos: elementos para uma psicologia da diferença. *Mnemosine*, v. 6, n. 2, p. 59-76.

Santos, A. O. (2019). A tecnologia de gestão coletiva dos sonhos. *Fractal: Revista de Psicologia* [online]. v. 31, n. 1, pp. 27-34.

Santos, M. (2017). Os Migrantes no lugar: da memória à Descoberta. In *A natureza do Espaço*. São Paulo: Edusp.

Santos-Coelho, F. M. (2020). Impacto da privação de sono sobre cérebro, comportamento e emoções. *Revista Med Int Mex*, 36: 1, 17-19. Consultado a 16.10.2021, em: <https://www.medigraphic.com/pdfs/medintmex/mim-2020/mims201f.pdf>.

Tavares, F. (2005). *Memórias do esquecimento: os segredos dos porões da ditadura*. 5ªEd. Rio de Janeiro, Record.

Tedlock, B. (1991). The new anthropology of dreaming. *ASD Journal Dreaming*, v. 1, n. 2. Disponível em: www.asdreams.org/journal/articles/1-2tedlock1991.htm

Webb, W. B. & Agnew, H. W. (1975). Are We Chronically Sleep Deprived?. *Bulletin of the Psychonomic Society* 6, pp. 47-8.